

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CAMPUS DE MARÍLIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS**

Edgar Indalecio Smaniotto

**UMA ANÁLISE DO CONCEITO ANTROPOLÓGICO
DO “OUTRO” NA OBRA DO ESCRITOR AUGUSTO
EMÍLIO ZALUAR**

Marília – SP

2007

Edgar Indalecio Smaniotto

**UMA ANÁLISE DO CONCEITO ANTROPOLÓGICO
DO “OUTRO” NA OBRA DO ESCRITOR AUGUSTO
EMÍLIO ZALUAR**

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de Marília, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais (Linha de Pesquisa: Cultura, Identidade e Memória).

Orientadora: Dr.^a Christina de Rezende Rubim.

Marília – SP

2007

SMANIOTTO, Edgar Indalecio.

UMA ANÁLISE DO CONCEITO ANTROPOLÓGICO DO “OUTRO” NA OBRA DO ESCRITOR AUGUSTO EMÍLIO ZALUAR. / Edgar Indalecio Smaniotto. Marília, SP: UNESP / FFC, 2007, 144 pp.

Orientadora: Dr.^a Christina de Rezende Rubim

Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, UNESP / FFC – Marília.

1– Outro

2 – Antropologia

3 – Monogenismo

4 – Ficção científica

5 – Mito

4 – Cultura

Edgar Indalecio Smaniotto

**UMA ANÁLISE DO CONCEITO ANTROPOLÓGICO
DO “OUTRO” NA OBRA DO ESCRITOR AUGUSTO
EMÍLIO ZALUAR**

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de Marília, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais (Linha de Pesquisa: Cultura, Identidade e Memória).

Aprovada em:

Conceito:

BANCA EXAMINADORA:

Professora Doutora Christina de Rezende Rubim (Orientadora)

Professor Doutor Wilton Carlos Lima da Silva

Professora Doutora Viviane Souza Galvão

Professor Doutor Giovanni Antônio Pinto Alves (Suplente)

Professora Doutora Ruth Kunzli (Suplente)

*À minha querida Karina,
esposa dedicada que, com seu inteligente e carinhoso desvelo, me
permitiu a tranquilidade indispensável à realização deste
modesto, porém exaustivo, trabalho.*

*À Christina de Rezende Rubim, mestra querida com quem aprendi a
conhecer a fascinante ciência antropológica.*

Aos meus pais, Elídio Smaniotto e Carmem Lúcia Alves.

“Através da abundante e espantosa literatura chamada de ficção científica, sobressai no entanto a aventura de um espírito quase adolescente ainda, que se desdobra à medida do planeta, se empenha numa reflexão na escala cósmica e situa, de maneira diferente, o destino humano no vasto Universo. Mas o estudo de semelhante literatura, tão comparável à tradição oral dos narradores antigos, e que dá provas dos profundos movimentos da inteligência em marcha, não é coisa séria para os sociólogos.”

Louis Pauwels e Jacques Bergier, O Despertar dos Mágicos.

“Pois o ‘abismo’ de C. P. Snow entre as duas culturas começou a ser atravessado, repetidamente, por espíritos livres que simplesmente se recusaram a aceitar categorias empertigadamente traçadas. De fato a ficção científica uniu o vazio das duas culturas com uma via expressa.”

David Brin , Nós, os hobbits: uma reavaliação imprudente e herética de J. R. R. Tolkien.

“Em vez de mapear a cultura e m uma hierarquia epistêmico-ontológica tendo no topo o lógico, o objetivo e o científico, e na base o retórico, o subjetivo e o não científico, devêssemos mapear a cultura por meio de um espectro sociológico, criando uma linha que vai da esquerda caótica, onde os critérios são constantemente mudados, até a direita auto-satisfeita, onde os critérios são fixos, ao menos no momento.”

Richard Rorty, Thomas Kuhn, as Pedras e as Leis da Física.

RESUMO

Este trabalho trata do conceito do “outro” enquanto um termo antropológico.

Seu principal objetivo é mostrar a absorção e uso deste conceito na obra *O Dr. Benignus* de Augusto Emílio Zaluar (1826-1882) num momento em que a repercussão do pensamento europeu era absolvida por escritores e intelectuais brasileiros no século XIX, especialmente a daquele pensamento que trata da ciência das diferenças entre os homens, isto é, do “outro”, do alienígena.

Analisando a obra *O Dr. Benignus*, observamos as formas distintas com que o conceito do outro foi interpretado pelo escritor brasileiro. Pelo menos três formas diferentes foram encontradas na obra para representar o conceito do “outro”: a experiência do personagem William River “antropólogo” que não consegue sair do mundo do “outro”; a defesa de uma teoria monogenista autoctonista que assimila o nativo americano ao mito do Brasil como país onde a humanidade teve sua origem tornando este “outro” parte da cultura dominante; e a representação do “outro” civilizado no personagem do alienígena.

Através da revisão da literatura especializada, seja em antropologia, história da ciência ou ficção, apresentamos uma reconstrução histórica do pensamento de Augusto Emílio Zaluar, delimitando seu papel na divulgação da nascente ciência das diferenças entre os homens e dos usos que ele dá ao conceito antropológico do “outro”.

Para além de uma discussão no campo da história da ciência das diferenças entre os homens, nossa análise nos levou a tecer uma linha entre a representação do “outro” que Zaluar faz na forma com que apresenta o alienígena como personagem de sua ficção, e a forma com que este ainda permanece como um mito cultural na ficção científica brasileira moderna, identificando tanto a continuidade quanto a superação da forma com que o “outro” é representado na literatura brasileira, sempre pela perspectiva da antropologia.

Palavras-Chave: outro, antropologia, monogenismo, ficção científica, mito, cultura.

ABSTRACT

This paper discusses the concept of “other” as an anthropological term.

Its main objective is to show the assimilation and the use of this concept in *O Dr. Benignus* by Augusto Emílio Zaluar (1826-1882) in times when the repercussion of European thoughts was absorbed by Brazilian writers and intellectuals in the 19th century, specially the thought about de science of difference between men, i.e. the “other”, the alien.

Analyzing the book *O Dr. Benignus*, we could observe the distinct forms that the Brazilian writer interpreted the concept of other. At least three different forms were found in the book to represent the concept of “other”: the experience of William River’s character, the anthropologist, who can’t leave the “other’s” world; the defense of a autochthonist monogenist theory that assimilates the Native American to the myth of Brazil as a country where humanity had its origin, turning this “other” a part of the dominating culture; and the representation of the civilized “other” in the alien character.

Through the review of specialized literature, be it in anthropology, science history or fiction, we present a historical reconstruction of the thought of Augusto Emílio Zaluar, delimiting his role in the disclosure of the beginning science of the differences between men and how they use the anthropological concept of “other”.

To go beyond the discussion of the differences between men in the History of Science, our analysis made us draw a line from Zaluar’s representation of “other” as in how he presents the alien as a character in his fiction to the form as it continues to be a cultural myth in modern Brazilian science fiction, identifying the continuity as well as the overcoming of the form the “other” is represented in the Brazilian literature, always in the anthropology perspective.

Key-words: other, anthropology, monogenism, science fiction, myth, culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 AUGUSTO EMILIO ZALUAR: ESBOÇO DE UMA TRAJETÓRIA.....	19
1.1 Redator, articulista e tradutor.....	19
1.2 O homem de letras.....	22
1.3 As obras não-literárias.....	28
2 ENTRE O RELATO DE VIAGEM E A MODERNA ANTROPOLOGIA.....	37
2.1 O relato de viagem.....	37
2.2 Uma pré-figuração da antropologia.....	44
2.3 O antropólogo no mundo do “outro”.....	47
3 A ORIGEM DO HOMEM: MONOGENISMO E POLIGENISMO.....	56
4 SERES IMAGINÁRIOS DO ESPAÇO.....	67
4.1 Pluralidade dos mundos habitados.....	67
4.2 O alienígena na obra de Zaluar.....	81
5 ESTABELECENDO COMPARAÇÕES: O DOUTOR BENIGNUS DIANTE DO ROMANCE CIENTÍFICO EUROPEU.....	88
5.1 Júlio Verne e Augusto Emílio Zaluar.....	89
5.2 H. G. Wells e Augusto Emílio Zaluar.....	93
6 A FORMAÇÃO DE UM MITO CULTURAL: O ALIENÍGENA NA LITERATURA BRASILEIRA.....	105
6.1 A formação do mito cultural do alienígena.....	105
6.2 O alienígena na ficção brasileira após Zaluar.....	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	129
ANEXO A – Cartaz de Toulouse Loutrec.....	144

INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é compreender a repercussão do pensamento europeu no Brasil do século XIX, especialmente daquele que trata da ciência das diferenças entre os homens, isto é, do “outro”, do alienígena.

Nossas leituras, salvo engano, nos levaram a constatar que os estudos acerca dos reflexos do pensamento europeu que trata das diferenças entre os homens no século XIX no Brasil foram desenvolvidos geralmente a partir da análise de instituições (SCHWARCZ, 1993 e SCHWARTZMAN, 2003), ou de autores consagrados pela academia (CORRÊA, 2001). Tendo em vista este panorama, buscamos uma outra via de acesso em nossa pesquisa que nos possibilitaria contribuir com o estudo da ciência das diferenças entre os homens no Brasil.

Se não pretendíamos pesquisar instituições nem pensadores sociais, procuramos na literatura essa nova via de acesso. Tivemos por norte a representação que os escritores brasileiros faziam acerca do outro (negro, índio, europeu etc.), em seus romances. Era imprescindível, entretanto, delimitarmos nossa pesquisa a um período de tempo, a um autor ou a uma obra específica. Uma vez que tínhamos uma certa experiência na análise e comentário de obras específicas (adquirida durante nosso curso de graduação em filosofia), optamos pelo estudo de uma obra literária específica.

Para tanto, estruturamos nossas referências metodológicas a partir da análise internalista de Lévi-Strauss (2004), que propõe examinar a produção literária e científica de um autor ou comunidade, recuperando o diálogo interno de sua própria obra e buscando reconstruir a lógica da composição interna desta, pois “*a principal tarefa do intérprete é restituir a unidade indissolúvel do pensamento do autor estudado, sendo fiel ao que ele escreve*” (GOLDSCHMIDT, 1963).

Poderíamos ter optado por trabalhar com uma obra de autor consagrado pela tradição literária brasileira, José de Alencar ou Machado de Assis, entretanto buscamos como objeto desta a obra de um autor marginal, mas que tivesse um público leitor (este seria identificado através da publicação ou não da referida obra nos últimos 20 anos), e que também influenciasse alguma corrente literária cujos membros estivessem publicando seus textos até pelo menos o final do século XX.

Após pesquisa inicial, escolhemos trabalhar com o livro “O Dr. Benignus¹” de Augusto Emílio Zaluar. A idéia de ter neste romance nosso objeto de pesquisa foi sendo construída a partir da observação de que ele possibilitava diversas chaves de compreensão para o leitor: crítica literária (ponto de origem da ficção científica brasileira), história da ciência (uma das primeiras obras de divulgação científica brasileira) e crítica filosófica (enquanto defensora da hipótese filosófica da pluralidade dos mundos habitados).

Todas estas leituras podem ser usadas para sua análise, entretanto é no conceito antropológico do “outro”, que encontramos nossa chave de interpretação para compreender *O Dr. Benignus*. E é justamente a utilização feita por Zaluar do conceito antropológico do “outro”, que torna a análise de sua obra importante para os estudos acerca da ciência das diferenças entre os homens no Brasil, no século XIX.

Neste período, particularmente na Europa, a ciência das diferenças entre os homens estava dividida entre aqueles que pretendiam fazer dela uma ciência da natureza e aqueles que queriam aproximá-la da história e da filosofia, como afirma Sol Tax:

Na época moderna, o período de trinta anos, de 1840, mais ou menos, até 1870, constitui o mais importante para o estudo do homem. Poder-se-ia, mesmo, chamar-lhe “Guerra dos Trinta Anos”, guerra entre duas palavras, etnologia e Antropologia; guerra entre aqueles que eram historiadores e filósofos, de um lado, e os que defendiam a Ciência, particularmente a Biologia (e quaisquer conclusões a que ela conduzisse), de outro: guerra entre humanitaristas, cuja a ciência se relaciona com a causa que defendiam, e puros cientistas, dispostos a separar a verdade científica de todas as outras preocupações humanas. (TAX, [S.D.], p. 9-10)

Se a antropologia européia nasce como uma ciência cindida entre estas duas alas, dando a ela um caráter interno de competição, ao mesmo tempo em que disputava um lugar entre as ciências estabelecidas, no Brasil se via diante de uma disputa semelhante à que acontecia na Europa. Mas com uma peculiaridade: aqui, além da disputa entre etnógrafos e antropólogos, a literatura (romantismo naturalista), também tomava para si um lugar de direito na interpretação etnográfica do homem brasileiro (o índio).

Augusto Emílio Zaluar vai também se inserir neste debate com a publicação do romance *O Dr. Benignus*. Entretanto não fará do índio apenas representação heróica (como nas obras de José de Alencar) ele discutirá, utilizando-se da ciência de sua época, a hipótese

¹ **O Dr. Benignus**, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. Edição crítica, com várias introduções e uma explicação técnica quanto aos critérios de modernização da linguagem, e feita a partir da edição em livros, em dois volumes, de 1875. Há indicações que o romance teve uma edição anterior em forma de folhetim, fato comum na época, contidas na seção “Ao Leitor” (p. 27): “Agradeço cordialmente à ilustrada redação do O GLOBO a benevolência com que acolheu o meu trabalho, que hoje principio a publicar..”.

do monogenismo do homem americano e utilizará o mito do alienígena (já presente na filosofia da pluralidade dos mundos habitados), como representação do outro (o civilizado europeu). Por fim, Zaluar também discutirá a dificuldade encontrada pelo antropólogo em sair do mundo do outro.

Uma vez tendo definido o objeto da pesquisa (o livro *O Dr. Benignus*) e o conceito norteador de sua leitura (o outro), buscamos recursos metodológicos para nossa análise. Mas, ao tratar de um autor do século XIX, não podemos esquecer que no Brasil Imperial formaram-se alguns movimentos intelectuais que se passaram a reunir em Grupos Literários² e Sociedades Científicas³. Esses estudiosos se subdividiam conforme a adesão a correntes intelectuais européias – cientificismo, positivismo, liberalismo, spencerianismo, darwinismo social, ou segundo as instituições científicas ou políticas das quais faziam parte.

Um possível retrato a ser feito dessa comunidade de intelectuais possivelmente apontaria para um sincretismo, ou mesmo para um caos teórico: intelectuais imitativos, deslumbrados com modas européias, com suas preferências oscilando ao seu sabor.

Esses intelectuais teriam se constituído em um grupo mais interessado em imitar teorias estrangeiras do que interpretar a realidade nacional, salvo honrosas exceções, principalmente Machado de Assis (SCHWARZ, 2000) e Joaquim Nabuco (MORICONI, 2001). Nestes dois casos, temos intelectuais que sempre foram vistos como exceções à regra, servindo como norte para análises que produzirão conhecimentos acerca dos dilemas estruturais da sociedade brasileira do século XIX.

Mas, e quanto àqueles “autores menores”, que representam a maior parte deste universo? Geralmente são reduzidos às posições sociais que ocupam, aos sistemas de idéias que defendiam ou à coletividade de membros de um determinado Grupo Literário ou Sociedade Científica.

² Entre as diversas sociedades literárias existentes na época, preferimos citar aquelas que reuniam portugueses tais como Zaluar, apesar de este ser naturalizado brasileiro, ou eram de caráter misto. Podemos destacar a Sociedade Ensaio Literários, criada em 4 de dezembro de 1859 e inaugurada a 1º de janeiro do ano seguinte, no Rio de Janeiro, por iniciativa de Feliciano Teixeira Leitão. O Grêmio Literário Português, fundado em 1855 por rapazes que trabalhavam no comércio e que, nos momentos de ócio da dura vida de caixeiro, recorriam à literatura para se libertar da rotina. Eles chegaram a publicar uma revista, *A Saudade*. Em 1859, foi fundado o Retiro Literário Português, que também dava cursos profissionalizantes. Já em 1865 foi fundada a sociedade que se tornaria a mais importante da época devido aos membros que dela faziam parte. A Arcádia Fluminense contava com a presença de alguns jovens poetas, como Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Bethencourt da Silva e Augusto Emilio Zaluar, o mais experiente deles (MACHADO, 2001, p. 272-273).

³ Durante o século XIX, foram fundadas diversas instituições científicas: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838), o Museu Nacional (1808), o Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (1868), o Museu Paraense Emílio Goeldi (1866), O Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Alagoano (1869) e o Museu Paulista (1895). Ver: Azevedo (1955), Lopes (2001), Schwarcz (1993), Schwartzman (2001).

Muitos desses intelectuais também tiveram uma autonomia de idéias para além dos grupos políticos e científico-literários de que participavam, ou dos sistemas filosófico-científicos europeus, mesmo não tendo o mesmo reconhecimento intelectual de Machado ou Nabuco, mas começaram a ser mais bem estudados. Podemos citar os filósofos Gonçalves de Magalhães, Tobias Barreto e Farias Brito (CERQUEIRA, 2002), o astrônomo Luiz Cruls (VIDEIRA, 2001), e o poeta Gonçalves Dias (KURY, 2001).

Esses novos estudos revelam que aqueles intelectuais nem eram alheios à realidade nacional nem visavam apenas a “regurgitar” teorias estrangeiras. Estas não eram adotadas aleatoriamente, sofrendo um processo de triagem política, cognitiva e social, principalmente através do sincretismo que tornava filosofias e “visões de mundo”, conflitantes na Europa, irmãs no Brasil.

Ora, se retornarmos à Grécia Antiga ou ao Renascimento Italiana (TARNAS, [sd]), para citarmos os exemplos mais óbvios e conhecidos, sem dúvida não nos escapara o papel importante que teve o sincretismo para o desenvolvimento ocorrido nesses períodos, o que guardadas as devidas proporções, também ocorreu no Brasil do século XIX.

As obras desses intelectuais revelam uma tentativa genuína de movimento de uma situação de dependência intelectual para uma autonomia, ainda que esta não seja completa, postulando críticas e defesas ao sistema político dominante, programas de reforma, teorias filosóficas, postulados científicos e propostas para um Brasil futuro. Este é o período em que “*um bando de idéias novas avoaçava sobre todos nós, de todos os pontos do horizonte*”... (ROMERO, 1926, p. 22).

É em meio a este movimento intelectual que Augusto Emílio Zaluar (1825–1882), vai se apropriar do conceito do “outro” interpretando e representando este através de uma perspectiva própria. Teremos por objeto justamente a análise deste processo e suas influências na literatura brasileira contemporânea. Salientamos que nossa investigação não abarcará a totalidade da produção bibliográfica de Augusto Emílio Zaluar; nos ateremos particularmente na obra *O Dr. Benignus*.

Este estudo nos possibilitara analisar o conceito do “outro” desenvolvido por Zaluar, e aprofundar as investigações, feitas por diversos autores, referentes à constituição do campo das ciências sociais no Brasil no século XIX, momento de constituição institucional e epistemológica destas disciplinas.

Segundo Corrêa (1987), temos uma abundância de literatura a respeito da composição ideológica da intelectualidade brasileira, mas uma escassez de reflexões a respeito de sua

atuação concreta e produção intelectual. O que propomos é justamente uma reflexão sobre a produção intelectual de Zaluar, ainda que restrita a apenas uma de suas obras.

Assim, ao analisarmos a referida obra de Zaluar [que é praticamente desconhecida dos pesquisadores da área⁴], pretendemos transformá-la numa fonte bibliográfica significativa para os pesquisadores da formação do pensamento social brasileiro, uma vez que não temos conhecimento de pesquisas sobre divulgação antropológica romanceada no Brasil, que tenha por tema norteador o conceito antropológico do outro⁵.

Lembramos que a história da constituição do campo da antropologia no Brasil – o que alguns autores (CORRÊA, 1987, 2001 e RUBIM, 1996) chamariam de pré-história da disciplina – tem sido feita seguindo mais ou menos as mesmas linhas, mas com uma acentuada ênfase temática nas instituições (RUBIM, 1996), principalmente porque a passagem do poder colonial para os sujeitos da soberania nacional coincide com a fundação de instituições de saber, onde a antropologia vai aos poucos se construindo, o que não deixará de ter conseqüências em sua história (CORRÊA, 2001).

Através da leitura crítica de *O Doutor Benignus*, de Zaluar, segundo a perspectiva da etnografia do pensamento (GEERTZ, 1997), procuraremos contribuir para a história da constituição e desenvolvimento do campo da antropologia no Brasil, seguindo uma abordagem e um tratamento analítico circunstanciado na referida obra. A etnografia do pensamento é um modo de compreensão possível do pensamento que uma determinada cultura (aqui usada em sentido amplo) tem de si mesmo.

⁴ Não achamos referência alguma além de obras que abordam a história da ficção científica. Podemos destacar como obras básicas para entender o gênero literário os trabalhos de: Asimov (1984); Carneiro (1968); Causo (2003); Cunha (S. D.); Oliveira (2001); Otero (1987); Schoederer (1986), e a introdução de Alba Zaluar ao *O Dr. Benignus*, sua obra mais conhecida é *Peregrinações pela Província de São Paulo (1860–1861)*, citada por diversos historiadores, principalmente Sérgio Buarque de Holanda (HOLANDA apud TAUNAY, 1975).

⁵ Seria Edgard Roquette-Pinto (1884-1954), a se dedicar na primeira metade do século XX, mais intensamente a divulgação das ciências em geral e da antropologia. Formado em medicina, mas antropólogo de profissão, Edgard Roquette-Pinto, participaria da fundação da Academia Brasileira de Ciências, onde por sua iniciativa foi criada a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, projetada para ser uma “escola” de ciência e cultura para todos os brasileiros analfabetos. Também fundou o Serviço de Assistência ao Ensino e sua filмотeca que distribuiria filmes e slides para o ensino de ciências naturais, participou da criação de diversas revistas de divulgação científica (Radio, Electron e Revista Nacional de Educação), e em conjunto com o cineasta Humberto Mauro criou o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE) que produziu e distribuiu nas escolas filmes sobre descobertas científicas, cidades históricas, higiene, biologia, literatura etc. Ver: LIMA, Nísia. SÁ, Dominichi de. **Um Mestre da Ciência para Todos**. Revista Nossa História. Ano 2, n.º 17 de março de 2005. Rio de Janeiro: Editora Vera Cruz. p. 72-75.

Pretendemos, assim, articular o texto *O Dr. Benignus*, às teorias científicas⁶ e ao pensamento e à cultura que o perpassam, visando à compreensão da utilização do conceito do “outro” por Zaluar. A análise que estamos propondo, com efeito, possibilitará a articulação e a disputa de legitimidade entre o saber antropológico, científico e literário (LEPENIES, 1996), encontrados na obra de Zaluar. Poderemos então entender, na dimensão discursiva, como esses campos do conhecimento percorrem uma mesma trajetória empírica, não sendo praticadas em domínios.

Nesta perspectiva, a obra de Zaluar se torna indispensável para entender essa virada epistêmico/cultural dentro do pensamento social brasileiro, na medida em que se propõe a ser “*um transunto das idéias de seu tempo*” (ZALUAR, 1994, p. 28), ao mesmo tempo em que pretende contribuir para o que o próprio autor denomina de pesquisa antropológica.

Ao analisar essa dimensão do pensamento social brasileiro – hoje reconhecidamente chamado de antropologia – que ao imbricar com outros saberes⁷, estipulou critérios classificatórios sobre o teor civilizatório das sociedades indígenas com pretensões de legitimar – cientificamente – a manutenção do projeto político e centralizador da monarquia, integrando-se, por meio das expedições científicas⁸, com outras ciências, para colaborar com a composição de um maior conhecimento do espaço da nação (PEIRANO, 1991).

⁶ O conceito de “teorias científicas” – que também vale para “textos científicos” – é usado por nos neste trabalho num sentido amplo. De uma maneira geral se refere:

1. Às teorias sobre o homem e a sociedade elaboradas ao longo dos séculos XVIII e XIX, cujas origens se encontram na física e na história natural, ou na consideração do homem como extensão e / ou complexificação do mundo físico ou do reino animal.
2. Às disciplinas científicas constituídas no mesmo contexto em torno do homem e das sociedades, como a Antropologia, a Psicologia, a Sociologia etc.
3. Aos saberes e disciplinas que, no contexto de elaboração de *O Dr. Benignus*, na última metade do século XIX, adotaram o discurso da ciência com a pretensão de se transformar-se em ciência, como a História, a Crítica Literária e mesmo um certo tipo de literatura, produzida no âmbito do romance naturalista, no qual *O Dr. Benignus* se insere que estava muito em voga, especialmente na França de Júlio Verne e Camille de Flammarion.
4. A paradigmas como o evolucionismo ou o positivismo que propõem uma perspectiva sistêmica que pretende abarcar tanto o mundo físico da natureza como o mundo humano e social.
5. Às teorias que, tomando emprestado da ciência o conceito de raça, propõem, fora do quadro conceitual das ciências, classificações e hierarquias para os seres humanos e as sociedades.
6. Às teorias científicas até então em voga, que podemos nomear de forma genérica como Filosofia Pluralista, esta que trata da existência de seres extraterrestres. Até o final do século XIX, essas teorias eram tratadas por cientistas de peso como Sir William Herschel e Nicolas Camille Flammarion

⁷ No caso específico da obra de Zaluar, será interessante principalmente um aprofundamento maior das relações que este estabelece entre a pesquisa antropológica e astronômica, a que seu personagem se dedica simultaneamente, tentando ligá-las para formar uma teoria evolucionista que dê primazia ao continente sul-americano como berço da humanidade, tema até então defendido por antropólogos como Ladislau Netto, que discutiam as hipóteses de ocupação mediterrânea e bíblica da América. Ver Netto (1876, 1877, 1885).

⁸ O próprio Zaluar comenta no livro várias destas expedições antropológicas. Segue o nome do naturalista que comandou cada expedição e o capítulo que aparece na obra de Zaluar: Saint Hilaire (XIV, XXIV, XXV), Spix e

Pretendemos, ao estudar o conceito do “outro” no pensamento de Augusto Emílio Zaluar, justamente dar uma contribuição ao que Mariza Corrêa (2001) denomina de uma historiografia ainda frágil dos intelectuais brasileiros e da formação do campo da antropologia no Brasil, especialmente ao período denominado de pré-científico.

Segundo o referencial metodológico proposto por Geertz (1997),

O pensamento (qualquer tipo de pensamento: o de Lord Russell ou do Barão Corvo, o de Einstein ou de algum caçador esquimó) deve ser compreendido “etnograficamente”, ou seja, através de uma descrição daquele mundo específico onde este pensamento faz sentido. (p. 227)

Qualquer estudo que use como referência a etnografia do pensamento deve ser um empreendimento histórico, sociológico, comparativo, interpretativo, e um pouco escorregadiço, tendo por objetivo tornar assuntos obscuros mais inteligíveis (Geertz, 1997).

Ao analisar o conceito do “outro” poderemos, através do arcabouço metodológico da etnografia do pensamento, tratar da diversidade de temas e concepções apresentadas e inerentes ao conceito (da forma como é apresentado por Zaluar), e seus desdobramentos (no campo das discussões da ciência das diferenças entre os homens no século XIX até a literatura de ficção científica contemporânea).

Trata-se de uma reflexão que parte dos modos de fazer da Semiótica⁹ para tratar dos processos de significação, das relações, das mediações ou, ainda, dos processos de significação do conceito do outro no texto de Augusto Emilio Zaluar e seus desdobramentos. Todos estes processos não podem ser tratados de forma que sejam apenas um auxílio na interpretação da obra, pois, tudo aquilo que ela contém em seu interior, seja de caráter científico, literário, cultural ou aquele aglomerado de histórias plausíveis que chamamos de senso comum, é de vital importância para o seu entendimento.

Uma das premissas mais importantes deste método é que:

As varias disciplinas (ou matrizes disciplinares) humanistas, científicas-naturais, ou sócio-científicas, que compõem o discurso disperso da academia moderna, são mais que simples posições intelectuais vantajosas. São, para invocar uma fórmula de Heidegger, modos de estar no mundo; ou formas de vida, para usar uma expressão wittgensteiniana, ou ainda variedade da experiência intelectual, adaptando de James. (Geertz, p. 232)

Von Martius (XXX), Dr. Lund (XXI), Couto de Magalhães (VII, XVIII, XXIX, XXII) e Emmanuel de Liais (III, VI, VIII, XIII, XXI, XXII). Para uma reflexão sobre o assunto: Cruz (2002), Kury (2001), Junior (1975), Revista da USP (1996).

⁹ Aqui no sentido mais amplo de “teoria e / ou ciência geral dos signos”.

Ao explorarmos neste trabalho o conceito do “outro” que se torna presente na obra de Augusto Emilio Zaluar, poderemos identificar a forma pela qual ele se coloca no mundo, sendo possível, então, reconstituir a variedade de experiências intelectuais que ele absorveu e que nos deixou através de sua obra. Não podemos esquecer que, apesar de estarmos trabalhando com uma obra fictícia, o autor busca deixar muito claro que não está fazendo um simples romance¹⁰. Ele vê sua obra como uma exposição didática de seu pensamento e daqueles com os quais dialogava.

Estabeleceremos assim, dentro dos limites presentes neste trabalho, um esboço geral da vida e visão de mundo de Zaluar, indispensável para compreender e enriquecer a análise internalista de sua obra. Portanto, o caráter metodológico de nossa pesquisa se caracterizará, em vários momentos, pela sua flexibilidade, já que trabalharemos com diversas fontes para assim viabilizar o cumprimento dos objetivos almejados. Como nos diz Becker (1999) “[...] quando estudamos [...] temos que conceber métodos novos apropriados para o segredo que nos confronta [...] à medida que as circunstâncias da pesquisa o exigam [...]” (p. 13).

A pesquisa foi construída de forma a contemplar no primeiro capítulo um resumo biográfico da vida de Augusto Emílio Zaluar, apresentando suas principais obras e temas discutidos por ele em sua carreira literária. Também salientamos algumas instituições literárias e científicas com as quais manteve contato.

O segundo capítulo busca discutir o pensamento de Zaluar a respeito da dificuldade que o antropólogo encontraria para sair do mundo do “outro”. Essa discussão é feita por Zaluar durante a trama do livro *O Dr. Benignus*, sendo representada pelo personagem Willian River que, para a antropóloga Alba Zaluar, representaria uma espécie de “*pré-figuração da situação vivida por muitos etnógrafos que não sabem como sair do mundo do outro*” (ZALUAR, Alba. 1994, p. 374).

No terceiro capítulo, nosso enfoque se dá no contexto das discussões acerca da origem do homem americano, analisando a forma com que Zaluar se insere neste debate, particularmente sua defesa do monogenismo do homem americano. Ao pretender provar a origem do homem no continente americano (no Brasil) e sua posterior migração para outros

¹⁰ “O espírito humano, enriquecido com a grande soma de conhecimento com que as ciências têm opulentado o seu patrimônio intelectual, não pode contentar-se unicamente com as leituras frívolas ou livros de exageradas e às vezes perigosas seduções. Compreendem-no assim as sociedades mais adiantadas. Na Inglaterra, na Alemanha, nos Estados Unidos são raras as obras de pura imaginação e essas mesmas passam pela maior parte despercebidas. Assim deve ser. Para que o trabalho de um escritor tenha significação aceitável, é preciso primeiro que tudo que eles sejam transunto das idéias de seu tempo.” (Zaluar, 1994, p.28). “Não é um romance, nos alerta o autor, mas uma crônica de viagem”. (Zaluar, 1994, p. 371)

continentes, ele busca justamente tornar este “outro”, que é o nativo da América, parte integrante da sociedade brasileira.

No quarto capítulo, introduzimos a questão do mito do alienígena como um personagem literário pelo qual Zaluar representa o outro “civilizado”, mais “evoluído”, o europeu ou o norte-americano. Para tanto apresentamos as diversas representações com que este outro – alienígena – apareceu na cultura ocidental da Grécia Antiga ao século XIX. Particularmente, demos atenção à influência literária exercida pelo escritor espírita Nicolas Camille Flammarion no pensamento de Zaluar acerca da representação do personagem do alienígena como o outro “civilizado”.

No penúltimo capítulo, procuramos comparar o romance científico *O Dr. Benignus* com seus similares europeus. Enfatizamos sobretudo como o alienígena, este personagem representativo do conceito antropológico do “outro”, é utilizado de forma distinta pelo autor inglês H. G. Wells e pelo brasileiro Augusto Emílio Zaluar. Cada um representa neste personagem a forma com que sua cultura interage com o “outro”: uma ameaça no caso do inglês, ou um salvador no caso do brasileiro.

Por fim, no último capítulo procuramos fazer uma análise da importância dos mitos de nacionalidade (Brasil como um paraíso tropical, Brasil como uma democracia racial, os brasileiros como um povo sensual e dócil, e o Brasil como um país com potencial para a grandeza como nação), e a partir do referencial teórico proposto por Axel Honneth e Mary Elizabeth Ginway demonstrar que a representação do “outro” na figura literária do alienígena por Zaluar acabou por transformar esta figura literária em um mito cultural que reforçaria o reconhecimento moral do outro “superior” aos mitos culturais brasileiros.

A fim de defender nossa hipótese, fazemos uma breve apresentação de algumas obras de ficção científica brasileira dando ênfase à utilização, nestas obras ao personagem do alienígena como uma representação do outro: guia espiritual, um enigma ou mesmo uma imagem de nós mesmos no futuro. Assim buscamos sobretudo interpretar o conceito antropológico do “outro” na obra de Zaluar e sua permanência na literatura brasileira atual.

CAPÍTULO 1 - AUGUSTO EMILIO ZALUAR: ESBOÇO DE UMA TRAJETÓRIA

Augusto Emilio Zaluar nasceu em Lisboa em 14 de fevereiro de 1826, filho de José de Oliveira Zaluar¹¹, major graduado, que servira de comissário pagador da divisão dos Voluntários Reais de El-Rei, na campanha do Rio do Prata, antes da Independência do Brasil. Augusto Zaluar matriculou-se no 1º ano da Escola Médico-cirúrgica de Lisboa, disposto a seguir esses estudos, mas acaba por descobrir-se mais apto à literatura.

Ainda cursando a faculdade se alistou nas tropas populares que fizeram a revolução de 1844, sob as ordens da Junta do Porto. Nesta época decidiu abandonar a medicina e entrar para a literatura.

Colaborou com diversos jornais de Lisboa e algumas revistas, entre elas *Epoche*, *Jardim das Damas*, *Revista Popular* e outras publicações daquele tempo, principalmente com poemas. Já em 1846 publica um folheto intitulado *Poesias, primeira parte*¹². Mas não encontrou nos meios literários rendimentos que lhe possibilitassem se sustentar.

Decidiu assim, vir para o Brasil, chegando no Rio de Janeiro a 3 de janeiro de 1850. Tratou logo de tentar viver de meios puramente literários e jornalísticos. Fez parte das redações do *Correio Mercantil* e do *Diário do Rio de Janeiro*; e em Santos, da *Civilização*. Em 1856 naturalizou-se brasileiro.¹³

1.1 Redator, articulista e tradutor

Em 2 de dezembro de 1857, na cidade de Petrópolis, fundou, em parceria com Quintino Bocaiúva, o *Parayba*, periódico no formato de jornais, do qual foi redator chefe. Este circulava às quintas-feiras e domingos, e tinha por objetivo o “*estudo e exame das questões locais, administrativas, econômicas, industriais, comerciais e agrícolas, de cuja prática ou aplicação poderia resultar verdadeira e real utilidade à província*”.¹⁴ Durante o

¹¹ Infelizmente não conseguimos identificar o nome da mãe de Zaluar.

¹² Zaluar, Augusto Emilio. **Poesias**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1846.

¹³ Informações retiradas do: **Portugal – Dicionário Histórico**, transcrito por Manuel Amaral, disponível em <http://www.arqnet.pt/dicionário/zaluar.html>, acesso em 22/06/2004.

¹⁴ Informações retiradas do Editorial da 1º edição.

tempo em que circulou, contou com a colaboração de Machado de Assis, Charles Rybeyrolles, Remigio de Sena Pereira, Thomaz Cameron, Frederico Damke e outros.

Para termos uma idéia das preocupações amplas de Augusto Emílio Zaluar, em diversos campos do conhecimento, vejamos alguns exemplos de artigos de sua autoria publicados em jornais da época.

Quando Petrópolis se preparava para enfrentar suas primeiras eleições municipais, em pleno século XIX, a Câmara Municipal de Vassouras levantava a bandeira em busca de um pouco de arejamento na administração dos municípios da Província.

Augusto Emílio Zaluar, sob o título "*O Elemento Municipal*", deu conta do arroubo vassourense, na edição de 10 de janeiro de 1858 de "O Parahyba". Tratava-se de um ofício dirigido pela Câmara de Vassouras a todas as demais câmaras fluminenses, solicitando o empenho de cada uma no sentido de obter-se dos poderes provinciais e centrais a municipalização dos impostos da décima urbana, das patentes de aguardente, da contribuição de polícia e do consumo de gado.

Cada um desses impostos, dizia Zaluar, "*merece uma discussão séria, para provar-se a necessidade e conveniência de sua municipalização e essa discussão terá sem dúvida lugar mais tarde em nossas colunas*".

O articulista, de certa forma, agitava a questão da autonomia municipal, que uma década mais tarde seria um dos postulados fundamentais da propaganda republicana. E cobrava o afastamento da política, ou melhor, dos interesses e das manipulações dos políticos, por parte da administração dos municípios. A vida municipal não deveria estar ao alcance das barganhas dos grupos em disputa do poder nas esferas provinciais e nacionais.

Os interesses que as Câmaras Municipais são chamadas a promover, são de natureza a repelirem qualquer ingerência do político na sua direção e, tanto embaraço tem este achado em tomar assento nas cadeiras dos vereadores, que ciosa de tudo quanto possa ser utilizado em favor de seus manejos, lhes tem sorrateiramente cassado todos os mais importantes direitos, deixando-os quase reduzidos a simples administradores de obras, para as quais não há fundos.

E mais adiante: "*... o que se quer é que o elemento municipal reganhe a ação que lhe compete*". Este foi o início de um árduo debate que tinha por objetivo último a autonomia da Cidade de Petrópolis. Zaluar, nas matérias publicadas em seu jornal, sejam de sua autoria ou não, já que ele era o redator-chefe, se colocou sempre como uma voz atuante neste debate. Seus resultados e posteriores desdobramentos não serão aqui tratados, já que escapam da alçada deste trabalho. Pretendemos apenas mostrar o caráter eclético das preocupações de Augusto Emílio Zaluar.

Vejamos outro exemplo, em um pequeno trecho de um artigo seu publicado em "O Parahyba", na edição de 20 de fevereiro de 1859, referindo-se ao o tema da dificuldade que opõe à navegação a barra do rio, que só é praticável na enchente das marés, alvitrou:

Não é a estrada de ferro de Niterói a Campos ... que será a linha ativa do interior para a capital do Império. A linha fluvial e marítima disputa, à nova direção que se pretende dar à comunicação daqueles pontos com os grandes mercados, a barateza com transportes, que é a primeira e principal condição, para facilitar o incremento da lavoura e do comércio e, que tem sido encarada até hoje por este motivo, pelos mais abalizados economistas, a incontestavelmente preferível, desde que se coteje a sua importância, com uma outra estrada interior.

Mais adiante, asseverou Zaluar:

Assim pois, parece-nos afoitamente, que o carril de ferro de Niterói a Campos, não é neste momento a via de comunicação indispensável, que deve por em contato os grandes centros produtores daquele ponto da província com o mercado da capital. Antes os melhoramentos da barra de Campos, em que o governo, conseguindo maiores vantagens, dispensaria talvez, uma soma inferior à totalidade do juro com que tem de favorecer a empresa desta estrada de ferro, que resolveriam em proveito daquele município e dos outros a quem serve de intermediário, o não difícil problema do seu pronto engrandecimento.

Enfim, o que visualizava Zaluar, em sua extraordinária percepção daquele quadro comercial e geopolítico, era a construção de uma estrada de ferro, que atingindo São Fidélis se projetasse para o interior, onde o Paraíba já não era navegável por embarcações de porte, de modo que toda a produção do norte da província e de uma parte de Minas Gerais chegasse pela ferrovia ao porto fidelense, de onde, pelo rio, via Campos e São João da Barra, chegaria com segurança aos centros consumidores.

Além das atividades de articulista e redator, Zaluar viria a se dedicar a traduções de obras literárias para os folhetins da época. Traduziu *Os moicanos de Paris* para o *Correio Mercantil*. Nessa época as traduções começavam a ser feitas para os jornais daqui antes mesmo de terem sido terminadas na França. Devido a problemas com o editor francês, Alexandre Dumas interrompeu a obra no jornal parisiense, por muito tempo.

O criativo Zaluar, entretanto, prosseguiu na confecção do romance e lhe deu um final. Algum tempo depois, Dumas retomou a obra, e o *Correio Mercantil* voltou a publicar sua tradução, dando continuidade ao original do autor, como se nada tivesse acontecido. Seria interessante localizar essa tradução acabada por Zaluar e compará-la com o original. Seria apenas um remendo ou Zaluar teria sido capaz de dar a ele um final digno do autor francês?¹⁵

¹⁵ Zaluar também traduziu o seguinte livro: FIGUIER, Louis. COLOMBO, Christovão. *Os Sábios Ilustres*. Rio de Janeiro : Oliveira & Ca.[Typographia Americana], 1869.

Entretanto Zaluar não era o único a fazer esse tipo de “trapaça”. Vejamos um exemplo citado por Machado:

O Jornal do Comércio usou a mesma tática na publicação da série interminável de *Rocamboles*, traduzido pelo conselheiro Souza Ferreira. Em certa ocasião, o correio com o jornal parisiense atrasou. O que fazer? Qualquer solução era válida, menos interromper as aventuras do herói de *Ponson du Terrail*. O tradutor, então, passou a colaborar na obra, chegando a matar alguns personagens. Foi uma ousadia que lhe custou trabalho em dobro. Ferreira viu-se obrigado a ressuscitar suas vítimas, conciliando os capítulos falsificados com o texto original, que chegou dias depois. (MACHADO, 2001. p. 44)

Segundo Ubiratan Machado (2001), tal comportamento era corriqueiro, uma vez que as traduções eram feitas sem qualquer autorização dos autores ou de seus editores, não havendo assim qualquer respeito à propriedade intelectual. Mesmo porque, salienta o autor, não havia qualquer legislação sobre direito autoral ou convenções internacionais.

1.2 O homem de letras

Além da atividade jornalística, Zaluar se dedicou intensamente à poesia. Em 1851, publica *Dores e Flores*¹⁶, que teria sua continuação publicada em 1862, com o título de *Revelações*¹⁷. Apesar de almejar ser poeta, era impossível a Zaluar, como para a grande maioria dos escritores brasileiros da época, sustentar-se apenas vendendo livros.

Paula Brito, que foi editor de Zaluar, foi também o primeiro a dar um tratamento mais profissional aos seus lançamentos. Já na década de cinquenta do século XIX, ele colocava anúncios de seus livros nos jornais. Também dava exemplares grátis para os assinantes da revista *Marmota*, de sua propriedade. Em média sua assinatura custava cerca de 5\$.

Para termos uma idéia de quanto isso significava, *O guarani*, lançado em 1857, custava 4\$, enquanto *Dores e Flores* podia ser adquirido a 2\$. Mas se compararmos com a renda da época, estes valores se mostravam exorbitantes. O salário de um funcionário público era de cerca de 100\$ mensais, um par sapato custava de 3 a 5\$, um par de meia 1\$800, enquanto a mensalidade de um aluno primário variava de 18\$ em regime de meia pensão, a

¹⁶ Zaluar, Augusto Emilio. **Dores e flores**. Rio de Janeiro: Typ. De F. de Paula Brito, 1851.

¹⁷ Zaluar, Augusto Emilio. **Revelações**. Rio de Janeiro-Paris: Livraria de B. L. Garnier, 1862.

30\$ com diária completa. Sendo assim, com exceção das obras de José de Alencar, poucos autores venderam mais que 500 volumes na época¹⁸.

Em 1862, o sócio de Zaluar no jornal "O Parahyba", Quintino Bocaiúna, lançou o Projeto Biblioteca Nacional, que pretendia publicar um volume por mês, o que aconteceu apenas no seu primeiro ano. Já em seu segundo ano foi transformado em uma revista que teve apenas três exemplares.

Saíram pela coleção as seguintes obras: *Lírica Nacional*, antologia organizada por Quintino Bocaiúna; *Esboços Biográficos de vultos históricos*, pelo Barão Homem de Melo; *As minas de prata*, de José de Alencar; *Estudos Econômicos*, por G. C. Bellegardi; *Contos do Sertão*, por Leonardo de Castilho; *Lady Clare*, sem nome do autor ou tradutor; *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida; e *Apontamentos Históricos, topográficos e descritivos da cidade de Paranaguá*, por Demétrio Acácio Fernandes da Cruz.

Destas, a primeira obra, *Lírica Nacional*, contava com a colaboração da Zaluar, entre diversos outros poetas, como: Aurélio Lessa, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, Antonio Joaquim Ribas, Marques Rodrigues, Aquiles de Miranda Varejão, A. J. de Macedo Soares, Augusto F. Colin, Bernardo Guimarães, Cláudio Manuel da Costa, Constantino de Amaral Tavares, Casimiro de Abreu, Francisco Otaviano, F. da Costa Carvalho, Henrique César Muzzio, José Elói Otoni, José Bonifácio, João Cardoso de Meneses e Sousa, J. A. Teixeira de Melo, J. M. Machado de Assis, Jorge H. Cussen, João Silveira de Sousa, Junqueira Freire, Laurindo Rabelo, Fagundes Varela, Leandro Barbosa de Castilho, Manuel Antonio de Almeida, Álvares de Azevedo, M. A. Porto-Alegre, Pedro de Calasans, Pedro Luís, Quintino Bocaiúna, Salvador de Mendonça e Trajano Galvão.

Esta antologia reunia os mais importantes poetas brasileiros da época. Em sua introdução, um ensaio de Antonio Deodato de Pascal, criticava a imitação corrente que a literatura brasileira fazia de suas matrizes européias e clamava por uma nacionalização desta, ainda que segundo Wilson Martins a antologia também fosse mais voltada para o passado do que para o futuro, sendo claramente pouco revolucionária¹⁹.

Outras antologias contaram com a participação de Zaluar, tais como: *Ao Senhor Dom Pedro II, homenagem da Imprensa Nacional*²⁰ e *Collecção de poesias*²¹. Zaluar viria

¹⁸ Informações retiradas de: MACHADO (2001, pág. 73).

¹⁹ MARTINS, Wilson. **História da Inteligência Brasileira. VOL. III (1855-1877)**. São Paulo: Cultrix e Editora da USP, 1977.

²⁰ **Ao Senhor Dom Pedro II, homenagem da Imprensa Nacional**. Coletânea de versos dedicados todos a D. Pedro II, pelos poetas D. Magalhães, Odorico Mendes, Delfina da Cunha, Gonçalves Dias, Paula Brito, Fagundes Varela, Zaluar, Zeferino Rodrigues, Rodolfo Ornellas, Paranacapiacaba e Mucio Teixeira. Rio de Janeiro: [s.n.], 1887.

também a compor poemas de cunho patriótico, dos quais podemos destacar *Uruguayana*²², poema consagrado a celebrar a tomada dessa praça pelo exército brasileiro. De forma geral, os homens de letras se engajaram no conflito.

Primeiramente era desejo destes combater na linha de frente, organizando corpos de voluntários acadêmicos. Mas o Império não estava disposto a mandar a ‘fina flor’ da intelectualidade brasileira, já tão escassa, para morrer como ‘bucha de canhão’. Era preferível enviar os voluntários das camadas mais baixas da sociedade.

Os escritores por sua vez davam sua contribuição com poemas impressos e recitados, crônicas e peças teatrais que foram decisivas para a difusão simpática da idéia de ser um voluntário da pátria, um herói da nação.

Machado (2001) destaca as seguintes obras como representativas desta tendência: *O pesadelo de Humaitá* (poemas), de Castro Alves; *A glória da marinha brasileira no combate do Riachuelo* (drama), de Pimentel; *Os voluntários* (peça) de Ernesto Cibrão, entre outras. Vejamos uma pequena descrição do autor:

Em 1º de março de 1868, o navio São José chega à Corte, embandeirado, trazendo as primeiras notícias sobre a queda de Humaitá, a batalha mais cruenta travada até então no continente. A vitória leva o povo ao delírio. Passeatas com bandas de música, vivas, missas de ação de graças, muitos discursos e poesias. Os estabelecimentos públicos se embandeiraram e, à noite, iluminam as fachadas. Um Te-Deum, oficiado na Igreja de Santo Antonio, com orquestra e iluminação especial, foi assistido por mais de mil pessoas. No final, vários poetas recitam, no interior do templo, no adro, nas escadarias.

Dois dias depois, a cidade ainda vive em plena euforia, quando chegam alguns inválidos de guerra. Recebidos no cais Pharoux, são conduzidos em cortejo até a sede do *Diário do Rio de Janeiro*, na Rua do Ouvidor, 97, diante da qual a multidão se aglomera. São três horas da tarde. Como sempre, poetas e oradores parecem encontrar as palavras e as imagens que o homem simples do povo gostaria de dizer.

Da janela do jornal, Castro Alves recita *O pesadelo de Humaitá*, despertando o entusiasmo popular. Outros poetas se apresentam na mesma tribuna improvisada: Augusto Emílio Zaluar, Ramos de Azevedo, José Tito Nabuco de Araújo, L. M. Pecegueiro, Aquiles Varejão, Pires Ferrão, Vitorino de Barros. (MACHADO, 2001, p. 31)

Para esses poetas, era um dever patriótico apoiar seu país na guerra que transcorria, sobretudo para Zaluar, um nacionalista, que apesar de não ser brasileiro de nascimento, acreditava piamente no destino do Brasil como grande nação, o que ficará patente ao analisarmos sua obra *O Doutor Benignus*, no capítulo 5 - Estabelecendo Comparações: O Doutor Benignus Diante do Romance Científico Europeu.

²¹ **Collecção de poesias**, que contém poemas de. : F. Palha, J. de Lemos, L. C. Sousa Almada, A. de Serpa, Mendes Leal Junior, A. E. Zaluar, L. Corrêa Caldeira, Antonia Pussich, João d'Azevedo, A. F. de Castilho, J. P. das C., José Osorio, Gentil e A. P. da Cunha. [S.l. : s.n.,s.d.].

²² Zaluar, Augusto Emílio. **Uruguayana**. Rio de Janeiro : Typographia Universal de Laemmert, 1865.

Mas não foi apenas em relação à Guerra do Paraguai que Zaluar e outros poetas participaram como defensores e agitadores de uma causa política. As crenças de Zaluar em vida extraterrestre (esta relação será mais bem trabalhada no capítulo 4 – Seres Imaginários do Espaço), o levaria a ser um homem tolerante e um forte combatente da escravidão, como vemos nesta seguinte quadra de sua autoria.

Quem sou eu? Que importa quem?
 Sou um trovador proscrito,
 Que trago na fronte escrito,
 Esta palavra – “Ninguém”!
 (Zaluar apud Martins, 1977, pág. 107)

À primeira vista esta quadra pode ser pouco elucidativa, entretanto mudamos de opinião quando descobrimos que ela serviu de epígrafe para o famoso poema abolicionista “*Quem sou eu?*”, do poeta Luís Gama. Segundo Martins (1977), enquanto nesta época diversos poetas escreviam odes à independência da Grécia, da Itália ou da Polônia, caberia a Luís Gama (1830-1882) iniciar uma poesia realmente social.

Neste poema em que o autor diz que todos são “bodes”, a escravidão é mostrada como um absurdo social, desumano e revoltante. O uso do termo bode é uma alusão às pessoas que, querendo desmoralizar o poeta, o chamavam de negro e bode. Desmascara-os alegremente, como membros de uma aristocracia pretensiosa e hipócrita.

Zaluar, ao se comprometer fazer a quadra introdutória, deixou muito clara sua opção pela abolição dos escravos, afinal ele era um leitor de obras francesas e de pensadores iluministas, citados em seu livro *O Doutor Benignus*. Nada mais natural. Vejamos agora o poema completo:

Se negro sou, ou sou bode,
 Pouco importa. O que isto pode?
 Bodes há de toda a casta,
 Pois que a espécie é muito vasta...
 Há cinzentos, há rajados,
 Baios, pampas e malhados,
 Bodes negros, *bodes brancos*,
 E, sejamos todos francos,
 Uns plebeus, e outros nobres,
 Bodes ricos, bodes pobres,
 Bodes sábios, importantes,
 E também alguns tratantes...
 Aqui, nesta boa terra,
 Marram todos, tudo berra;
 Nobres Condes e Duquesas,
 Ricas Damas e Marquesas,
 Deputados, Senadores,
 Gentis-homens, vereadores;

Belas Damas emproadas,
 De nobreza empantufadas;
 Repimpados principotes,
 Orgulhosos fidalgos,
 Frades, Bispos, Cardeais,
 Fanfarrões imperiais,
 Gentes pobres, nobres gentes,
 Em todos há *meus parentes*.
 Entre a brava militância,
 Fulge e brilha alta bodança;
 Guardas, Cabos, Furriéis,
 Brigadeiros, Coronéis,
 Destemidos Marechais,
 Rutilantes Generais,
 Capitães de mar-e-guerra,
 - Tudo marra, tudo berra.
 Na suprema eternidade,
 Onde habita a Divindade,
 Bodes há santificados,
 Que por nós são adorados.
 Entre o coro dos Anjinhos.
 Também há muitos bodinhos.
 O amante da Siringa,
 Tinha pêlo e má catinga;
 O deus Mendes, pelas contas,
 Na cabeça tinha pontas;
 Jove quando foi menino,
 Chupitou leite caprino;
 E, segundo o antigo mito,
 Também Fauno foi cabrito.
 Nos domínios de Plutão,
 Guarda um bode o Alcorão;
 Nos lundus e nas modinhas,
 São cantadas as bodinhas;
 Pois se todos têm rabicho,
 Para que tanto capricho?
 Haja paz, haja alegria,
 Folgue e brinque a bodaria;
 Cesse, pois, a matinada,
 Porque tudo é bodarrada!
 (Gama apud Martins, 1977, p. 108-109)

Zaluar, entretanto, não se dedicou apenas à poesia, escreveu também um romance, *O Doutor Benignos*, inovador em sua época, sendo uma de suas únicas duas obras a ter edições recentes, sobrevivendo ao tempo de seu autor. A outra é *Peregrinação pela Província de São Paulo*, que comentaremos a seguir. Ainda que restritas ao interesse de grupos delimitados, *Peregrinação*, para os historiadores, e *Doutor Benignos*, no “fandom”²³ de ficção científica brasileiro.

²³ **Fandom:** expressão criada para designar a comunidade de pessoas que lêem constantemente ficção científica, ou seja fãs, no caso do Brasil esta comunidade não é muito grande, organizando-se em pequenas associações de leitores-editores, tais como o CLFC (Clube de Leitores de Ficção Científica), do qual o autor deste trabalho faz parte.

Além do romance citado, Zaluar publicou um livro de contos²⁴. Fez apreciações críticas para outros autores, como Joaquim Inácio Alvares de Azevedo²⁵, um poema em homenagem a Pedro II²⁶, e uma peça de teatro²⁷.

Eram comuns na época, poemas e livros dedicados a D. Pedro II. Segundo Machado (2001), esta era uma forma habitual de atrair a atenção do imperador. Predominavam as dedicatórias dignas e contidas, mas algumas eram incomodamente bajulatórias. Não podemos esquecer que o Imperador era o grande mecenas das artes e ciências no Brasil, sendo membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

Zaluar, assim como grande parte dos poetas e escritores brasileiros da época, pelas dificuldades de publicação e pelo alcance limitado destas, tinham como solução as reuniões em livrarias, redações etc., onde se formavam associações de poetas, para trocarem seus poemas, apreciando-se mutuamente, e editar pequenas revistas.

Podemos destacar as reuniões ocorridas no escritório do advogado Caetano Filgueiras, na Rua São Pedro, 85. Destas participavam Machado de Assis, Gonçalves Braga, Casimiro de Abreu, José Joaquim Cândido de Macedo Júnior, Teixeira Melo e o mais maduro deles Augusto Emílio Zaluar.

Também eram realizados saraus em diversas casas, com certa regularidade, sempre depois das oito horas. Machado faz uma descrição muito viva e perspicaz destes:

Os saraus geralmente se iniciavam às oito horas da noite, terminando às três ou quatro da manhã. Em alguns, mais de 20 poetas declamavam suas composições, num estilo espalhafatoso, agitado, aos berros, sublinhados por gestos bruscos, como se quisessem tocar os espectadores e, assim, transmitir a emoção com mais intensidade. Essa maneira de declamar, muito semelhante aos arroubos dos atores em cena, parece ter sido característica da maioria dos recitadores românticos, mesmo na década de 1860, quando o gosto começava a mudar. Seriam raros os sóbrios, de gesticulação medida e palavra de tão moderado. Tais casos se deviam mais ao temperamento do que aos hábitos da época. Deve ter sido o estilo de Machado de Assis, assíduo declamador de saraus que, como outros habitues – Augusto Emilio Zaluar, o argentino Guido y Spano, João Cardoso de Meneses e Souza -, não parece ter sobressaído por qualquer qualidade excepcional de recitar. (MACHADO, 2001, p.123)

Além destes encontros em casas e saraus, havia as sociedades literárias, entre elas a *Sociedade Ensaio Literários*, criada em 4 de dezembro de 1859 e inaugurada em 1º de

²⁴ Zaluar, Augusto Emílio. **Contos da Roça**. Rio de Janeiro : Typographia do Diario do Rio de Janeiro, 1868.

²⁵ Azevedo, Joaquim Inácio Alvares de. **Poesias**. Rio de Janeiro Typ. Universal de Laemmert 1872. Apreciações críticas de: Augusto Emílio Zaluar. José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha. José Maria Velho da Silva.

²⁶ Zaluar, Augusto Emílio. **Os Rios. A S.M. Imperial o Senhor Dom Pedro Segundo**. [S.l: s.n, s.d.] 6p. 22cm. Disponível na Biblioteca Nacional.

²⁷ Esta peça chama-se “**O cofre da tartaruga**”, uma conversação em um ato, de 1865.

janeiro do ano seguinte, no Rio de Janeiro, por iniciativa de Feliciano Teixeira Leitão. De lá não podiam participar brasileiros naturalizados, assim como Zaluar.

Em contrapartida, os portugueses fundaram sociedades como O *Grêmio Literário Português*, fundado em 1855 por rapazes que trabalhavam no comércio e que, nos momentos de ócio da dura vida de caixeiro, recorriam à literatura para se libertar da rotina. Eles chegaram a publicar uma revista, *A Saudade*. Em 1859 foi fundado o Retiro Literário Português, que também dava cursos profissionalizantes. Por sua vez, restringiam a entrada de brasileiros.

Em 1865, foi fundada a sociedade que se tornaria a mais importante da época devido aos membros que dela faziam parte, e por ser aberta tanto a brasileiros como a portugueses; *A Arcádia Fluminense* contava com a presença de alguns jovens poetas, como Machado de Assis, João Cardoso de Menezes e Sousa, o adolescente Joaquim Nabuco, Pedro Luís, Bethencourt da Silva, Vitoriano de Barros, Melo Moraes Filho e Guilherme Bellegarde, além de vários portugueses naturalizados, entre eles Augusto Emílio Zaluar, o mais experiente deles. (MACHADO, 2001)

Nestes ambientes literários foi formada a literatura romântica brasileira, dando ao Brasil uma nova geração de intelectuais preocupados com os rumos que a nova nação ia tomar.

1.3 As obras não-literárias

Zaluar era um homem profundamente interessado em ciências naturais e físicas, principalmente em astronomia; havia começado sua carreira como médico. Publicou obras sobre diversos temas, como biografia, seja em obra própria²⁸, ou em parceria²⁹, e também obras de caráter didático³⁰, afinal era Lente em pedagogia da Escola Normal.

²⁸ ZALUAR, Augusto Emílio. **Emília Adelaide**. Rio de Janeiro, Typ. do Diário de Rio de Janeiro, 1871.

²⁹ CASTRO, Eduardo de Sá Pereira de. ZALUAR, Augusto Emílio. **Os Heróis brasileiros na campanha do sul em 1865**. Rio de Janeiro: Typ. Pinheiro & Comp. 1865.

³⁰ ZALUAR, Augusto Emílio. **Lições das cousas animadas e inanimadas; modelos e assumptos de exercicios oraes e por escripto para os meninos de 5 a 8 annos, imitação, para uso das escolas primarias 3. ed.** Rio de Janeiro, Liv. classica de Alves & comp., 1893.

Mas seria uma obra sua dedicada à ciência e à tecnologia³¹, assuntos de vital importância para Zaluar, que lhe renderia o mérito de entrar para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

No romance *O Doutor Benignus*, ele faz algumas antecipações científicas. Podemos destacar sua ênfase na importância dos aparelhos elétricos de iluminação, numa época em que a lâmpada incandescente ainda não havia sido inventada, e a previsão de que o homem alcançaria o estágio da dirigibilidade dos balões, feito histórico realizado por Santos Dumont em 1901.

Entretanto, Roberto de Sousa Causo³² critica Zaluar por não ter se dedicado mais às especulações tecnológicas nessa obra, como teriam feito autores ingleses e franceses da época. Certamente ele teria feito mais pela ficção científica e pela ciência brasileira se estivesse procedido dessa forma. Mas isso não significa que Zaluar não era entendido nesta área. Era sócio da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN), sediada no Rio de Janeiro, constituída por mais de duzentos sócios, na década de 1820, e que se reuniam com o intuito de incentivar o uso de máquinas e inventos na agricultura e difundir conhecimentos técnicos, por meio do periódico *O Auxiliador*, a partir de 1833. Ele certamente tinha conhecimento das descobertas tecnológicas mais recentes, já que elas eram divulgadas e comentadas nestas reuniões.

A sociedade era integrada por fazendeiros, comerciantes, advogados, políticos, funcionários públicos, médicos, professores, naturalistas, militares e eclesiásticos e uma de suas realizações foi a publicação do *Manual do Agricultor Brasileiro*,

Obra indispensável a todo o Senhor de Engenho, Fazendeiro e Lavrador, por apresentar huma idéia geral e philosophica da Agricultura applicada ao Brazil, e o seu especial modo de produção, bem como noções exatas sobre todos os gêneros de cultura em uso, ou cuja adopção fôr profícua, e também hum resumo de horticultura, seguindo de hum epítome dos princípios de botânica e hum tratado das principais doenças que atacam os pretos. (H. M. B. Domingues, *Ciência: Um caso de Política – As relações entre as Ciências Naturais e a Agricultura no Brasil Império*, tese de doutorado, São Paulo, FFLCH, 1995, pp. 77-78.)

O Manual foi organizado pelo francês Carlos A. Taunay e pelo naturalista Ludwig Riedel, que participara da expedição do cônsul russo Langsdorff e assumira a direção da seção de Botânica do Museu Real. Para a sua publicação, em 1839, foi obtida verba junto ao

³¹ZALUAR, Augusto Emílio. **Exposição Nacional Brasileira de 1875**. Rio de Janeiro : Typ. do Globo, 1875. (Disponível na Biblioteca Nacional)

³²CAUSO, Roberto de Souza. **Ficção científica, fantasia e horror no Brasil -1875 a 1950**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

Ministério dos Negócios do Império, pois a obra divulgava a atividade agrícola voltada para a exportação, assim como para o mercado local.

Na primeira parte da obra redigida por Taunay, que adquirira terras e plantava café, eram apresentados assuntos como melhoramento dos engenhos de cana – de – açúcar, as culturas de café, algodão e fumo, além de capítulos sobre:

Culturas que Devem ser Naturalizadas, Reproduzidas ou Amplificadas e Vegetais Comestíveis, Vulgarmente Chamados de Mantimentos”. Na segunda parte, sob a responsabilidade de Riedel, constam as “ Noções Elementares de Botânica” e o “Mapa das Plantas Econômicas e Mediciniais mais Usadas na Economia e Medicina Domestica Brasileira”, com indicações para aumentar a produtividade da cultura do chá, cochinha, cera e produtos passíveis de obtenção de óleo de rícino, amendoim, tabaco, anil, amoreiras, entre outras. (H. M. B. Domingues, *Ciência: Um caso de Política – As relações entre as Ciências Naturais e a Agricultura no Brasil Império*, tese de doutorado, São Paulo, FFLCH, 1995, p. 83-84.)

Essa sociedade foi o que o Brasil teve de mais próximo de uma Sociedade para o Progresso da Indústria e das Ciências da Engenharia. Entretanto, não era objetivo das classes sociais brasileiras mais abastadas (donas de latifúndios agro – exportadores) fomentar o desenvolvimento industrial do país, o que levaria ao fracasso da tentativa de industrialização brasileira, e mesmo do desenvolvimento econômico do país.

Dessa maneira, considera-se o desenvolvimento como resultado da interação de grupos e classes sociais que têm um modo de relação que lhes é próprio e, portanto, interesses materiais e valores distintos, cuja oposição, conciliação ou superação dá vida ao sistema sócio-econômico. A estrutura social e política vai-se modificando na medida em que diferentes classes e grupos sociais conseguem impor seus interesses, sua força e sua dominação ao conjunto da sociedade. (CARDOSO e FALETTO, 1970, p. 22)

Justamente devido ao fato de os interesses das classes sociais brasileiras que tinham poder de decisão estarem ligados aos grupos latifundiários, não foi possível a industrialização do Brasil na época. Explica-se assim porque, ao contrário de Julio Verne, Zaluar não deu grande ênfase para a tecnologia em seu romance, apresentando-se como um nacionalista, e querendo fazer uma obra legitimamente brasileira. Após ter presenciado o fracasso da SAIN em implementar a industrialização no Brasil, provavelmente perdeu as esperanças de que esta viesse algum dia a ocorrer, por isso em sua obra, quando se refere à ciência considera o dirigível uma máquina de fabricação americana.

Se por um lado o Brasil era visivelmente governado por uma oligarquia pouco interessada em ciência, o mesmo não se pode dizer do Imperador Pedro II, que tinha interesse político em melhorar a imagem do Brasil na Europa.

Vejamos um pequeno exemplo deste esforço:

No dia 28 de Janeiro de 1860, o prestigioso jornal francês *L' Illustration* deve ter surpreendido os leitores preenchendo a sua primeira página com a imagem do nosso D. Pedro II. Sob o título “*Arrivée de l'empereur du Brésil a Pernambuco*” (“Chegada do imperador do Brasil a Pernambuco”), o texto informava sobre a viagem que o monarca realizara pelas províncias do país, a fim de conhecer as necessidades do povo e a situação dos serviços públicos locais. Referia-se também às ruas enfeitadas para a passagem do ilustre visitante, ao acolhimento caloroso dos súditos e às melhorias que as suas observações pessoais, colhidas *in loco*, poderiam trazer ao país. A imagem de um governante ilustrado, amante das ciências e das artes, vinha articulada à missão que lhe foi atribuída: o progresso do Brasil. (ZENHA, Celeste. **Os Marqueteiros do Imperador: Mobilizando diplomatas e gastando muito dinheiro em propaganda, D. Pedro II fez de tudo para construir, na Europa, uma opinião favorável sobre o Brasil.** Revista Nossa História. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004. Ano 1, N. 8. p. 70.)

Era de interesse do Império mostrar ao mundo que o Brasil podia chefiar um projeto civilizador na América do Sul, como também divulgar a imagem de país civilizado a fim de atrair mão-de-obra para substituir os escravos, já que o fim do tráfico negreiro e a nova legislação, que acabava com a escravidão em médio prazo, levaria à falta de mão-de-obra.

Para tanto o imperador comprava constantemente espaço nos jornais estrangeiros a fim de divulgar sua imagem. Ao mesmo tempo fazia amizade com personalidades científicas, como Louis Agassiz, que tinha se tornado amigo do imperador durante sua passagem pelo Brasil, em 1865, quando fez diversas conferências de temas ligados à ciência. Por insistência de sua mulher, foi permitida a entrada de mulheres pela primeira vez neste tipo de atividade no Brasil.

Mas nem só de reportagens e amizades se fazia propaganda desta “grande nação civilizada”. O imperador buscava uma maior aceitação do Brasil, e logo o Brasil estaria se apresentando nas chamadas “Exposições Universais”, que começaram a partir de 1851, contando com a participação de representantes europeus, americanos, orientais e africanos. O termo *Americanos*, aqui se refere aos Estados Unidos.

Apesar de não merecer qualquer destaque especial, a regularidade da participação brasileira chama a atenção. Até o final da monarquia, o Brasil estaria presente nas exposições de 1862 (Londres), 1867 (Paris), 1873 (Viena), 1876 (Filadélfia) e 1889 (Paris), enquanto outros países da América Latina não tomariam parte sequer de uma feira, a Argentina entrou apenas na de 1889. (SCHWARCZ, 1998, p. 397)

O Brasil realmente tinha pouco destaque em feiras que pretendiam expor as últimas conquistas tecnológicas da burguesia capitalista. Nestas os produtos expostos eram divididos em: manufaturas, maquinarias, matéria-prima e belas-artes. No caso do Brasil, o destaque não estava na tecnologia:

Para a primeira apresentação internacional, em 1862, o Brasil levou o que tinha de melhor: café, chá, erva-mate, guaraná, arroz, borracha, tabaco, fibras vegetais, abelhas, algodão e feno. Alguns produtos de nossa indústria também foram apresentados – maquinaria em geral, materiais para estrada de ferro e construção civil, telégrafos, armamentos militares – mas não despertaram atenção. Apesar de a intenção ser, também, mostrar como o Brasil fazia parte dessa orquestra das nações “progredidas”, os prêmios ficaram para o café e a cerâmica marajoara. Como sempre, lá fora era o nosso lado exótico que estava em pauta. (SCHWARCZ, 1998, p. 395)

Antes de participar das chamadas “Exposições Universais”, era necessário organizar no país uma exposição nacional, para assim escolher os itens a serem enviados. Segundo Schwarcz (2000), o governo imperial financiava estas exposições mesmo sabendo que teria prejuízo. “A primeira Exposição Nacional de 1861, por exemplo, teve gastos da ordem de 66:164\$200 e nos 42 dias em que esteve aberta – e foi visitada por 50739 pessoas – obteve apenas 15:367\$000 de retorno” (SCHWARCZ, 2000, p. 394)

Mas isso tinha pouca importância, pois o objetivo do imperador era divulgar as conquistas do seu país. Vejamos como se deu a “Exposição Nacional Brasileira de 1875”, esta acompanhada por Zaluar.

Esta seria a quarta Exposição Nacional, que prepararia a participação brasileira na Exposição Universal de Filadélfia de 1876. Ficou aberta durante quarenta e cinco dias, com um número de 67.568 visitantes, um aumento até considerável em relação à primeira.

Augusto Emílio Zaluar fez “*visitas cotidianas*” aos salões da exposição, que para ele era a “*síntese mais brilhante do progresso científico e material do país*”.³³ Mas como já salientei acima, apesar de ser um entusiasta da industrialização, Zaluar era, sobretudo, um realista. Ele diria:

Sabemos que nem todos os melhoramentos indicados pelos trabalhos expostos estão em via de construção, que alguns deles terão de ser suprimidos ou modificados; mas não é menos certo que muitos se acham em andamento, tanto relativamente a vias férreas e estradas, como a benfeitorias de portos e navegabilidade de rios, edifícios públicos e outras muitas obras de utilidade geral. Em presença, pois, de tão sérios e laboriosos estudos, de tão variados trabalhos, de tão grandes e colossais empresas, não é dado a ninguém duvidar das aspirações civilizadoras do país, nem do espírito da pública administração, que dá expansão à tão úteis quanto elevados cometimentos. (ZALUAR, 1875, p. 138-139).

O confronto entre a realidade de um país que pouco fazia para se industrializar e fomentar uma educação científica, e a esperança de Zaluar no destino manifesto de grandeza

³³ ZALUAR, Augusto Emilio. **Exposição Nacional Brasileira de 1875**. Rio de Janeiro : Typ. do Globo, 1875, p. 137.

do país aparece em muitos de seus textos. Trabalharemos melhor esta questão ao abordarmos *O Doutor Benignus*.

Com o término desta obra, comentando a Exposição Nacional de 1875, Zaluar foi agraciado com a sua entrada no IHGB além de receber homenagens do próprio Imperador³⁴. Vejamos o parecer de admissão de Zaluar na maior instituição científica de então:

A comissão subsidiária de trabalhos históricos foi presente a proposta do Sr. Augusto Emilio Zaluar para sócio correspondente do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro, servindo-lhe de título à admissão os seus trabalhos litterarios, e especialmente o livro que ultimamente publicou sob o titulo A Exposição nacional brasileira de 1875.

Não são desconhecidas à comissão as diferentes obras com que firmou o Sr. A. E. Zaluar seus créditos de litterato, e fora, repetir o que a crítica tem dito de sobejo, encarecer ainda uma vez o valor d'essas producções. O Sr. Zaluar é dos bons poetas de nossa geração, e na espécie litteraria, recentemente cultivada com tanto brilho por J. Verne em França, estreiou elle há pouco o seu talento, dando-nos o Doutor Benianus, que é um feliz ensaio da applicação d'aquella moderna fórma de romance às cousas de nosso paiz e à descripção de nossa natureza.

Seu último trabalho A Exposição nacional brasileira de 1875 é uma prova da perspicácia e da variada illustração que adornam o talento do Sr. Zaluar, e, posto que a rigor se não possa intitular uma obra histórica tal como a exigem os nossos estatutos para titulo de admissão ao grêmio d'esta nobre associação, é todavia até certo ponto um documento histórico para os annaes da industria nacional e um lúcido commentario de nossas riquezas naturaes.

A comissão é, pois, de parecer que a proposta está no caso de ser approvada, e ousa esperar muito da applicação do talento do Sr. A. E. Zaluar ao gênero especialde estudos que constitue a nossa divisa e o nosso legitimo empenho. Sala das sessões do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro, 10 de Novembro de 1876.- Dr. B. Franklin Ramiz Galvão, relator. –José Tito Nabuco de Araújo.

Foram unanimemente approvados por escrutínio secreto os dois pareceres da comissão de admissão de sócios, que haviam ficado sobre a mesa, favoráveis aos Srs. Barão de Schreiner e Francisco Manoel Álvares de Araújo, sendo estes senhores adimittidos ao Instituto, aquelle como sócio honorário e este como correspondente.

O Sr. Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior pediu a palavra, e leu um trabalho biographico sobre o Dr. João Baptista Badaró e seu assassinato na província de S. Paulo. (AZEVEDO, 1876, p. 450-451)

Vale ressaltar nesta nota de admissão o destaque dado aos diversos trabalhos desenvolvidos por Zaluar em áreas tão diferentes. Além de ter sido sócio da *Sociedade Auxiliadora da Indústria*, do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)* e de “*A Arcádia Fluminense*”, os interesses de Zaluar o levarão a ser também sócio correspondente do

³⁴ Agraciado por Dom Pedro II com a vena de Cavaleiro da Ordem da Rosa, Viu-se Zaluar, a 10 de novembro de 1867, eleito sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, com a aprovação unânime do parecer de admissão relatado pelo Dr. Benjamim Franklin de Ramiz Galvão. Embora não fosse o candidato autor de obra histórica, observava o eminente relator, possuía sobejos textos literários. Arrolava-se entre os bons poetas da sua geração, compusera o imaginoso romance do “O Dr. Benignus”, adaptação ao Brasil do gênero de Julio Verne. E devia-se-lhe o excelente estudo “A Exposição Nacional Brasileira de 1875” (TAUNAY, 1975, p. 8).

Observatório Nacional. No capítulo seguinte, discutiremos em pormenores a relação deste com a astronomia.

Para terminarmos esta apresentação de Zaluar, devemos conhecer um pouco daquela que é sua obra mais discutida e utilizada por historiadores, inclusive por Sérgio Buarque de Holanda (HOLANDA apud TAUNAY, 1975, p.5-9), a “*Peregrinação pela Província de São Paulo (1860-61)*”.

Trata-se de um relato de viagem, tão comum no século XIX, com uma leve diferença em relação a seus contemporâneos. Enquanto grande parte dos viajantes, principalmente estrangeiros, estava preocupada em catalogar a natureza brasileira, Zaluar, realizava sua viagem a fim de catalogar os elementos civilizadores desta nação, por isso ela transcorreu nas províncias do Rio de Janeiro e principalmente na de São Paulo, onde começavam a surgir cidades de médio porte, alguma indústria e estradas de ferro, devido principalmente à cultura cafeeira.

Vejamos um pequeno trecho que elucida estas preocupações de Zaluar:

Além da parte puramente descritiva destes meus apontamentos de viagem, tenho empenhado todos os meus esforços para obter a maior soma de dados estatísticos acerca das populações, da produção do café, e do número de alunos que freqüentam as nossas escolas de instrução primária e secundária nas povoações que tenho visitado; infelizmente porém é tal a escassez dos documentos, mesmo nos arquivos públicos, que dificilmente se consegue formular um cálculo aproximado para nos orientar no importante trabalho de uma estatística mais geral e completa. (ZALUAR, 1975, p. 56)

Neste trecho está clara a preocupação de Zaluar, ligada a elementos que seriam por ele vistos como aqueles que levariam o Brasil rumo ao progresso. Em sua viagem ele não iria catalogar elementos da natureza exótica, mas as cidades, suas populações, economia e educação.

A educação é um ponto sempre importante em suas reflexões. Ele não deixou de comentar, a cada cidade pela qual passava as escolas lá existentes, o número de alunos de ambos o sexo e o nível cultural destas cidades, preocupação esta sem dúvida ligada à sua condição de pedagogo e escritor. Vejamos:

Existem na vila duas escolas públicas de instrução primária: uma do sexo masculino, freqüentada por vinte e seis alunos, e outra, do sexo feminino, por poucas educandas.

Além destas, há uma escola de instrução secundária, onde estudam dez alunos, alguns dos quais com muito aproveitamento, e é paga pelos cofres provinciais, que lhe fornecem 800\$000 Rs., e a municipalidade, que entra com 400\$000!

Raro e louvável exemplo de filantropia dado por uma população em favor de sua mocidade! (ZALUAR, 1975, p. 70)

Ainda assim, podemos notar que o autor não consegue se desprender das convenções de seu tempo, apesar de a educação ser parte integrante de suas preocupações. Para ele a educação estava mais ligada a um ato de compaixão e caridade dos governantes, do que a um dever de concedê-la esta aos cidadãos.

As preocupações culturais do autor são amplas; ele fala sobre a necessidade de cada cidade ter sua biblioteca e teatro, e de o povo participar de eventos culturais. A cada cidade que chegava buscava ter contato com escritores locais, sempre interessado em conhecer suas obras e travar discussões com eles. Deixava claro que não gostava muito de festas populares: “Eu prefiro os encantos de uma conversa espirituosa a todas as quadrilhas do mundo” (ZALUAR, 1975, p. 24)

Preferindo, ao invés destas, participar de animadas conversas com “intelectuais”, locais, suas conversas, reflexões e censo prático o levaram a comentar a necessidade de instalação de estradas de ferros para escoar a produção cafeeira, de reforma no porto de Santos, de melhorias nas estradas etc.

Outra preocupação sua era com a necessidade de se conservar o patrimônio histórico da nação, mesmo porque uma nação tão jovem não poderia se dar ao luxo de esquecer fatos tão importantes e recentes.

Para quem sai de S. Paulo pela estrada de Santos, depois de haver deixado o pitoresco sítio da Glória, célebre por uma casa que se vê distante do caminho e pelo eco que aí se desafia nas belas noites de luar, o primeiro objeto digno de atenção que encontra é, a pouco mais de uma légua da cidade, um lugar estéril, abandonado e êrmo, onde apenas crescem algumas ervas rasteiras e arbustos enfezados, por entre os quais serpeia um triste arroio, e onde imperam a solidão e o silêncio. Este lugar chama-se a campina do Ipiranga! Não há aí um monumento, uma coluna, uma pedra, uma estaca ao menos que indique ao passante ser esse o átrio onde se consumou o fato mais brilhante da história nacional, e onde se gravou a data imortal da independência de um povo! (ZALUAR, 1975, p. 189)

Zaluar termina sua obra com um capítulo interessante do ponto de vista antropológico: “*Apontamentos para a Civilização dos Índios Bárbaros do Reino do Brasil*”, interessante documento etnográfico.

Acreditamos, neste breve esboço, ter dado ao leitor uma descrição, ainda que sucinta, suficientemente capaz de mostrar de forma mais ou menos detalhada a vida, a obra e as paixões de Augusto Emílio Zaluar. Um trabalho biográfico mais detalhado, ainda que necessário, está além das prerrogativas deste trabalho.

Vale lembrar, entretanto, que Zaluar faleceu em 3 de abril de 1882, no Rio de Janeiro. A partir deste capítulo, desenvolveremos nossas reflexões, acerca dos aspectos antropológicos da obra de Zaluar, tendo como material principal de sua autoria o livro *O Doutor Benignus*, não sendo nossa intenção fazer o papel de crítico literário ou mesmo de biógrafo do autor. Portanto, não iremos considerar suas outras obras como fontes principais para esta pesquisa.

CAPÍTULO 2 - ENTRE O RELATO DE VIAGEM E A MODERNA ANTROPOLOGIA

Para fazermos uma análise contundente da obra de Zaluar, necessitamos não apenas ter conhecimento de sua vida, mas inserir sua produção dentro de um movimento científico maior. Este seria aquele dos viajantes, que analisamos no presente capítulo, onde também buscamos discutir o pensamento de Zaluar a respeito da dificuldade que o antropólogo encontra em sair do mundo do “outro”.

Como viajante, Augusto Emilio Zaluar foi membro daquele ilustre grupo de exploradores que percorreram o interior do Brasil em busca de novas espécimes a fim de enriquecer as ciências naturais. Como já afirmamos, Zaluar escreveu a obra *Peregrinação pela Província de São Paulo (1860-61)*.

Como já foi informado no capítulo anterior, trata-se de um relato de viagem, tão comum no século XIX, com uma leve diferença em relação a seus contemporâneos. Enquanto grande parte dos viajantes, principalmente estrangeiros, estavam preocupados em catalogar a natureza brasileira, Zaluar, realizava sua viagem a fim de catalogar os elementos “civilizadores” desta nação, por isso sua viagem transcorreu nas províncias do Rio de Janeiro e principalmente na de São Paulo, onde começavam a surgir cidades de médio porte, algumas indústrias e estradas de ferro, devido principalmente à cultura cafeeira.

Mas para além desse relato, que não é tema deste trabalho, o livro *Dr. Benignus*, o qual principiamos a analisar, é por sua vez também um relato de viagem, apesar de seu caráter ficcional. A viagem fantástica do *Doutor Benignus* é de certa forma uma síntese de todos os relatos de viagem que o precederam.

2.1 O relato de viagem

Acompanhando aqui a análise do professor Nicolau Sevcenko³⁵, podemos observar a atitude européia para com o continente americano segundo dois olhares diferentes. Primeiramente o europeu colonizador viu a vegetação exuberante do novo mundo como uma ameaça. Assim, ele procurou eliminá-la, abrindo espaço para o cultivo daqueles vegetais selecionados, mesmo aproveitando outros desta mesma flora, em grande parte com propriedades estimulantes, tais como a pimenta, o chá, açúcar, cacau etc.

³⁵ SEVCENKO, Nicolau. O Front Brasileiro na Guerra Verde: vegetais, colonialismo e cultura. Revista USP, São Paulo (30): 108-119, Junho/Agosto de 1996.

Sevcenko cita o exemplo das Ilhas Canárias, onde toda a vegetação nativa foi eliminada. Desta forma, o europeu impôs-se à virgindade nativa, iniciando a exploração predatória desta. Esta atitude, tão bem descrita por Sevcenko, pareceu entretanto não ser a única possível. E tal atitude foi contestada no século XVIII.

Nesse século, conhecido como Século das Luzes, cresceu em toda a Europa um grande interesse pelas viagens de cunho científico. Seguindo seus rivais europeus, o governo português, estrategicamente, “*procura colocar a ciência a serviço do reconhecimento das potencialidades econômicas dos seus territórios coloniais e, com esse intuito, patrocina uma série de expedições exploratórias aos quatro cantos do Império*”. (CRUZ, 2002, p. 62).

Entre 1772 e 1822, foi organizada uma grande reforma no ensino superior de Portugal, inclusive a implantação do curso de Filosofia, que introduzia seus alunos no curso de Filosofia Natural, o qual englobava História Natural, Física Experimental e Química. Para organizar esse novo curso, foi recrutado o Professor Domingos Vandelli.

Vandelli se empenhou em desenvolver em Portugal um pensamento científico e sua aplicação. Para tanto, propôs a Academia de Ciências de Lisboa que se realizassem *Viagens Philosophicas* a fim de explorar as potencialidades das colônias portuguesas. Uma vez que o governo português já tinha como estratégia o aproveitamento econômico das potencialidades do reino e suas colônias, o ministro da Marinha de Ultramar, D. Martinho de Melo e Castro juntou esforços com o professor, dando vida à viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira (CRUZ, 2002), ao mesmo tempo em que, quase simultaneamente, enviava diversos viajantes para outras regiões do império português e do mundo. Vejamos a tabela.

Tabela I: Viajantes do Século XVIII

Viajante	Região
José Vieira Couto	Minas Gerais
Manuel A. da Câmara	Sertão Nordestino
João da Silva Feijó	Cabo Verde e Ceará
Joaquim José da Silva	Angola
Manuel G. da Silva Bahia	Goa e Moçambique
Francisco José de Lacerda e Almeida	Portugal e Bahia
José Bonifácio e Câmara	Europa
Hipólito da Costa Pereira	Estados Unidos

Dados retirados de: CRUZ, Ana Lúcia Rocha Barbalho da. **As viagens são os viajantes: dimensões identitárias dos viajantes naturalistas brasileiros do século XVIII**. Revista História: Questões e Debates. Curitiba, nº36, p. 61-98, 2002.

Reconhecemos a importância dos viajantes citados por Cruz (2002), ver tabela acima, mas destacamos neste trabalho aquela realizada pelo naturalista luso-brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira, entre 1783 e 1792, por ser a maior expedição científica ao Brasil colonial (não citado por Cruz).

A expedição partiu de Lisboa em 1783 e contava com dois “riscadores” (desenhistas) que iriam documentar em aquarelas e desenhos a paisagem, as vilas e cidades, a fauna e a flora. Também levava um “jardineiro” (botânico). Os desenhistas na época eram responsáveis também pela cartografia³⁶.

Entre os diversos produtos enviados por Rodrigues Ferreira para compor o acervo do Museu de História Natural de Lisboa, estava a cabeça de um índio tapuia. Este foi enviado com muito alarde, já que nessa época a “ciência da craniologia”, que tinha por objetivo investigar o crânio das pessoas a fim de classificá-las quanto à raça, ao temperamento e à inteligência, dava seus primeiros passos sob a tutela do cientista alemão Johann Blumenbach (1752-1840), autor do *De generis humani varietate native líber*, em que empregou pela primeira vez a palavra *antropologia*³⁷.

Rodrigues Ferreira reuniu coleções de plantas, animais, minerais e artefatos indígenas que ele nem chegou a catalogar, e mesmo seus escritos não foram trabalhados a fim de serem publicados, ficando suas descobertas restritas aos cientistas da época.

Ao mesmo tempo em que Portugal fazia um esforço surpreendente para catalogar e conhecer as riquezas naturais de seu vasto império, protegia-o, com bastante eficácia, de naturalistas estrangeiros. Seguindo essa política o governo português não permitiu que entre 1799 e 1804 o famoso naturalista Alexander von Humboldt viesse a desenvolver pesquisas em território brasileiro. No percurso de sua viagem de exploração que incluía a Amazônia, o salvo-conduto que ele recebeu do Rei da Espanha não o autorizava a percorrer terras da coroa portuguesa.

No mês de maio de 1800, enquanto a bordo de sua diminuta embarcação Humboldt explorava a cabeceira do Rio Negro, sua viagem chegaria ao conhecimento das autoridades portuguesas. A própria imprensa local pedia sua prisão, conforme consta de um apelo publicado num jornal brasileiro que chegou às suas mãos:

³⁶ Para um trabalho aprofundado referente ao papel desempenhado pelos desenhistas ver: **A confecção de desenhos de peixes oceânicos das “Viagens philosophicas” (1783) ao Pará e à Angola.** Ermelinda Moutinho Pataca. História, Ciências, Saúde – Manguinhos. Vol. 10 (3):979-91, Sept-Dec, 2003.

³⁷ Para uma pequena, mas substancial biografia de Alexandre Rodrigues Ferreira, recomendo a leitura do artigo: **Desventuras na selva: Alexandre Rodrigues Ferreira enfrentou doenças, índios e animais ferozes numa expedição ao Brasil no século XVIII, mas os resultados dos seus esforços só surgiram muito tempo depois.** Ronald Raminelli. Revista de História. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Agosto de 2005. Ano 1, Nº 2. p. 74-79.

Um certo Barão Von Humboldt, berlinense, anda viajando pelo interior da América fazendo observações geográficas para corrigir certos erros em mapas existentes, coletando plantas... um estrangeiro que, com a desculpa de sua linhagem, poderia esconder planos com que espalhar idéias novas e princípios perigosos entre os súditos fiéis deste reino. Vossa Excelência deveria investigar imediatamente... uma vez que seria extremamente injurioso ao interesse político da Coroa de Portugal se tal fosse o caso... (HELFERICH, 2005, p. 49)

Prontamente, foram expedidas ordens para sua prisão. Apesar de não ter conseguido adentrar o Brasil, o trabalho de Humboldt seria particularmente importante para a elaboração do *O Dr. Benignus*. Vamos comentar brevemente suas descobertas e idéias para entendermos a constituição da citada obra de Zaluar.

Nascido em 14 de setembro de 1769, em Berlim, Humboldt teve uma esmerada educação na Alemanha, então sob a coroa de Alexandre, o Grande. Ele contou desde cedo com os melhores tutores privados. Sua formação acadêmica foi em geologia, mas desde muito cedo revelou-se interessado em vários campos da ciência. Seus conhecimentos sobre virtualmente qualquer assunto o tornara amigo de Goethe.

Em 1799 iniciou a sua célebre expedição à América Latina – que também incluiria uma rápida passagem pelos Estados Unidos – na companhia do médico e botânico francês Aimé Bonpland. Tinha a seguinte intenção:

Coletarei plantas e fósseis e farei observações astronômicas. Mas este não é o objetivo principal de minha expedição – tentarei descobrir como as forças da natureza interagem umas com as outras e como o ambiente geográfico influencia a vida das plantas e dos animais. Em outras palavras, devo descobrir sobre a unidade da natureza. (HELFERICH, 2005, p. 47).

Ao longo de cinco anos, percorreu 10.000 km (dez mil quilômetros). Subiu o Rio Orinoco até atingir o Rio Negro, buscando mapear suas ligações. Atravessou a Cordilheira dos Andes, até Lima, no Peru. Visitou Cuba, percorreu extensas regiões do México, terminando sua viagem nos Estados Unidos, onde manteve contatos com o Presidente Thomas Jefferson.

Em 1º de agosto de 1804, retornava à França com toneladas de amostras de animais e plantas colhidas ao longo de 5 anos de viagem. Nessa viagem, Humboldt introduziu na pesquisa científica de campo as noções de rigor e método. Fez ampla utilização dos mais diversos instrumentos de precisão:

Cada um dos 42 instrumentos, aninhado em sua própria caixa forrada de veludo, era o que havia de mais acurado e mais portátil de sua espécie jamais concebido”. Havia

termômetros para medir a temperatura do ar e da água, barômetros para fixar a altitude em relação ao nível do mar, quadrantes e sextantes para determinar a posição geográfica (inclusive um sextante tão pequeno que cabia no bolso), telescópios, microscópios, uma balança, cronômetros, bússolas e um pluviômetro, substâncias para realizar análises químicas, baterias elétricas, eletrômetros (para medir a corrente elétrica), teodolitos (instrumentos topográficos para medir ângulos verticais e horizontais), higrômetros (para medir a umidade atmosférica), uma agulha de inclinação (para medir variações na orientação do campo magnético da Terra), e eudiômetros (para medir a quantidade de oxigênio no ar. (HELFERICH, 2005, p. 49)

Assim, Alexander von Humboldt foi capaz de dar importantíssimas contribuições científicas, graças à regularidade com que fazia suas observações e à precisão de seus instrumentos. Entre elas está o estudo das correntes marítimas (ele foi o descobridor da corrente do Pacífico que posteriormente levou o seu nome), e estudou o funcionamento dos vulcões.

Em sua época, duas teorias distintas procuravam explicar a história da Terra. O netunismo, defendido por Abraham Gottlob Werner, um dos professores de Humboldt e criador de um sistema de identificação mineral baseado em cor, dureza, textura, cheiro e gosto, e usado por Humboldt em suas pesquisas e escritos.

Segundo Werner, em sua teoria compatível com a bíblia, os minerais saíram de um vasto oceano primordial que cobria todo o planeta. Assim, a Terra não tinha um núcleo em fusão, e os vulcões eram formados por focos de fogo que ardiam em leitos subterrâneos de carvão. A lava era apenas rocha sedimentar fundida e ejetada.

Tal teoria foi questionada pelo geólogo escocês James Hutton. Este defendia uma visão da Terra como um sistema dinâmico auto-regulador, que ele nomeou de vulcanismo ou plutonismo. Afirmava que o relevo foi na verdade criado por rochas em fusão que escorreram das profundezas do planeta, e que esses processos geológicos que formaram a Terra continuavam agindo.

Apesar de ser seguidor de Werner, as pesquisas de Humboldt o levaram a confirmar a teoria de Hutton:

Durante suas ascensões das montanhas nos arredores de Quito, ele revolucionou a ciência da geologia, especialmente a vulcanologia. Quando caminha pelos vários picos, Humboldt foi obrigado a concluir que a paisagem austera, patentemente vulcânica não podia ser explicada de forma adequada pela teoria netunista de seu mentor em Freiberg, Abraham Gottlob Werner. Pela abundância de lava e púmice, era evidente que os Andes haviam sido criados por calor, não por sedimentação. Além do mais, as características naturais do terreno eram visivelmente recentes – e ainda em formação, como se via pelos frequentes terremotos e pelas dezenas de vulcões ativos – não o produto de um processo de criação ocorrido de uma vez só muito tempo atrás. (HELFERICH, 2005, p. 256)

Alexander von Humboldt também elucidou a relação entre a flora e o clima, fundando a fitogeografia³⁸. Desenvolveu estudos de Astronomia³⁹. Humboldt realizou pesquisas na área de antropologia, publicando o livro “*Pesquisas Relativas às Instituições e Monumentos dos Antigos Habitantes da América*”, obra em que tratava, entre outros assuntos, de arte, arquitetura, religião, linguagem e astronomia destes povos, sendo por isso mal recebida, pois alguns resenhistas achavam improvável os povos “bárbaros” do novo mundo terem conhecimentos acerca de astronomia, por exemplo. (HELFERICH, 2005, pág. 331).

Entretanto, Alexander von Humboldt não pretendia apenas fazer observações e coletar dados; suas ambições eram bem maiores. Por isso escreveria seu “*Cosmos: Um esboço da Descrição Física do Universo*”. Tinha ele a intenção de

delinear todo o conhecimento sobre as ciências físicas de uma forma que revelaria ao leitor leigo inteligente a ordem subjacente ao aparente caos do universo”. Ou ainda “tenho a idéia maluca de retratar todo o universo material, tudo o que sabemos sobre os fenômenos do universo e da Terra, das nebulosas espirais à geografia dos musgos e das rochas graníticas, em uma obra – e, numa linguagem viva que estimulará o sentimento e o fará aflorar... Mas essa obra não deverá ser tomada como uma descrição física da Terra: compreende o céu e a terra, toda a criação. (HELFERICH, 2005, p. 348).

Pretendia Humboldt, segundo Gerard Helferich, pressionar a iniciativa científica para a busca de princípios unificadores. O autor afirma que hoje, quando a ciência busca desvendar o grande quadro com teorias tão abrangentes como a do caos e a das cordas

³⁸ A fitogeografia foi na verdade a grande paixão de Humboldt. Ele viria a publicar um livro denominado “Ensaio Sobre a Geografia das Plantas”, uma de suas mais duradouras contribuições à ciência da natureza. Nesta obra ele correlacionava o crescimento das plantas a fatores físicos, como tipo de solo, exposição ao sol e ao vento, temperatura e altitude, demonstrando que as características geográficas influenciam o crescimento das plantas. Para uma exposição detalhada recomendamos: ROMARIZ, Dora de Amaranite. Humboldt e a Fitogeografia. São Paulo: Lemos Editora, 1996.

³⁹ Podemos, a partir da obra de HELFERICH (2005), resumir as atividades astronômicas de Humboldt: Ao chegar no novo mundo, Humboldt, sempre que possível desejava usar seus conhecimentos astronômicos a fim de localizar com precisão as cidades e os locais por onde passava, medindo corretamente sua latitude e longitude. Mas muitas vezes mergulhava em profunda decepção ao constatar que o tempo sempre chuvoso e nublado da Amazônia não permitia por dias ou até meses fazer observações astronômicas detalhadas. Mesmo sob condições pouco propícias, Humboldt foi capaz de realizar diversas observações astronômicas, entre elas:

1. Observou os anéis atmosféricos de um dos satélites de Júpiter. (O autor não dá maiores detalhes, por exemplo, qual satélite).
2. Observou a chuva de meteoros de 1799, que foi observada numa área de quase 1 milhão e 600 mil quilômetros quadrados, visível em toda a América Latina e até na Groenlândia e na Alemanha. Hoje estas chuvas são conhecidas como Leonídeos. As observações feitas por Humboldt foram importantes para determinar sua regularidade e foi ele o primeiro a sugerir que estas eram causadas pela passagem da Terra nos campos de detritos de cometas antigos em órbita. Estava correto. Mais tarde constatou que alguns grupos indígenas se referiam aos meteoros como “*urina das estrelas*”.
3. Ele também observou o trânsito de Mercúrio pelo Sol em 9 de novembro de 1802, importantíssimo para determinar a exata longitude de Lima (capital do Peru).

cósmicas, sua busca para entender a unidade da natureza pode ainda ser uma inspiração benéfica, e não apenas um empoeirado anacronismo.

Esta visão da ciência como um todo unificado está permeada na obra de Augusto Emílio Zaluar. Leitor de Humboldt, pretendia constituir uma visão de mundo que unificasse a natureza, o homem e o cosmo.

Mas retomemos ainda algumas constatações historiográficas a fim de contextualizar a obra de Zaluar. A partir da abertura dos portos brasileiros em 1808, as dificuldades enfrentadas por Humboldt não se repetiriam. Na verdade, diversos viajantes europeus poderiam percorrer áreas até então tidas como privilégio dos exploradores luso-brasileiros⁴⁰.

Se até então os europeus não tinham tido contato com o Brasil, tão bem velado por uma coroa portuguesa zelosa e possessiva, que barrava até então a entrada de exploradores não-luso-brasileiros em sua colônia americana, repentinamente estes mesmos europeus passaram a empreender expedições científicas pelo interior do Brasil. Seus relatos produziram representações sociogeográficas para si mesmos. E através desses relatos construíram sua identidade em oposição ao que passou a ser “o resto do mundo”, criando assim um movimento de mão dupla da transculturação, no qual a auto-representação européia criou-se num confronto com a imagem do “outro”⁴¹.

Para entendermos o relato de viagem elaborado por Zaluar, devemos interpretar sua obra em conflito com aqueles relatos que ele leu. Perceberemos, então, que o relato de Zaluar é resultado de múltiplas influências com as quais ele procura dialogar, confrontar e superá-las. Temos nesta época três fontes distintas de viajantes: os europeus, os americanos e os brasileiros. Americanos e europeus tendiam a interpretar o Brasil como o outro, “o natural, o selvagem etc.”, em contraposição ao civilizado.

Zaluar, por sua vez descrevia o Brasil pelo olhar do nacionalismo romântico, tão em voga no século XIX. Zaluar pretendia valorizar a natureza brasileira, mas na medida em que esta podia ser um caminho para o desenvolvimento da nação, e não uma curiosidade. Da

⁴⁰ Esta nova situação foi comemorada com entusiasmo por diversos viajantes. Vejamos dois depoimentos da época. “Quando o Rei D. João VI mudou para o Rio de Janeiro a sede do seu império, o Brasil abriu-se, finalmente, aos estrangeiros. Essa terra, nova ainda, prometia aos naturalistas as mais ricas messes; foi ela que eu me dispus a percorrer.” SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Tradução de Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975, v.4, p.3. (Coleção Reconquista do Brasil). Ou ainda “o olhar dos naturalistas, por muitos anos, voltou-se principalmente para o Brasil, cuja feliz situação prometia rica messe às pesquisas” pois até então este estava “rigorosamente fechado a quem quer que quisesse percorrê-lo e estudá-lo.” WIED, Maximilian Prinz Von. **Viagem ao Brasil**. Tradução de Edgar Süsskind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1989, v.156, p.5. (Coleção Reconquista do Brasil, 2ª série).

⁴¹ PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império – relatos de viagem e transculturação**. Bauru/São Paulo: EDUSC, 1999, p. 31.

mesma forma Zaluar pensava no homem brasileiro, e no nativo em particular, como um elemento a ser incorporado à civilização imperial. Se Zaluar pretendia um papel ativo para o nativo brasileiro, ele recomendava que este primeiramente fosse estudado em sua especificidade, papel esse que ele delegava ao antropólogo.

2.2 Uma pré – figuração da antropologia

No decorrer do *Doutor Benignus*, somos apresentados ao personagem William River⁴², um “antropólogo”⁴³. Este, de origem inglesa, passou cerca de 9 meses entre os povos indígenas de Goiás, para então redigir uma monografia.

Em outras palavras William River estava realizando um trabalho de campo, que seria a fase primordial da investigação etnográfica. Alba Zaluar (1994), reconhece ser esta uma proposição avançada, “*basta lembrarmos que as primeiras expedições para realizar um longo trabalho de campo deram-se na virada do século*” (ZALUAR, Alba. 1994, p. 374).

Alba se refere aqui à coleta de materiais etnográficos feita por Frans Boas por ocasião de uma missão geográfica à Terra de Bafim, em 1887. Seguida por uma expedição zoológica ao estreito de Torres, em 1888, com a presença de A. C. Haddon. Foi também em 1894 que B. Spencer e F. J. Gillen recolheram dados por ocasião de uma viagem de estudos zoológicos na Austrália (MERCIER, 1986, p. 75).

Para Velasco e Rada (1997), o trabalho de campo é o período dedicado à compilação e ao registro de dados, sendo mais do que uma técnica. Trata-se de uma situação metodológica e também um processo em si mesmo, uma sequência de ações, de comportamentos e de acontecimentos, cujo objetivo é redigir uma monografia.

O primeiro trabalho de campo a se enquadrar nesta definição teria sido, segundo os autores, aquele realizado por Bronislaw Malinowski, em seu trabalho de campo nas ilhas Trobriand, nos anos de 1917-1918.

A introdução de “Argonautas do Pacífico Ocidental⁴⁴”, pode mesmo ser considerada a carta fundacional do trabalho de campo antropológico. Versando, como podemos identificar em seu título, sobre o *Tema, método e objetivo da pesquisa*.

⁴² Este personagem é puramente fictício, não tendo qualquer relação com o antropólogo e fisiologista inglês W. H. R. Rivers, fundador da escola de psicologia experimental de Cambridge. Criador de um método de registrar parentesco, entre outras contribuições técnicas à antropologia, Rivers propagava a necessidade de encarar uma cultura ou sociedade como um todo integrado (MERCIER, 1986, p. 109).

⁴³ Usamos aqui o termo antropólogo, com o objetivo de designar o personagem William River. Sabemos que até então esta área das ciências humanas não tinha-se constituído, mas uma vez que o personagem apresenta comportamentos que viriam a serem adotados pelos antropólogos (como passar meses entre os Caiapós antes de escrever sua monografia), e Zaluar o designa como tal, usaremos este termo para referirmos a este.

É nesta introdução que Malinowski, propõe que se façam diários de campo: “*o diário etnográfico, feito sistematicamente no curso dos trabalhos num distrito, é o instrumento ideal para este tipo de estudo*” (pág. 31), e os princípios metodológicos que vão nortear sua pesquisa:

... em primeiro lugar é lógico que o pesquisador deve possuir objetivos genuinamente científicos e conhecer os valores e critérios da etnografia moderna. Em segundo lugar, deve o pesquisador assegurar boas condições de trabalho, o que significa, basicamente, viver mesmo entre os nativos, sem depender de outros brancos. Finalmente, deve ele aplicar certos métodos especiais de coleta, manipulação e registro da evidência (MALINOWSKI, 1978, p. 20).

Seguindo a leitura de Alba Zaluar, de que Zaluar teria realizado uma “*profecia do método etnográfico que se cumpriu no século seguinte*” (ZALUAR, Alba. 1994, p. 374), podemos verificar que as propostas metodológicas inseridas por Bronislaw Malinowski, encontram-se de certa forma esboçadas na ficção de Zaluar. Não significa que Zaluar tenha sido um profeta ou mesmo realizado um trabalho antropológico de envergadura que mais tarde foi esquecido por historiadores da antropologia. Na verdade Zaluar, assim como o romancista francês Júlio Verne, procurava fazer extensas leituras da área de conhecimento de que iria tratar⁴⁴. No decorrer do romance, buscava apresentar aos seus leitores os conhecimentos científicos de sua época a respeito dessa disciplina e conseguiria propor certas especulações acerca do desenvolvimento futuro da área tratada, e por vezes algumas de suas asserções poderiam se verificar plausíveis.

Zaluar fala da necessidade de coletar durante a narrativa, sempre buscando expor suas idéias de que o cientista (por vezes ele usa o termo antropólogo) deve anotar suas observações e recolher objetos a fim de poder melhor estudar os povos indígenas quando retornar ao mundo civilizado.

Ele é taxativo ao acusar os viajantes que percorreram o interior do Brasil de muito pouco escrupulosos na exposição de fatos e na decifração de documentos, trazendo enormes enganos à ciência devido à sua leviandade ao trabalhar ao sabor da aventura mais do que com a exploração científica.

⁴⁴ Para fins de referência usamos a seguinte edição do texto: MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Trad. Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri. 2º ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Pensadores).

⁴⁵ No caso específico da antropologia Zaluar cita os seguintes nomes no decorrer do texto: Quatrefages, Pierre-Paul Broca, Charles Robert Darwin, Alexander von Humboldt, Édourd Arnaud Isidore Hippolyte, François Lenormant, Peter Wilhen Lund, Couto de Magalhães, Boucher de Perthes, entre outros. Verificamos vasta leitura da disciplina.

É interessante salientarmos que no decorrer do romance, *O Dr. Benignus*, Zaluar vai coletando material, tanto de cunho arqueológico, quanto de cunho antropológico ao fazer contato com povos nativos. A expedição fictícia de Benignus não era muito diferente daquelas que ele criticava.

Há uma certa tensão no romance, entre o Dr. Benignus e William River. O primeiro comanda uma expedição à moda antiga, dos viajantes, e o segundo, até por força dos acontecimentos relatados no romance, parece apontar para uma pesquisa mais cuidadosa e em contato direto com os nativos.

Existiria então uma tensão, acreditamos intencional, já verificada por Zaluar. No texto “Poder e Diálogo na Etnografia: A iniciação de Marcel Griaule”⁴⁶, de James Clifford, apesar de não tomarmos conhecimento de fontes primárias, verificamos na *Missão Dakar-Djibout*, que atravessou em vinte e um meses a África, do Atlântico ao Mar Vermelho, certa similaridade com a tensão exposta por Zaluar.

Clifford relata que Marcel Griaule era um aviador da Força Aérea francesa, que tinha interesse em expedições. Pelo relato de Clifford, podemos inferir que Griaule não estava tão distante do viajante aventureiro do século XIX. Sua expedição não era solitária como a de Malinowski; ao contrário, levava consigo vários assistentes, chegou mesmo a pensar em projetar um barco-laboratório-de-pesquisa, para uso no rio Níger. Também buscava realizar de forma intensiva a coleta de artefatos de uma área.

Para Clifford, “a noção de que a etnografia era um processo de coleta dominou a *Missão Dakar-Djibout*, com sua ênfase museográfica” (p.193), mas o mesmo autor também nos informa que Griaule fazia pesquisas intensivas, tendo ficado durante quase três anos, em cerca de dez expedições diferentes, entre os dogon⁴⁷. Fizemos esta citação a fim de salientar que a mesma tensão entre o relato de viagem e a moderna antropologia poderia ser verificada ainda na primeira metade do século vinte, em um dos maiores expoentes da antropologia francesa.

Apesar de se mostrar bastante preocupado com o aprimoramento da pesquisa “antropológica”, Zaluar era um homem de sua época. Geertz (2002), relata que a antropologia nasce no seio da expansão imperialista do ocidente, trazendo consigo uma crença salvacionista nos poderes da ciência.

⁴⁶ CLIFFORD, James. **Poder e Diálogo na Etnografia: A iniciação de Marcel Griaule**. In: A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Org. José Reginaldo Santos Gonçalves. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

⁴⁷ Sociedade Africana pesquisada por Griaule.

Zaluar estava impregnado desta visão de mundo, com uma única diferença: os nativos ao qual Zaluar se referia são parte constitutiva da mesma metrópole que ele. O mesmo dilema foi enfrentado por outros escritores brasileiros, entre eles Gonçalves de Magalhães, José de Alencar, Gonçalves Dias e Bernardo Guimarães.

Todos estes homens do século XIX, os românticos, se apropriaram do índio em seu imaginário. Segundo Jobim *“o nosso romantismo elegerá o índio como seu herói, entre outras coisas porque este podia ser representado como o nativo legítimo do Brasil – aquele que desde sempre aqui viveu, e que lutou heroicamente contra os colonizadores estrangeiros. Nada melhor para um movimento literário nacionalista do que um herói que pode ser apresentado como legítimo produto da nossa terra”*⁴⁸.

Estes escritores pretendiam tratar epicamente o nativo americano e sua natureza. Zaluar, também um escritor romântico, não deixou de enaltecer o indígena, mas pretendeu sobretudo torná-lo parte da sociedade civilizada. Em seu romance, o Doutor Benignus almejava fundar uma colônia agrícola e industrial na ilha de Santana:

Jaime River e os filhos do Dr. Benignus preparam-se com estudos racionais e práticos para serem um dia grandes proprietários agrícolas na colônia da ilha de Santana, sonho dourado do sábio Benignus e seus amigos, pois querem fazer representar ali todas as nações principais, atraindo à civilização pela santa comunhão do trabalho, as raças ainda mergulhadas na indolência e no barbarismo (Zaluar, 1994, p. 346).

Mesmo demonstrando apreço pela pesquisa científica e respeito à cultura destes povos, Zaluar não deixa de enxergá-los estes como bárbaros indolentes a serem transformados em cidadãos úteis ao Império do Brasil.

Zaluar, afinal, não estava escrevendo, de um modo geral, sobre povos coloniais para uma metrópole além do Atlântico. Aqui os povos nativos são, ainda que marginalizados, parte da metrópole. Portanto devem trabalhar por ela.

2.3 O antropólogo no mundo do “outro”

A antropologia, seja ela *“uma busca malinowskiana da experiência, uma paixão straussiana pela ordem, uma ironia cultural benedictiana ou uma reafirmação cultural pritchardiana -, é, acima de tudo, uma apresentação do real...”* (Geertz, 2002, p. 186).

⁴⁸ Ver: JOBIM, José Luís. **Indianismo Literário na Cultura do Romantismo**. Rev. Let., São Paulo, 37/38:35-48, 1994-1998.

Para realizar esta apresentação do real, a ficção antropológica, ainda usando uma interpretação de Geertz, pretende fazer de forma objetiva e científica a ponte entre duas culturas. É o antropólogo, por sua vez, o sujeito que experimenta esta outra cultura e a traduz de forma coerente para ser degustada pelos membros da cultura ocidental.

O historiador da antropologia James Clifford, em seu trabalho “*Sobre a Autoridade Etnográfica*”⁴⁹, relata a constituição da figura do antropólogo como cientista. Este não deve ser confundido com aquele que faz o trabalho de gabinete. O novo antropólogo, agora um cientista, é aquele que realiza um trabalho de campo e legitima seu texto evocando a sua experiência participante.

Muitas etnografias – por exemplo, a de Colin Turnbull, *Forest people* (1962) – ainda são apresentadas no modo experiencial, defendendo, anteriormente a qualquer hipótese de pesquisa ou método específicos, o “eu estava lá” do etnógrafo como membro integrante e participante (CLIFFORD, 1998, p. 35).

A observação participante seria, nas palavras de James Clifford, uma fórmula para o contínuo vaivém entre o “interior” e o “exterior” dos acontecimentos: de um lado, captando o sentido de ocorrências e gestos específicos, através da empatia, para então buscar situá-los estes em contextos maiores (CLIFFORD, 1998, p. 33).

Calcado na observação participante, nasceu este novo gênero científico e literário, a etnografia, dependente das seguintes inovações institucionais e metodológicas, segundo James Clifford:

Primeiro, a persona do pesquisador de campo foi legitimada, tanto pública quanto profissionalmente... Segundo, era tacitamente aceito que o etnógrafo de novo estilo, cuja estadia no campo raramente excedia a dois anos, e mais frequentemente era bem curta, podia eficientemente “usar” as línguas nativas mesmo sem dominá-las... Terceiro, a nova etnografia era marcada por uma acentuada ênfase no poder de observação... Quarto, algumas poderosas abstrações teóricas prometiam auxiliar os etnógrafos acadêmicos a “chegar ao cerne” de uma cultura mais rapidamente do que alguém, por exemplo, que empreendesse um inventário exaustivo de costumes e crenças... Quinto, uma vez que a cultura, vista como um todo complexo, estava sempre além do alcance numa pesquisa de curta duração, o novo etnógrafo pretendia focalizar tematicamente algumas instituições específicas... Sexto, os todos assim representados tendiam a ser sincrônicos, produtos de uma atividade de pesquisa de curta duração. O pesquisador de campo, operando de modo intensivo, poderia, de forma plausível, traçar o perfil do que se convencionou chamar “presente etnográfico”... (CLIFFORD, 1998, p. 28-30).

⁴⁹ CLIFFORD, James. **Sobre a Autoridade Etnográfica**. In: *A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Org. José Reginaldo Santos Gonçalves. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

Este pesquisador descrito por Clifford, entretanto, segundo Geertz (2002), tem seu discurso cada vez mais difícil de se realizar. Afinal:

A capacidade dos antropólogos de nos fazer levar a sério o que dizem tem menos a ver com uma aparência factual, ou com um ar de elegância conceitual, do que com sua capacidade de nos convencer de que o que eles dizem resulta de haverem realmente penetrado numa outra forma de vida (ou, se você preferir, de terem sido penetrados por ela) - de realmente haverem, de um modo ou de outro, “estado lá”. E é aí, ao nos convencer de que esse milagre dos bastidores ocorreu, que entra a escrita (GEERTZ, 2002, p. 15).

Verificamos, então, que tradicionalmente o antropólogo é aquele cientista que pretende escrever uma etnografia e para tanto deve fazer uma observação participante. Enfocaremos o trauma da saída deste cientista do mundo do “outro” que ele pretende estudar, defendendo a tese de que tal trauma já estava presente na obra de Zaluar.

No decorrer do *O Doutor Benignus*, ficamos sabendo que William River, apesar de todas as dificuldades que encontrou entre os Carajás, pretendia, após apresentar sua monografia em um Congresso Internacional de Geografia, voltar para junto desses nativos, a fim de, entre outras coisas, continuar seus estudos e participar da cidade utópica de Zaluar.

Para a antropóloga Alba Zaluar, o personagem William River representaria uma espécie de “*pré-figuração da situação vivida por muitos etnógrafos que não sabem como sair do mundo do outro*” (ZALUAR, Alba. 1994, p. 374).

O termo préfiguração pode ser definido como: “*Ato de prefigurar; representação de coisa futura. Representar antecipadamente coisa que ainda não existe, mas que pode existir.*”⁵⁰

Assim usada a palavra préfiguração, como definida no dicionário citado, queremos enfatizar, de acordo com Alba Zaluar, um certo exercício de antecipação por parte de Augusto Emílio Zaluar. O não sair do mundo do “outro”, ou o não saber fazê-lo, poderia vir a ser o futuro da antropologia. Recorrendo ao antropólogo Nigel Barley, acreditamos que podemos defender tal tese, pois as afirmações de Zaluar tornaram-se realidade.

Nigel Barley, autor de “*El antropólogo Inocente*”⁵¹, estabelece algumas certezas que diz serem comuns na vida universitária, ainda que totalmente arbitrárias. Uma dessas certezas arbitrarias seria a de que o bom estudante se tornaria um bom investigador, de que um bom

⁵⁰ Ver: FERNANDES, Francisco. LUFT, Celso Pedro. GUIMARÃES, F. Marques. **Dicionário Brasileiro Globo: Português**. 41ª ed. São Paulo: Editora Globo, 1995.

⁵¹ BARLEY, Nigel. *El antropólogo inocente*. Trad. de M.ª José Rodellar. Espanha/Barcelona: Editora Anagrama, 2005 (20ª edição).

investigador se tornaria um bom escritor de ensaios, e que por fim um bom escritor de ensaios desejaria fazer trabalho de campo.

Para o autor, estas são deduções sem qualquer fundamento. Afinal, alguns estudiosos tornam-se investigadores medíocres, alguns ensaístas que estão constantemente publicando nas melhores revistas de sua área são professores decepcionantes.

Ele mesmo faz parte de uma nova geração de antropólogos que considera o trabalho de campo um tanto sobrevalorizado. Assim, teria feito um doutorado tendo por base horas de pesquisa em bibliotecas.

Mas, após ensinar durante vários anos, Barley optou por fazer um trabalho de campo, ainda que para ele o trabalho de campo parecesse, “...una de esas tareas desagradables, como el servicio militar, que había que sufrir en silencio, o si por el contrario se trataba de uno de los ‘privilegios’ de la profesión por el cual había que estar agradecido.” (BARLEY, 2005, p. 18)

Seria um recurso para escapar da docência e tutoria, um privilégio da profissão, que durante o resto da vida coloca à mão um repertório de anedotas etnográficas para fazer calar os alunos e entreter as pessoas. Ou quem sabe uma maneira de adquirir uma aura que permite fazer parte ‘dos santos da igreja britânica dos excêntricos’, nas palavras do autor:

Y sospecho que há sido la utilización de tales latiguillos lo que há dotado de esa valiosa aura de excentricidad a los grises pobladores de los departamentos de antropología. Los antropólogos han tenido suerte en lo que se refiere a su imagen pública. Es notorio que los sociólogos son avinagrados e izquierdistas proveedores de desatinos o perogrulladas. Pero los antropólogos se han situado a los pies de santos hindúes, han visto dioses extraños, presenciado ritos repugnantes y, haciendo gala de un audacia suprema, han ido a donde no había ido ningún hombre. Están, pues, rodeados de un halo de santidad y divina ociosidad. Son santos de la iglesia británica de la excentricidad por mérito propio. (BARLEY, 2005, p. 19-20)

Continuando sua linha de argumentação, o autor coloca em xeque o trabalho de campo como simples coleta de material, “coleccionar mariposas”, pois o que importa não é o volume de material etnográfico recolhido e descrito, mas aquilo que se faz com este material.

Assim, as justificativas para a investigação de campo seriam iguais àquelas dadas para qualquer atividade acadêmica, não residindo em uma contribuição à coletividade, mas em uma satisfação egoísta. Para sustentar suas teses, Barley decide partilhar com o leitor sua própria experiência de campo, tendo por objetivo:

...puede servir para reequilibrar la balanza y demostrar a los estudiantes, y ojalá también a los no antropólogos, que la monografía acabada guarda relación con los ‘sangrantes pedazos’ de la cruda rea que se basa, así como para transmitir algo de la

experiencia del trabajo de campo a los que no han pasado por ella. (BARLEY, 2005, p. 21)

Barley continua sua argumentação sugerindo que:

Es una ficción amable pensar que un deseo irrefrenable de vivir entre un único pueblo de este planeta que se considera depositario de un secreto de gran transcendencia para el resto de la raza humana consume a los antropólogos, que sugerir que trabajen en outro lugar es como sugerir que podían haberse casado con alguien que no fuera su insustituible compañero espiritual. (BARLEY, 2005, p. 21)

Uma vez não estando comprometido com tal visão da etnografia, Barley pretendeu escolher o povo para sua pesquisa de uma perspectiva mais prática. Devido a dificuldades de ordem material e principalmente política desistiu de pesquisar em Timor Leste (então colônia da Indonésia), e em Fernando Poo (sob regime ditatorial), e acabou optando pelos dowayos, habitantes das montanhas da República dos Camarões (África).

Entretanto, Barley relata que antes mesmo de chegar ao local da pesquisa teve de passar por vários contratempos, entre eles o processo de convencer o Comitê responsável pela bolsa de pesquisa sobre a validade de seu trabalho de campo. Ainda que Barley defendesse sua pesquisa como interessante, nova e importante para o desenvolvimento da antropologia, sabia que esta era apenas normal, seguindo o padrão de diversas pesquisas anteriores.

Após ter sua pesquisa aprovada, Barley relata suas dificuldades em conseguir um visto para desenvolver seu trabalho na República dos Camarões:

La principal dificultad reside aquí, igual que en otras áreas, en explicar por qué el gobierno británico considera provechoso pagar a sus súbditos jóvenes cantidades bastante importantes de dinero para que se vayan a zonas desoladas del mundo con el supuesto cometido de estudiar pueblos que en el país son famosos por su ignorancia y atraso. ¿Cómo era posible que semejantes estudios fueran rentables? Evidentemente, había algún tipo de propósito oculto. El espionaje, la búsqueda de yacimientos minerales o el contrabando habían de ser el verdadero motivo.” (BARLEY, 2005, p. 28)

O tratamento dispensado pela empresa aérea local “*Air Cameroun consideraba a todos los clientes una detestable molestia*” (BARLEY, 2005, p. 26), a vacina que teve de tomar contra febre amarela e que lhe provocara tonturas e vômitos, as dificuldades em comprar materiais adequados para a pesquisa, já que a alfândega criava imensos problemas com as importações inglesas, essas foram as dificuldades de Barley.

Seu relato prossegue descrevendo a monotonia de estar em uma população tipicamente rural. Afinal, havia sido criado na moderna sociedade industrial cheia de estímulos. Foi

mesmo chamado para ser mediador em disputas entre empregados (oriundos da etnia dowayos), e seus patrões.

Apesar destes percalços, Barley apresenta uma poderosa etnografia, oferecendo minuciosas informações sobre cerimônias, linguagem, comida, construção de choças, circuncisão e fertilidade. Também expõe os processos de coleta e construção do objeto de estudo, inclusive suas incertezas.

Barley relativiza os dowayos em relação às etnias e aos grupos vizinhos: fulanis, koma, negros urbanizados, cristãos, muçulmanos, funcionários e cooperantes ocidentais, tratando também suas experiências: tropeços lingüísticos, extração dentária, aventuras na medicina indígena, sem idealizações.

Por fim, ao retornar à Inglaterra com 18 quilos a menos e com suas crenças fundamentais abaladas, sentindo que a trabalhosa instalação no país Dowayo foi um empreendimento insensato, ele tem a seguinte conversa com um amigo antropólogo.

“- Ah, ya has vuelto.

- Sí.

- ¿ Há sido aburrido?

- Sí.

- Te has puesto muy enfermo?

- Sí.

- ¿ Has traído unas notas a las que no encuentras ni pies ni cabeza y te has dado cuenta de que te olvidastes de hacer todas las preguntas importantes?

- Sí.

- ¿ Cuándo piensas volver?

Me reí débilmente. Sin embargo, seis meses más tarde regresaba al país Dowayo. (BARLEY, 2005, p. 234)

O relato de Barley tem certas similaridades com a descrição feita por Zaluar da vida do personagem William River. A princípio é o estranho elo que liga o antropólogo ao “*seu povo*”. Mesmo com todas as dificuldades que Barley e River⁵² enfrentam, almejam apenas umas pequenas férias no mundo “civilizado”, para então retornar ao “*seu povo*”⁵³.

Esta volta ao “seu povo”, presente na obra de Barley e de Zaluar, ainda que apenas pré-figurada, não é apenas uma curiosidade psicológica inerente ao antropólogo, mas o resultado de um questionamento epistemológico e discursivo que pode ser a via de fortalecimento do trabalho de campo.

⁵² Vamos nos referir aqui a William River de forma bastante literal. Quase como a um personagem real.

⁵³ Segundo James Clifford, “a forma possessiva ‘*meu povo*’ foi até recentemente bastante usada nos círculos antropológicos, mas a frase na verdade significa ‘*minha experiência*’.” (CLIFFORD, 1998, p. 38). É neste sentido que usamos a expressão neste trabalho.

Já salientamos neste trabalho que a antropologia teve como seu principal alicerce e garantia de objetividade científica o trabalho de campo. A etnografia seria assim o equivalente à experiência repetida em laboratório nas ciências exatas. Entretanto, críticas foram feitas tanto por antropólogos hermenêuticos (Clifford Gertz), quanto por antropólogos pós-modernos (James Clifford).

Gertz, apoiando-se em uma tradição hermenêutica, e na semiótica, propõe que a única maneira de descrever os fatos culturais é precisamente interpretando-os, uma vez que os fenômenos culturais são sinais, mensagens ou textos. Podemos apenas interpretar seu significado:

Tal construção, em tais moldes, agora que as suposições simplistas sobre a convergência de interesse entre povos (sexos, raças, classes, cultos etc.) de poder desigual foram historicamente rejeitadas, e que a própria possibilidade da descrição absoluta foi questionada, não parece, nem de longe, uma empreitada tão inambígua quanto na época em que a hierarquia estava instaurada e a linguagem não tinha peso. As assimetrias morais através das quais trabalha a etnografia, bem como a complexidade discursiva em que ela funciona, tornam indefensável qualquer tentativa de retratá-la como mais do que a representação de um tipo de vida nas categorias de outro (GEERTZ, 2002, p. 188).

James Clifford, por sua vez, participou do movimento empreendido por jovens antropólogos americanos no seminário de Santa Fé (Novo México, EUA, abril de 1984). De certa forma todos eles inspirados por Geertz, ainda que também fazendo críticas a este⁵⁴, estes antropólogos identificavam uma crise no campo da antropologia, até então ainda muito positivista segundo eles.

Sua intenção era então, a partir de uma postura claramente impregnada da crítica pós-estruturalista ou pós-moderna, redefinir a antropologia a partir de critérios estéticos, recorrendo a análises paraliterárias e filosóficas. Esse movimento teve seu manifesto publicado na forma do livro *Writing Culture*,⁵⁵ publicado em 1986.⁵⁶

São autores presentes no livro os seguintes antropólogos: James Clifford, Mary Louise Pratt, Vincent Crapanzano, Renato Rosaldo, Stephen A Tyler, Talal Asad, George E.

⁵⁴ Segundo Sena “eles não são um grupo, eles não formam uma escola, eles não seguem modelos, eles não propõem modelos, eles não acreditam em teoria geral, eles não suportam o positivismo, eles não são convencidos pela transparência do realismo etnográfico, eles não são enganados pelo virtuosismo interpretativo, eles não reivindicam uma genealogia na tradição da disciplina, eles se reuniram em Santa Fé para matar o pai (Geertz)”. (SENA, 1987, p. 3)

⁵⁵ O título completo é *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*.

⁵⁶ Para confecção deste trabalho usamos a seguinte edição em língua espanhola: CLIFFORD, James. MARCUS, George E. **Retóricas de la Antropología**. Trad. José Luis Moreno-Ruiz. Espanha / Madrid: Ediciones Júcar Universidad, 1991. (Série Antropología).

Marcus, Michel M. J. Fischer e Paul Rabinow. Além de ser organizador e um dos ensaístas, James Clifford, é também responsável pela introdução da obra.

Destacamos um trecho de sua introdução:

Los ensayos que aquí se contienen hacen bien explícito un aserto: la ideologización, en el análisis, há claudicado, há sucumbido. Estos ensayos son el resultado de una observación, de una visión a la contra, única manera posible de componer un código fiable de representaciones. Se assume, en este libro, que lo poético y lo político son cosas inseparables; y que lo científico está implícito en ello, no en sus márgenes. O sea, como en todo processo histórico y lingüístico. Asumen, estes ensayos, que las interpretaciones puramente literarias son propicias a la experimentación, a la vez que rigurosamente éticas. El texto en gestación, la retórica incluso, arrojan buena luz para construir, siquiera sea artificialmente, una sucesión de eventos culturales. Ello mina ciertas resoluciones que propenden al autoritarismo interpretativo; ello hace más transparente el sustrato cultural que se contempla. Así se evita, en definitiva, que la interpretación etnográfica sea, más que una representación de culturas, una reinención de las mismas (véase a Wagner). Por todo ello podemos decir que el problema no radica en la interpretación de unos textos literarios, en su sentido más tradicional. La mayoría de estos ensayos, apoyados en un empirismo constatable, se refieren a textos elaborados en contextos de poder, de resistencia, de tensiones institucionales, y espoleado todo ello por una clara intención renovadora. (CLIFFORD, 1991, p. 26-27)

Os escritos etnográficos teriam de passar a combinar descrições com interpretações, em que etnógrafo usa da interpretação para associar o pensamento do nativo aos seus meios de expressão e torná-los compreensíveis para o leitor. O resultado parece ser uma redução do papel do antropólogo ao de escritor, e da crise epistemológica e política da disciplina a uma questão de estilo.

Para Sena (1987), estes antropólogos pretendiam, sim, é se destacar de seus colegas. Afinal, a inovação, além de garantir a sobrevivência intelectual garantia também a econômica, já que o mercado de trabalho estava saturado por relatos etnográficos.

Após os escritos de Clifford Geertz e James Clifford, com suas críticas ao “trabalho de campo”, este teria realmente se esgotado; a atividade antropologica inovadora passaria a ser a meta-antropologia. Acreditamos que não!

Ainda que nos faltem maiores leituras e possivelmente experiência etnográfica, o que desponta para nós é um aumento da complexidade do trabalho de campo. Pensamos que para fazer antropologia precisamos ter acesso a dados, e ainda, que em muitos casos poderemos recorrer a bibliotecas ou mesmo a rede mundial de computadores (Internet). O trabalho de campo, com todas as críticas feitas por hermenêuticos e pós-modernos, parece ainda ser a melhor forma de colher dados não publicados.

As críticas feitas aos textos etnográficos e as discussões teóricas originadas destas servem, ao nosso ver, não para invalidar o trabalho do etnógrafo, mas para sobrevalorizá-lo.

Agora torna-se claro que o antropólogo não é um mero colecionador de fatos, estando distante de homens como Alexandre Rodrigues Ferreira e Alexander von Humboldt, com os quais abrimos este capítulo.

Na verdade, os fatos sociais, religiosos, tecnológicos etc, coletados pelo antropólogo no trabalho de campo são o resultado de processos sociais, institucionais e discursivos de construção teórica realizada pelo antropólogo, que de qualquer forma deve ter o trabalho de colhê-los. O questionamento acerca destes dados não deve ser pretexto para se substituir o trabalho de campo pela pura análise teórica.

Ao contrário, aumenta a necessidade de cada vez mais fortalecer seu trabalho com mais dados, voltando-se novamente ao campo de pesquisa, e possivelmente voltar-se outra vez, e quem sabe até mesmo uma outra vez. Redundância verbal à parte, parece ser cada vez mais imperativo o trabalho de colher dados e analisá-los, e mais tarde voltar ao campo para comprovação da análise, para então fazer uma nova análise e assim por diante.

Sair do mundo do outro, dificuldade enfrentada pelo personagem de Zaluar e possivelmente por dezenas de antropólogos de carne e osso, parece não ser mais uma dificuldade a ser suplantada, mas uma postura a imitar. William River mostrou-se, ao não conseguir evitar seu retorno ao “seu povo”, coerentemente, um antropólogo preparado para o século XXI. O trabalho de Barley é um bom exemplo do fortalecimento epistemológico e discursivo que o trabalho de campo pode ganhar com esta postura.

Afinal *“o autor agora não tem apenas que construir um texto para ser feliz mas deve ainda estar consciente do processo de construção, de seu próprio lugar no texto, dos artifícios retóricos usados e dos efeitos conseguidos”* (SENA, 1987, Advertência ao Leitor Espertinho I [S. P.]).

CAPÍTULO 3 - A ORIGEM DO HOMEM: MONOGENISMO E POLIGENISMO

No decorrer do romance *O Dr. Benignus*, personagem de Zaluar, se coloca duas questões de cunho antropológico, que tentara responder, trazendo ao leitor da época as últimas informações de um debate científico que acontecia no IHGB (SOUZA, 1991): Qual a origem das sociedades indígenas? Os indígenas seriam autóctones ou teriam imigrado de um outro continente? Ao levantar estas questões para, ao respondê-las, tentar provar a origem do homem no continente americano (no Brasil), e sua posterior migração para outros continentes, ele busca justamente tornar este “outro”, que é o nativo da América, parte integrante da sociedade brasileira.

Para responder a estas questões, Zaluar se envolveu no debate existente entre duas correntes distintas de pensamento: poligenismo e monogenismo. Dominante até meados do século XIX, a corrente monogenista baseava-se na idéia de uma humanidade una, sendo as diferenças fruto de uma maior ou menor degeneração da raça humana. Já os poligenistas, que marcam os finais do século XIX, pressupõem vários centros de criação, justificando assim as diferenças raciais observáveis.

O debate entre poligenistas e monogenistas acerca da origem do homem é um tema importante para Augusto Emílio Zaluar. Salienta Alba Zaluar (1994):

Na viagem fantástica de Augusto, o primeiro mistério a ser desvendado não é a riqueza escondida na floresta, mas a própria existência do homem no planeta Terra. E a resposta poderia estar nas grutas e fósseis da antiga Minas Gerais. O mistério é, pois, o próprio homem que já adquiriu a capacidade de, por uma antropologia científica – evolucionista e positivista – descobrir a sua origem (ZALUAR, Alba, América Redescoberta: O civilizado cientista e seus outros, p. 371).

O Dr. Benignus, no decorrer do romance, busca provar aos personagens secundários da trama a verdadeira origem do homem e dos povos nativos do Brasil. Para tal, recorre às pesquisas de Peter Wilhelm Lund (1801-1880), pai da paleontologia brasileira, estudioso da botânica e da zoologia.

Lund estudou as grutas de uma cadeia de montanhas de rochas calcárias da serra do Espinhaço (MG), recolheu material, principalmente 30 esqueletos humanos na gruta do Sumidoro, estes “*remanescentes ósseos humanos de Lagoa Santa estavam destinados a impactar de forma indelével o estudo da presença dos humanos no continente americano e a própria história dos estudos evolutivos humanos*” (NEVES e ATUI, 2004, p. 160).

Lund (1844) encontrou esses ossos misturados aos dos animais, e segundo ele todos depositados aproximadamente na mesma época, e associados à megafauna extinta, sugerindo a presença do homem no Novo Mundo pelo menos a partir do final do Plesistoceno. Atualmente, sabe-se que os esqueletos fósseis descobertos por Lund “*estão inseridos numa faixa cronológica entre aproximadamente 11 e 8 mil anos antes do presente, e a maioria está compreendida entre 8,5 e 8 mil anos*” (NEVES e ATUI, 2004, p. 176).

Zaluar dedica um capítulo inteiro de *O Dr. Benignus* a Lund, o capítulo XV, que recebe o título de “*O Dr. Lund*”. Ao iniciar seus comentários, através do personagem Dr. Benignus, Zaluar diz ter lido as obras originais do Dr. Lund, provavelmente em dinamarquês, e também suas cartas publicadas na Revista do IHGB⁵⁷. Transcreve alguns trechos dessas cartas.

Para Zaluar, as descobertas de Lund são uma prova clara de que “*a existência do homem neste continente remonta-se aos tempos anteriores à época em que existiram as últimas raças dos animais gigantes, isto é, às idades pré-históricas*” (ZALUAR, 2004, p. 136).

Zaluar continua argumentando, usando sempre citações dos escritos de Lund, até que chega à conclusão de que o homem americano é o mais antigo do mundo, e o continente americano teria sido o primeiro continente a emergir em meio aos oceanos.

Termina por fim o infatigável naturalista (Lund), depois de um estudo sobre a unidade ou diversidade das raças e de profundas observações sobre a configuração geológica desta parte do continente americano, em toda a grande chapada, desde a serra do Mar até as cordilheiras dos Andes, abrangendo as cabeceiras dos maiores rios do mundo, provando que esta região já se achava elevada acima do mar ‘ou (Zaluar agora citando Lund) que já existia como um continente a parte central do Brasil, quando as demais partes do mundo ainda submergidas no seio do oceano universal, ou surgiam apenas ilhas insignificantes, tocando assim ao Brasil o título de ser o mais antigo continente do nosso planeta’ (ZALUAR, 2004, p. 164).

Pretende Zaluar, através da ciência, provar a origem do homem no continente americano (no Brasil), e daí sua posterior migração para outros continentes. A teoria monogenista do homem americano afirmada por Lund é, assim, difundida por Zaluar. Entretanto, esta teoria não tem em Lund seu único defensor, tendo em Luiz Agassiz⁵⁸ seu internacionalmente mais popular defensor e teórico.

⁵⁷ Ver: LUND, P. W. Carta escripta da Lagoa Santa ao senhor secretário do Instituto. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1842, vol. 4: 30-87. E também: LUND, P. W. Carta escripta de Lagoa Santa a 21 de abril de 1844. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1844, vol. 6: 334-342.

⁵⁸ Jean-Louis-Rodolphe Agassiz (1807 - 1873), médico naturalista, zoólogo, geólogo e paleontólogo suíço nascido em Mötier, um dos *sistematizadores* do estudo da história natural nos EUA. Educado em Zurique,

Agassiz estava determinado a refutar a teoria da evolução das espécies de Charles Darwin (1809-1882). O que Agassiz mais repudiava era o fato de a teoria da evolução das espécies ser monogenista. Para Agassiz era impensável que brancos, ameríndios e negros poderiam ser membros da mesma espécie. No ensaio “Observação sobre as raças⁵⁹”, ele faz a seguinte observação:

Logo, no que diz respeito ao produto, as raças humanas se acham, umas em relação às outras, na mesma relação que as espécies animais entre si e a palavra raças, na significação atual, deverá ser abandonada quando o número das espécies humanas for definitivamente determinado e quando os verdadeiros caracteres dessas espécies houverem sido nitidamente estabelecidos. Por mim, julgo estar demonstrado que, a não ser que se prove que as diferenças existentes entre as raças índia, negra e branca são instáveis e passageiras, não se pode, sem estar em desacordo com os fatos, afirmar a comunidade de origem para todas as variedades humanas. (AGASSIZ, 1975, p. 183-184).

Stephen Jay Gould publicou um trecho de uma carta de Agassiz bastante revelador do porquê de sua luta contra a origem monogenista do homem:

Foi em Filadélfia que estive pela primeira vez em contato prolongado com os negros; todos os empregados de meu hotel eram homens de cor. Mal posso lhe expressar a dolorosa impressão que experimentei, particularmente porque a sensação que eles me inspiram vai contra todas nossas idéias a respeito da confraternização de todos os tipos de homem e da origem única de nossa espécie. Mas a verdade deve estar acima de tudo. Não obstante, senti piedade à vista dessa raça degradada e degenerada, e tive compaixão pelo seu destino ao pensar que se tratava realmente de homens. Contudo, é-me impossível reprimir a impressão de que eles são feitos do mesmo sangue que nós.⁶⁰

O contato de Darwin com os negros escravizados no Brasil, no ano de 1832, durante sua famosa volta ao mundo no *Beagle*, não poderia ser mais oposta:

É impossível ver um negro sem sentir simpatia por ele, por sua expressão alegre, honesta e franca, por seus corpos de bela musculatura... [continua Darwin]... antes que eu pudesse esboçar qualquer reação, vi um garoto com seis ou sete anos ser golpeado na cabeça três vezes com um chicote, só por ter-me servido água num copo que não estava totalmente limpo. Percebi o pai do menino tremer a um simples olhar

estudou medicina nas universidades de Heidelberg (1824-1828), em Erlangen (1829), onde se doutorou em filosofia, e Munique (1830), doutorando-se em medicina. Pesquisou peixes e moluscos fósseis. Posteriormente dedicou-se ao estudo do movimento, da estrutura e da história das geleiras. Apaixonado pela ictiologia esteve no Brasil (1865-1866), chefiando uma expedição que viajou por todo o norte, nordeste e Minas Gerais, pesquisando e catalogando os peixes brasileiros, principalmente da bacia amazônica. Do seu interesse pelo Brasil escreveu 29 obras sobre o país, envolvendo assuntos tais como fauna, geologia, geografia, além de histórias e relatos de suas aventuras, como em *A Journey in Brazil* (1868) considerado um valioso relato sobre a vida e os costumes brasileiros da época.

⁵⁹ In: AGASSIZ, Luiz e Elizabeth Cary. **Viagem ao Brasil** (1865-1866)., 1975. p. 181-185.

⁶⁰ *Apud* GOULD, Stephen J. **A falsa medida do homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 32-33.

de seu senhor ... [mais tarde dá seu veredito] ... queira Deus que jamais volte a pôr os pés num país escravocrata.⁶¹

Augusto Emílio Zaluar conhece a obra de ambos. Tanto Agassiz quanto Darwin são citados no *O Dr. Benignus*, mas ele se inclina a uma defesa das teses de Darwin, o que em si só representa uma posição bastante distinta de seus contemporâneos. Agassiz veio ao Brasil tentar provar que os peixes não possuíam uma origem comum. Se conseguisse, poderia generalizar suas observações a outras espécies animais, inclusive ao homem. Também queria verificar a existência de sucessivas glaciações, um total de 27, o que provaria sua hipótese de cataclismos seguidos de criações sucessivas, dando uma explicação científica, não-evolucionista à enorme variedade de fósseis.⁶²

O imperador D. Pedro II que em suas cartas inteirava que “*a doutrina da evolução é muito decepcionante, embora se apoie sobre muitos fatos*”⁶³, afirmando que “*continuo a crer que o primeiro homem não foi negro, nem descendente de macaco. Eu repetiria com o autor que vale mais a ignorância do que a ilusão da ciência*”⁶⁴, deu sua aprovação, amizade e entusiástica ajuda a expedição de Agassiz. E pelo teor de suas cartas, nunca mudou de posição.

A predominância do pensamento poligenista no Brasil é afirmada por Schwarcz:

Adeptos, em sua maior parte, dos modelos poligenistas de análise – que entendiam as raças como fenômenos essenciais e ontológicos resultantes de centros de criação diversos – esses teóricos de museus concluíram não só que ‘(...) a evolução encontrada na natureza era exatamente igual àquela esperada para os homens (...)’, mas supunha, que “(...) os grupos inferiores constituíam barreiras frente ao progresso da civilização” (Boletim do Museu Paraense, 1895: 16).⁶⁵

E também por Lopes (2001):

Os diretores de museus brasileiros e argentinos partilharam uma mesma fé inabalável nas ciências que eram garantia do progresso, e se dedicaram à missão científica e civilizadora que lhes cabia: recolher nos museus os testemunhos

⁶¹ *Apud* FEGUEIREDO, Cláudio. **A ciência dos opostos**. Revista Nossa História. Editora Vera Cruz. Ano 3, nº27, janeiro de 2006, p. 52-56.

⁶² Ver: AGASSIZ, Luiz e Elizabeth Cary. **Viagem ao Brasil** (1865-1866)., 1975. Principalmente páginas 26, 27 e 28, e 40, 41 e 42.

⁶³ Carta de Pedro II a Quatrefages em 14 de dezembro de 1886 *apud* DOMINGUES, Heloisa Maria Bertaol. SÁ, Magali Romero. Controvérsias Evolucionista no Brasil do Século XIX. In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertaol (Org.). **A Recepção do Darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

⁶⁴ Carta de Pedro II a Quatrefages em 17 de abril de 1891 *apud*. DOMINGUES, Heloisa Maria Bertaol. SÁ, Magali Romero. Controvérsias Evolucionistas no Brasil do Século XIX. In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertaol (Org.). **A Recepção do Darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

⁶⁵ SCHWARCZ. O Espectáculo da Miscigenação. In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertaol (Org.). **A Recepção do Darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. p. 165-180.

arqueológicos da cultura dos povos primitivos ... para os estudos comparativos que pudessem esclarecer as questões fundamentais da origem e do futuro da espécie humana, que do Amazonas ao Prata todo esperavam encontrar na América (p. 69).

Em meio ao debate, Zaluar iria defender sistematicamente a posição darwinista, e salvo engano nosso, *O Dr. Benignus* é a primeira obra de literatura brasileira a apresentar posições tão claramente favoráveis à teoria da evolução das espécies. Levando-se em consideração a publicação deste primeiramente em folhetins, que eram lidos por todo o público letrado de então, seu caráter de divulgação não deve ser desprezado.

Zaluar inicia a primeira página do primeiro capítulo de *O Dr. Benignus*, com uma referência a Darwin, dizendo que o homem moral é um verdadeiro produto da seleção das espécies (ZALUAR, 2004). Deixando claro sua postura darwinista, que também pode ser verificada quando este fala da evolução em termos universais, envolvendo também alienígenas, posição já defendida por Flammarion (Ver o próximo capítulo).

Assim haverá diversas referências indiretas à teoria da evolução, até que durante uma caçada, os homens que acompanham Benignus matam um orangotango para o jantar. Katine, o cozinheiro de Benignus, se recusa a cozinhar aquele que pode ser um de seus antepassados em linha transversal (sic.).

Em outro momento, o personagem Dr. Benignus informa a seu cozinheiro, que não há estudo mais importante a um antropólogo que o de revelar ao mundo a evolução das espécies. O cozinheiro não se impressiona, dizendo ao cientista que já havia resolvido o problema, pois havia descoberto o elo entre homem e macaco (Zaluar, 1994, p. 278-281).

Tal descoberta não se sustenta, devido aos poucos conhecimentos científicos que possuía. Katine havia se enganado em suas observações acerca de um indivíduo que se revelara um humano contemporâneo. Ainda assim, Benignus se recusa de não poder estudar melhor os nativos que encontra.

Quisera o Dr. Benignus estudar por essa ocasião o verdadeiro lugar que compete ao homem selvagem americano na série desigual da família humana sobre o nosso planeta e assim resolver importantes problemas psicológicos e fisiológicos em relação à doutrina transformista (como também era conhecida a teoria da evolução), que tanto terreno vai ganhando entre os primeiros naturalistas contemporâneos (ZALUAR, 2004, p. 310).

Zaluar faz referência à crescente influência do darwinismo entre os naturalistas, influência essa que podemos verificar em dois artigos de autores distintos. O primeiro em 1873, dois anos antes da publicação do *O Dr. Benignus* e o segundo em 1876, uma ano após a sua publicação.

José Vieira Couto de Magalhães, em seu Ensaio de Antropologia (1873), afirma que “(...) a antropologia demonstra que o homem físico passou sempre dum período mais atrasado para um mais adiantado (...)” (p. 408). Em Relíquias de uma Grande Tribo Extinta, Antônio Manoel Gonçalves Tocantins nos relata que

Alguns artefactos cerâmicos que ahi sido descobertos, e outros que ainda existem enterrados, são, por assim dizer, as únicas relíquias que restam d’esta tribo, hoje totalmente extinta. Porém considerações de alto valor prendem os productos ceramicos ao estudo da historia dos povos primitivos e ao das diversas phases de sua civilização (p. 52)

Estas observações de dois importantes pesquisadores brasileiros evidenciam a influência cada vez maior do evolucionismo no Brasil da segunda metade do século XIX. Zaluar era leitor da obra de Magalhães, que é citado nos capítulos VII, XVIII, XXIX E XXXII. Mas não encontramos referências diretas ou indiretas a Johann Friedrich Theodor Muller, que era na época o intelectual com maior conhecimento de Darwin no Brasil e que deu uma contribuição original à teoria da evolução das espécies⁶⁶.

Identificada a clara influência que o darwinismo exercia em Augusto Emílio Zaluar, voltaremos à questão da origem do homem. Já salientamos que Agassiz defendia a teoria poligenista, pois assim poderia justificar que ameríndios, brancos e negros (ele não cita os povos orientais) seriam espécies diferentes, pois juntamente com Broca (SAGAN, 1985), Agassiz acreditava que teria havido diversos focos das chamadas hominizações. Estes cientistas se denominavam autoctonistas, pois defendiam a origem do homem americano no continente americano, o europeu no continente europeu etc. Assim, a posição poligenista era também autoctonista.

⁶⁶ Johann Friedrich Theodor Muller era conhecido como Fritz Muller, imigrante alemão que habitava a pequena cidade de Desterro (hoje Florianópolis), no sul do país, província de Santa Catarina. Publicou em 1864 o livro *Fur Darwin*, no qual demonstrou, a partir de estudos embriológicos em crustáceos, a teoria de Darwin. Fritz Muller descobriu a forma larval náuplio nos crustáceos superiores (malacóstracos), que era atribuída apenas aos inferiores (entomóstracos), mostrando, assim, que durante o estágio embriológico os crustáceos superiores passavam primeiramente pelo estágio de larva náuplio. A seleção darwiniana, aos olhos de Fritz Muller, explicava claramente o fato. Darwin leu a obra de Muller em 1865, trocando correspondência com este até sua morte, e por sua encomenda o livro de Muller foi traduzido para o Inglês, tornando-se alvo de debates em toda a academia europeia. Ver: PAPAVERO, Nelson. **Fritz Muller e a comprovação da Teoria de Darwin**. In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertaol (Org.). **A Recepção do Darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. p. 29-44.

Os darwinistas defendiam a teoria monogenista da origem do homem a partir do continente africano. Portanto não eram autoctonistas, defendendo um único ponto de origem para a espécie humana. Lund foi um poligenista e autoctonista, entretanto Zaluar usava a teoria de Lund, que teoricamente deveria estar associada ao poligenismo de Agassiz, a partir de uma leitura darwinista. Para Zaluar, a origem do homem se deu em um único lugar (monogenismo), seguindo daí o processo de evolução estipulado por Darwin.

Mas Zaluar, conhecedor das pesquisas de Lund, chegou a conclusão de que a origem do homem se deu na América, no Brasil, particularmente na região de Lagoa Santa (autoctonismo). Assim, Zaluar não apenas se colocou como defensor da hipótese darwinista, mas logrou comprovar esta através das pesquisas de Lund (que ele tanto admirava), e por fim colocar o Brasil como a origem da raça humana. Temos, então, uma teoria monogenista autoctonista.

Já salientamos (p. 47, citando JOBIM, 1997/1998), que o romantismo brasileiro elegeu o índio como seu herói, um produto legítimo de nossa terra, agora imagine se este legítimo produto de nossa terra fosse na verdade a origem de todos os homens. Tal perspectiva legitimaria o Brasil como berço da humanidade, portanto o Éden de todos os povos, e já que o Éden não é apenas uma representação de um passado mítico, mas a representação também de uma utopia futura melhor para a humanidade, o monogenismo autoctonista de Zaluar justificaria o mito do Brasil como país do futuro.

O mito fica evidente quando, ao final da obra, o Dr. Benignus almeja criar uma “*futura colônia agrícola na ilha dos Carajás*” (ZALUAR, 2004, p. 346), dando origem, assim, a uma comunidade “civilizadora” no centro do Brasil, onde se manifestaria uma verdadeira civilização utópica. Em certo sentido, Zaluar, usando das mais modernas teorias antropológicas e pesquisas arqueológicas de sua época, foi mais longe do que José de Alencar ao criar um mito romântico a partir dos nativos brasileiros.

Zaluar não estava sozinho na elaboração de um monogenismo autoctonista. Ladislau de Souza Mello e Netto, diante da hipótese da origem do homem americano via Estreito de Behring, colocava a seguinte questão:

Seriam tais entidades [os índios americanos] a primeira forma plástica – o blastoderma psicológico da individualidade humana – ou representariam pelo contrário o embrutecimento atávico de ascendências mais perfeitas? (NETTO, Ao leitor, p. iii)

E a respondeu, invertendo o argumento: ao invés de um prolongamento do homem e da cultura do velho mundo, o homem americano seria sua origem:

Sim, há mais de três séculos que as auras da liberdade perpassam mudas nas franças do basto arvoredo, donde outrora se erguiam as canções docemente moduladas ao ritmo melancólico das morenas filhas da raça tupi. Há mais de três séculos que, uma a uma, se tem apagado as nobres feições morais e físicas do povo americano, que, se não foi tronco, tudo nos faz crer que ramo colateral deverá ter sido das mais antigas fontes da humanidade nas altiplanuras da Ásia. Se pelas afinidades glóticas o Quichua afigura-se, no ver e no sentir de alguns linguistas, ser o produto da corrupção militar de alguma língua irmã do Sânscrito, porque se não há de supor ao invés dessa hipótese, ser o Sânscrito, ao contrário, alguma profunda alteração das fontes do antiquíssimo falar dos homens primitivos dos Andes? (NETTO, Discurso Inaugural da Exposição Antropológica, p. 78 – grifo nosso)

O argumento de Netto procurou colocar a América em posição de origem do homem e da cultura, tendo sido o tronco no qual teve origem a humanidade. Mas Netto também deixou em aberto a possibilidade de uma origem poligenista da raça humana. Assim, se o homem americano não representa a origem da humanidade, é pelo menos um de seus ramos (um de seus pontos de origem), e a América estaria pelo menos em pé de igualdade com o Velho Mundo.

Netto ainda se mostrou indeciso em afirmar uma posição poligenista autoctonista ou monogenista autoctonista. Mas admitia sobretudo que deveria ter havido uma hominização a partir do território brasileiro.

É interessante notar que na Argentina temos uma corrente similar de pensamento a partir das pesquisas do antropólogo Florentino Ameghino, cuja principal obra é “La antigüidad del hombre en el Plata” (2 vols. Paris e Buenos Aires, 1880 e 1881). Para o paleontólogo argentino, o homem teria surgido na Patagônia.

Neste território, ele salienta a descoberta, em meio a camadas terciárias não removidas, de fósseis dos homunculídios, que teriam dado origem aos hominídios. Estes teriam sofrido várias etapas evolutivas: o *Tetraprothomo argentinus*, o *Triprothomo*, o *Diprothomo*, o *Prothomo*, o *Homo Pampaeus*⁶⁷. Desta forma, o *homo sapiens* teria tido sua origem no *Homo Pampaeus*, que saindo da Argentina teria seguido rumo à América do Norte e posteriormente via Estreito de Behring, para a Ásia, a Europa, a África e a Austrália.

Hoje sabemos que a hipótese poligenista se mostrou incapaz de ser comprovada pelas descobertas paleoarqueológicas e antropológicas posteriores. Não pôde ser confirmada cientificamente. Sabemos hoje que a evolução de nossa espécie, chamada pelos cientistas de *Homo sapiens*, surgiu há aproximadamente 150 mil anos na África.

⁶⁷ Pesquisas posteriores realizadas por cientistas argentinos revelaram que as formações geológicas que Ameghino supôs serem terciárias eram na verdade do Pleistoceno inferior. Já os fósseis, um calote craniano do *Triprothomo*, e uma vértebra e fêmur atribuídos ao *Tetraprothomo argentinus* pertenciam a mamíferos inferiores ao do *homo sapiens sapiens* (Arthur Ramos, **Introdução à Antropologia Brasileira**, 1961).

E, por volta de 90 mil anos atrás, o homem primitivo deu início à sua dispersão territorial e colonizou novos continentes, adaptando-se a novas regiões de clima e recursos naturais variados, dizimando e substituindo em seu trajeto os homens de Neandertal (*Homo Sapiens neanderthalensis*).

Assim, as diferenças morfológicas que vemos na aparência dos humanos atuais foram desenvolvidas nos últimos 50 a 40 mil anos (PENA, 2005, p. 324). Nesse movimento de dispersão territorial, acredita-se que o homem tenha migrado para as Américas, partindo da Sibéria e atravessando o estreito de Behring.

Durante as fases do avanço glacial, muita água estava bloqueada sob a forma de gelo, o nível do mar baixou e uma ponte terrestre ligava a Sibéria ao Alasca, facilitando a travessia. Durante uma grande parte da Glaciação Wisconsin, havia um corredor livre de gelo que tornava acessível o percurso entre o nordeste da Sibéria e o vale de Ykon, ao longo da vertente oriental das Montanhas Rochosas canadenses (SANDERS e MARINO, 1971, p. 46).

Já o debate sobre a chegada do homem ao continente americano continua. Até meados do século passado, os achados arqueológicos que ofereciam dados mais antigos sobre a presença humana nas Américas derivavam de materiais encontrados no Novo México, EUA (cultura Clóvis - entre 10.500 e 11.400 anos atrás). Esse período correspondia a uma era geológica, o final do período Pleistoceno, em que, entre o Alasca e o estreito de Behring, se formou um corredor de terra chamado Beríngia⁶⁸.

Entretanto, esta teoria está sendo contestada, pois:

...no sítio de Monte Verde explorado pelo arqueólogo Tom Dillehay, ao sul do Chile, foram encontrados vestígios arqueológicos que sugerem uma presença humana há 12.300 anos. Já os estudos da pesquisadora Anna Roosevelt sobre Pedra Pintada, sítio localizado na cidade de Monte Alegre, Pará, indicam a ocupação do homem na floresta amazônica por volta de 11.300 anos atrás. Em Taima-Taima, sítio venezuelano, há indícios de presença humana que remontam a 15 mil anos. Na Argentina, nos sítios de Piedra Museo e Los Toldos, existem vestígios humanos de aproximadamente 13 mil anos. Os sítios de Tibitó, Colômbia, e os de Quebrada Jaguay e Pachamachay, no Peru, possuem datações antigas de até 11.800 anos⁶⁹.

Ao mesmo tempo encontraram no sítio arqueológico do Boqueirão da Pedra Furada (MG), os possíveis vestígios mais antigos deixados pelo homem nas Américas. Datações

⁶⁸ KIPNIS, Renato. **A colonização da América do Sul**. Acesso em: 10/09/2003. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/arqueologia/arq12.shtml>.

⁶⁹ ZARIAS, Alexandre. **Novos dados lançam dúvidas sobre o homem americano**. Acesso em: 10/09/2003. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/arqueologia/arq02.shtml>.

feitas neste sítio, seja a partir de carvões originados de fogueiras, seja de pedras lascadas indicam uma ocupação humana de 60 mil anos.

Para a arqueóloga Niéde Guidon, que escava a região desde os anos 80,

... a partir dos vestígios do sítio de Pedra Furada, considerando dados da paleoclimatologia, da paleoparasitologia e da genética, seria possível propor uma teoria sobre a ocupação da América por grupos humanos diferentes, vindo de diferentes regiões, em diferentes épocas, ao longo dos últimos 100 mil anos. Mas, como ressalta a pesquisadora, sua proposta não é a de desvendar as origens do homem americano, mas sim descrever a história do homem na região do sudeste do Piauí⁷⁰.

Outra hipótese é levantada pelos antropólogos físicos Walter Neves e Mark Hubbe, ambos da USP, em um artigo publicado na revista *Scientific American Brasil*⁷¹. Para estes pesquisadores, a morfologia craniofacial dos nativos americanos atuais é a mesma observada em populações do norte da Ásia (mongolóides). Este padrão pode ser observado até 8 mil anos atrás na América do Sul. Entretanto

Antes disso, nossas pesquisas vêm demonstrando sistematicamente que esse padrão foi antecedido por uma morfologia craniana caracterizada por neurocrânios longos e estreitos, associados a faces baixas, estreitas e projetadas, nas quais se alojam cavidades oculares e nasais baixas e relativamente largas.(p. 28)

Os pesquisadores concluem que existiu uma migração “austral-melanésia”, há cerca de 11 mil anos, que antecedeu a chegada dos ameríndios, na-denes e esquimós ao continente, mas que esta teoria, denominada “Modelo dos Dois Componentes Biológicos Principais”, não *“carece de migrações transoceânicas para ser explicada e pode ser perfeitamente compatibilizada com a idéia predominante de o Estreito de Bering ter sido a via de entrada, e o norte da Ásia, o ponto de partida dos primeiros americanos”* (p. 29)

As novas pesquisas apresentadas acima, revelam que o debate sobre a origem do homem americano ainda não terminou. Entretanto, teorias como aquelas defendidas por Ameghino, Ladislau de Souza Mello e Netto, e Augusto Emílio Zaluar são definitivamente relegadas à história da ciência.

⁷⁰ ZARIAS, Alexandre. **Novos dados lançam dúvidas sobre o homem americano**. Acesso em: 10/09/2003. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/arqueologia/arq02.shtml>.

⁷¹NEVES, Walter A. HUBBE, Marke. **Luzia e a saga dos primeiros americanos**. Revista *Scientific American Brasil*, ano 2, n. 15, agosto de 2003. p. 24-31.

Mas o estudos dos debates entre as teorias monogenista e poligenista ainda podem nos trazer informações valiosas sobre a história das idéias na América do Sul. Ameghino, Ladislau de Souza Mello e Netto, e Augusto Emílio Zaluar, ao postularem a origem do homem na América do Sul, e apenas nesta, estavam confrontando tanto o poligenismo autoctonista de Agassiz quanto o monogenismo de Darwin, tentando, assim, criar um monogenismo autoctonista sul americano.

Esta reversão do discurso científico europeu é uma clara tentativa destes pensadores de colocar o discurso científico brasileiro e argentino em pé de igualdade com aquele produzido pelo etnocentrismo europeu. Isso de certa forma coloca em xeque a idéia de que os cientistas sul-americanos do século XIX, tenham sido meros reprodutores do discurso europeu, ainda que eles o contraponham com um etnocentrismo do homem sul americano.

Essa perspectiva peculiar traça uma interessante via de análise sobre as relações de dependência da intelectualidade sul-americana em relação à intelectualidade dos centros europeus e norte-americanos. Certamente a produção européia e norte-americana era lida, mas não absorvida passivamente. Ainda que frustradamente, estes pensadores tentaram construir uma ciência das diferenças entre os homens a partir do sul.

Esta ciência (monogenismo autoctonista) tornava este outro “o ameríndio” não apenas parte integrante da civilização de modelo europeia, mas seu ponto de origem. Este modelo tomava tanto o outro civilizado, “o europeu”, quanto o outro dito “selvagem”, o ameríndio (ambos considerados matrizes do povo brasileiro), como uma mesma raça (com suas diferenças sendo explicadas histórica e ambientalmente), estando, assim, coerentemente de acordo com a teoria da evolução das espécies, ainda que fundamentado em bases falsas.

CAPÍTULO 4 - SERES IMAGINÁRIOS DO ESPAÇO

No decorrer do romance, *O Dr. Benignus*, Zaluar apresenta um personagem pouco usual para a literatura de então (principalmente a brasileira): um alienígena, que ali tem a função de representar a evolução em sua etapa mais adiantada (seguindo as teses de Camille Flammarion, que estudaremos neste capítulo).

O alienígena apresentado pelo autor como o ponto mais alto da evolução de uma espécie *sapiens*, pode ser interpretado como uma figuração do outro civilizado, neste caso o europeu ou o norte-americano, teríamos então neste personagem literário uma representação da forma com que Zaluar esperava que europeus e americanos se comportassem perante a cultura brasileira.

A viagem imaginária de Augusto Emílio Zaluar, como nos atesta a antropóloga Alba Zaluar (1995) é uma “*viagem fantástica que foi empreendida pelos seres imaginários do espaço sideral*”. Imaginários, sim, mas ainda assim possíveis segundo a ciência da época.

Zaluar recorre a especulações acerca da pluralidade dos mundos habitados a fim de dar consistência a suas próprias especulações referentes ao assunto. Mas, para além destas especulações, o “alienígena” criado por Zaluar reflete a realidade brasileira e marcou o nascimento de um mito cultural.

4.1 Pluralidade dos mundos habitados

Foram os gregos, a civilização que esteve na base da nossa, que tentaram explicar os fenômenos astronômicos em termos físicos pela primeira vez. Também foram estes a escreverem primeiramente sobre a pluralidade dos mundos habitados.

Tales de Mileto⁷², considerado pela tradição o primeiro filósofo, já expressava a idéia de que as estrelas eram formadas da mesma substância que a Terra. Afirmou que a água era a origem e a matriz de todas as coisas (MAYER, 1944). Esta concepção foi desenvolvida a partir de diferentes substâncias por outros filósofos gregos.

⁷² Tales (cerca de 625/4-558 a.C.), de ascendência fenícia, era natural da Jônia, na Ásia Menor, cidade famosa pelo florescimento comercial marítimo. Segundo a tradição, é o físico grego ou investigador da natureza como um todo.

Mas foi Leucipo⁷³ (século 5^a.C), pai da teoria atômica, e de quem Demócrito foi discípulo, que encerrou momentaneamente tais especulações a partir de uma teoria precursora da moderna física. Ele considerava que o mundo era composto de átomos – palavra grega que significa “não divisível”. Tais átomos existem em número infinito, se movem e seu entrelaçamento produzem diversas combinações, daí resultando a pluralidade das coisas (ABRÃO, 1999).

Assim, a criação não passaria de um agregado de átomos, enquanto a morte seria apenas a destruição desse agrupamento. Para Leucipo, segundo interpretação de J. Burnet, a existência de um número infinito de átomos e de combinações entre eles levaria a um número infinito de mundos e seres, como o nosso caso.

Teoricamente, então, não há motivo por que um átomo não possa ser tão grande como um universo. Tal átomo seria a mesma coisa que a Esfera de Parmênides, não fosse por causa do espaço vazio fora dela e a pluralidade de universo. (BURNET, *Filosofia Grega*, p. 255).

Um contemporâneo de Leucipo, Anaxágoras de Clazômenas⁷⁴, ensinava que o Sol era uma pedra incandescente, e a Lua uma outra terra. Esta possuía assim águas, montanhas e vales, além de habitantes, como esclarece o filósofo neste fragmento.

E que os homens em comum habitam cidades e organizam trabalhos, como entre nós, e sol eles tem e lua e os demais astros, como entre nós, e a terra para eles produz muitas (coisas) e de toda espécie, das quais as mais úteis eles recolhem para a habitação e utilizam. (ANAXÁGORAS apud SIMPLÍCIO, *Física* (34,28), p. 221-222).

Influenciado pelo atomismo, Epicuro⁷⁵ afirmava o valor primordial do prazer humano, definido como liberdade em relação à dor e ao medo. Também afirmava a necessidade de a humanidade superar a crença supersticiosa nos instáveis deuses antropomórficos da tradição popular, pois eram essa crença e ansiedade em relação à retribuição divina após a morte as causadoras da infelicidade humana.

⁷³ Leucipo de Mileto (cerca de 500 a.C. – floresceu cerca de 430 a.C.). É contemporâneo de Anaxágoras, dos sofistas e de Sócrates.

⁷⁴ Anaxágoras (cerca de 500-428 a.C.), natural de Clazômenas, na Jônia (Ásia Menor), passou uns trinta anos em Atenas, fundando a primeira escola filosófica desta cidade, sob os auspícios de Péricles, seu protetor e discípulo. Gozou de grande reputação como físico, matemático, astrônomo e meteorologista. De seu livro **Sobre a Natureza**, resta-nos uns vinte fragmentos.

⁷⁵ Epicuro (341-270 a. C.), era ateniense, mas passou toda a sua infância em Samos. Mestre-escola e estudioso de Demócrito, acabou por retornar a Atenas, onde comprou um jardim, adquirindo diversos discípulos. Para ingressar em sua escola era necessário apenas saber ler.

Para ele, a morte era apenas a extinção da consciência e não o prelúdio para um castigo penoso. Em sua física, postulou a pluralidade dos mundos (TARNAS, [S.D]).

Há também mundos infinitos, ou semelhantes a este ou diferentes. Com efeito, sendo os átomos infinitos em número, como já se demonstrou, são levados aos espaços mais distantes. Realmente, tais átomos, dos quais pode surgir ou formar-se um mundo, não se esgotam nem em um nem num número limitado de mundos, quer sejam semelhantes quer sejam diversos destes. Por isso nada impede a infinidade dos mundos (EPICURO, 1980, p. 16)

Já no século III a. C. Aristarco de Samos⁷⁶ ocupava-se em aplicar a geometria pura em cálculos astronômicos, e escreveu *Sobre as Dimensões do Sol e da Lua*. Mostrou que o Sol estava mais distante que a Lua, e que aquele era muito maior que esta. Demonstrou que o Sol era maior que a Terra, e a Lua não era pequena como se acreditava, postulando por fim que a Terra era apenas um planeta, que tal como os outros, girava em volta do Sol.

Um tal sistema astronômico sugeriria que a posição fixa das estrelas deveria mudar quando a Terra se deslocasse. Esta conclusão foi seu maior feito. Em sua teoria de que a Terra e os planetas giravam em torno do Sol, também postulou o movimento de rotação da Terra em torno do seu eixo e que este era inclinado, o que causava as 4 estações. A ausência de instrumentos capazes de determinar paralaxes estelares foi a causa do descrédito dos astrônomos da Antigüidade neste sistema, e seu modelo não encontrou qualquer seguidor, exceto por um tal Seleuco *de Seleucia* (150 a. C.). Assim, sua teoria foi sufocada pela nova e convincente física aristotélica, pelas crenças religiosas e pela força da astrologia, que acreditavam na teoria geocêntrica (MAYER, 1944 e ABRÃO, 1999).

Mesmo pensadores romanos, considerados mais práticos, se dedicaram à questão da pluralidade dos mundos habitados. Lucrécio⁷⁷ escreveu o poema filosófico *Da Natureza das coisas*, no qual glorifica Epicuro e revela sua concepção do mundo. Composto em seis cânticos, esse poema começa invocando Vênus, princípio de toda a vida; em seguida, expõe as leis de Demócrito e de Epicuro a respeito do Universo; termina mostrando as etapas que o

⁷⁶ Aristarco *de Sámos* (310 - 230 a. C.). Astrônomo, físico, matemático e músico grego, natural de Sámos, uma das ilhas do norte do arquipélago do Dodecaneso, próxima às hoje costas turcas, a oeste de Mileto, a mesma ilha grega onde nascera Pitágoras cerca de três séculos antes, primeiro cientista da Antigüidade a defender a tese heliocêntrica (260 a. C.). Viveu em Alexandria e recebeu os ensinamentos filosóficos como discípulo de Estratão de Lâmpsaco (360-270 a. C.), peripatético grego substituto de Teofrasto no comando do Liceu de Aristóteles (287-270 a. C.).

⁷⁷⁷ LUCRÉCIO (cerca de 98-55 a.C.) O poeta latino ou romano Titus Lucretius Carus, mais conhecido como Lucrécio.

homem e a civilização devem percorrer antes de alcançar a sabedoria, fim supremo da existência, segundo ele.

Com grande qualidade poética, Lucrécio descreveu todos os fenômenos da natureza, dos mais belos aos mais horrorosos, explicando-os por causas naturais, à maneira do atomismo probabilista e mecanicista de Epicuro, pois a filosofia precisaria libertar os homens do terror, das superstições e do medo dos deuses. Contra todos os medos, o filósofo deve buscar o sentido do belo e a tranqüilidade da alma (MAYER, 1944 e ABRÃO, 1999).

É neste poema que podemos ler a seguinte passagem referente à pluralidade dos mundos habitados.

Depois, quando há, preparadas, grandes quantidades de matéria, quando está pronto o lugar, e não há para demora nem objeto, nem causa, é evidente que tudo tem de se arranjar e tomar forma. Ora, se há tão grande quantidade de elementos que não bastaria para enumerar a vida inteira dos seres vivos, e subsistem a mesma força e a mesma natureza que podem, em todos os lugares, reuni-los do mesmo modo por que foram reunidos neste mundo, é força confessares que há noutros pontos outras terras e várias raças de homens e várias gerações de bichos bravos. Acrescente a isto que nada há no universo que seja único, que nasça isolado e só e isolado cresça: tudo pertence a qualquer geração e muitas são as da mesma espécie. Repara primeiro nos animais: verás que foi gerada assim a raça dos que erram pelos montes e a prole dos homens e, por fim, os mudos bichos escamosos e as diferentes espécies que voam. Por isso se tem de aceitar que, de igual maneira, não são únicos nem a Terra nem o Sol nem a Lua nem o mar nem tudo o mais que existe: pelo contrário, são em quantidade inumerável; de fato, tem um termo de existência marcado tão fixamente e compõem-se de elementos tão naturais como todas as espécies de coisas que por cá aparecem com toda abundância. (LUCRÉCIO, 1980, p. 60 – Grifos meus)

Plutarco⁷⁸, por sua vez, no escrito “*Opinião de Alguns Pensadores Antigos Sobre a Lua*”, após uma longa discussão com Téon, acerca das diferenças geográficas, astronômicas e ambientais entre a Lua e a Terra, e de como tais diferenças podem influenciar a constituição dos seres de ambos os mundos, chega à conclusão de que:

... os habitantes da Lua, caso haja, devem ser de uma constituição ligeira e fáceis de sustentar com os alimentos mais simples... Como a Lua não parece em nada com a

⁷⁸ Plutarco (45-120 ?), filósofo e prosador grego do período greco-romano, estudou na Academia de Atenas. Viajou pela Ásia e pelo Egito, viveu algum tempo em Roma e foi sacerdote de Apolo em Delfos em 95d.C. O seu enorme prestígio valeu-lhe deter direitos de cidadão em Delfos, Atenas e mesmo em Roma (‘Mestrius Plutarchus’). A sua ética baseia-se na convicção de que, para alcançar a felicidade e a paz, é preciso controlar os impulsos das paixões. Escreveu sobre Platão, sobre os estóicos e os epicuristas, e estudou a inteligência dos animais comparando-a à dos humanos. É dele um pequeno e denso ensaio, onde expõe a habilidade no uso da astúcia com ética, “Como tirar vantagem do inimigo”. Segundo a tradição, Plutarco escreveu mais de 200 livros. Chegaram até nós cerca de 50 biografias de gregos e romanos ilustres em que ambas são comparadas, conhecidas como as *Vidas Paralelas* (“*Vitae parallelae*”) e dezenas de outros escritos sobre os mais variados tópicos, designadas genericamente por *Obras Morais* (“*Moralia*”), sobre Filosofia, Religião, Moral, Crítica literária e Pedagogia. (KURY, [S.D]).

Terra, temos dificuldade em crer que ela seja habitada. Quanto a mim, penso que seus habitantes se surpreendem ainda mais que nós, quando percebem a Terra, que lhes parece como a borra e a escória do mundo, através de tantas nuvens, vapores e névoas, que fazem dela uma morada escura e baixa e tornam-na imóvel. Eles têm dificuldade em crer que um tal lugar possa produzir e nutrir os animais que têm movimento, respiração e calor. Eles acreditam certamente que a Terra é um lugar assustador; eles não duvidam que o inferno e o Tártaro fossem colocados em nosso globo e que a Lua, igualmente afastada dos céus e dos infernos, seja a verdadeira Terra. Seja como for, podem existir na Lua certos habitantes; e os que pretendem que esses seres tenham necessidade de tudo que é necessário aos nossos nunca prestam atenção à variedade que a natureza nos oferece, e que fazem que os animais tenham mais diferença entre eles do que eles mesmos diferem das substâncias inanimadas. (PLUTARCO, **Opinião de Alguns Pensadores Antigos Sobre a Lua**, p. 258)

Para encerrarmos o período greco-romano, vejamos os comentários de Proclo⁷⁹, em seus **Comentários ao Timeu**, no qual afirma que “*Deus construiu uma terra imensa que os imortais chamam Selene, e que os homens chamam Lua, na qual se ergue um grande número de habitações, montanhas e cidades*” (PROCLO apud FLAMMARION, 1995, p. 32).

Após o declínio da civilização grego-romana por volta do século IV, o ocidente europeu iniciou o período de dominação político-religiosa da Igreja Católica Romana, denominada Idade Média.

Foi nesse período que o cardeal alemão Nicolau de Cusano (1401-1464) concebeu as estrelas como mundos; em 1440, ele publicou algumas noções, que parecem notavelmente modernas, sobre o Universo. Sustentava que o espaço era infinito, e que as estrelas eram outros sóis, já que era absurdo que todos aqueles sóis fossem desperdiçados.

Ele presumiu que cada Sol tinha sua família de planetas em volta, e estes eram habitados, pois “*não há estrela alguma, por diferente que seja do nosso mundo, pela qual possamos nos sentir autorizados a negar que nela possam viver criaturas humanas*” (CUSANO apud KOLOSIMO, 1971, p. 128).

Já ao adentrar o período histórico conhecido como renascimento europeu e Idade Moderna (até meados do século XIX), procuraremos tratar apenas dos autores mais conhecidos.

Durante toda a Idade Média “*éticos cristãos, dos primeiros eclesiásticos da Igreja Católica aos autores do século XVI, sustentavam ... o que ensinava a mitologia antiga e a*

⁷⁹ Proclo Lício Diadoco de Constantinopla (412 - 485). Filósofo e matemático nascido em Constantinopla, considerado a última voz original da Antigüidade pagã, ou seja, o último grande representante do platonismo e neoplatonismo pagão, pela sua capacidade de ordenamento interno das questões e encaminhamento das soluções. Conhece-se sua vida através de uma biografia que lhe escreveu um seu discípulo de nome Marino *de Neápolis*. Estudou em Alexandria com o peripatético Olimpodoro, emigrou para Atenas, onde foi discípulo de Siriano *de Alexandria* e onde se tornou chefe da escola neoplatônica e finalmente escolarca da Academia.

Bíblia: a humanidade seria poupada de inúmeros males e pecados, caso Pandora tivesse deixado sua caixa fechada e Eva renunciado ao fruto da árvore do conhecimento” (DASTON, 2005). Com o advento do Renascimento, a curiosidade passa a ser valorizada.

A historiadora científica Lorraine Daston, em manuscrito acima citado, publicado em língua portuguesa, defende que o conceito de *curiositas*, que poderia ser empregado tanto para denominar o interesse que se tinha em determinado assunto, como o objeto deste interesse, foi a força propulsora do Renascimento. Abrangendo a totalidade do conhecimento, a curiosidade renascentista se fez presente no estudo da pluralidade dos mundos habitados.

Destacamos o astrônomo, matemático e filósofo italiano Giordano Bruno (1548-1600), que compreendia o universo como um sistema em constante transformação. Tudo era movimento, inclusive a Terra. Este movimento seria da natureza dos seres vivos e todas as coisas possuiriam um princípio anímico. Não existiriam, para ele, diferenças entre matéria e espírito. Tudo estaria reduzido a uma única essência material provida de animação espiritual. Na época heréticas, suas idéias o levaram à condenação pela Inquisição e à morte na fogueira.

Se a ortodoxia, apoiada na metafísica aristotélica-tomista, colocava Deus como primeira causa, motor imóvel e perfeição absoluta, um ser transcendente, ou seja, com existência plena e separada de suas criaturas por outro lado Bruno concebia Deus imanente ao universo e idêntico a Ele. Deus não seria o criador do universo, mas o próprio universo (PESSANHA, 1983).

Assim teríamos um universo infinito e ilimitado, e a Terra não seria mais o centro privilegiado do universo, existindo inumeráveis mundos habitados. Vejamos os argumentos de Giordano Bruno:

Se não assim ou melhor, ao menos não pior; porque é impossível que uma inteligência racional e um pouco atenta possa imaginar que estejam privados de semelhantes ou até melhores moradores os inúmeros mundos, que a nós se manifestam iguais ou melhores que o nosso; os quais são sóis, ou o sol difunde neles os diviníssimos e fecundos raios, que tanto tornam felizes o próprio sujeito e fonte, como tornam afortunados os elementos circunstantes que participam desse poder difundido. São portanto infinitos os inúmeros e principais membros do universo, com o mesmo aspecto, a mesma forma, prerrogativa, poder e efeito. (BRUNO, 1983, p. 56)

Ou ainda:

Se, com abundância, se encontra já pronta a matéria, se o lugar está preparado, se não aparece obstáculo, algumas coisas devem ser geradas e formadas copiosamente. Mas, se for tal a abundância das sementes que toda a existência dos seres viventes

não bastaria para enumerá-las, poderiam ser contados números infinitos de criaturas. Se a natureza procede sempre com a mesma força, jogando as sementes em qualquer canto do vazio, da mesma forma que os impulsionou para formar este nosso mundo visível; você deve, com justa razão, acreditar que existam, alhures, outros mundos, com outras raças de homens e diferentes espécies de animais. (BRUNO, 1983, p. 89)

Em 1593, o astrônomo Johannes Kepler redigiu o seu *Somnium*, o sonho de uma viagem à Lua. Kepler pretendia responder a uma velha e polêmica pergunta: de que forma os fenômenos celestes, tais como descritos por Copérnico, seriam apreendidos por um observador posicionado na Lua? Para tal, ele camuflou suas idéias numa ficção (*Somnium*).

O *Somnium* (sonho) narrava a suposta aventura de Duracotus, um rapaz que trabalhava sob a tutela do astrônomo dinamarquês Tycho Brache. Após cinco anos de observações ele voltou para casa e revelou tudo o que aprendera sobre a Lua para a mãe. Para sua surpresa, a mãe diz que sabia de tudo isso e muito mais. Fiolxhilde (a mãe), diz que fora instruída pelo ente benigno (o demônio da Lavania), ou seja, o espírito da Lua. Graças à intervenção da mãe, Duracotus foi levado pelo espírito da Lua a uma viagem de 4 horas a esse satélite, onde foi instruído em biologia e astronomia lunar (NOGUEIRA, 2005).

Ele antecipou diversos fatos hoje conhecidos como necessários a uma viagem espacial: as características e os treinamento que devem ter os homens destinados à viagem; a disposição dos membros na fase de partida quando o organismo sofre um choque duríssimo; os problemas derivados da baixíssima temperatura e da dificuldade de respirar, do duro impacto com o solo lunar, da necessidade de evitar os raios solares etc.

Já os habitantes da Lua teriam dimensões enormes e natureza serpentina, tão comuns na imaginação popular. Sua descrição da Lua e de suas crateras é fantasticamente realista para serem observadas com os telescópios da época (ROSSI, 1992).

Outros seguiram os passos de Kepler. Cirano de Bergerac (1619-1655), um dos primeiros escritores de ficção científica, nascido em Paris, em 6 de Março de 1619, formidável espadachim, e mundialmente conhecido como personagem da peça de Edmond Rostand, escreveu várias tragédias, mas suas obras-primas são *Uma Viagem à Lua* (*Voyage dans la Lune*), publicada em 1650, e *Uma Viagem ao Sol* (*Historie comique des états et empires du Soleil*), publicada em 1662.

Nestes romances, as idéias mais interessantes que podemos observar são as descrições referentes ao método de se alcançar a Lua. Até então as viagens à Lua tinham sido feitas por meio de jatos de água, por veículos atrelados a bandos de aves e com emprego de anjos ou de demônios para o transporte. Cirano descreve como um dos métodos apropriados o de ligar

foguete à sua nave, este foi realmente o método pelo qual os americanos chegaram à Lua, em 1969.

Para Isaac Asimov⁸⁰, esta foi a mais notável visão individual da história da ficção científica, uma vez que o princípio do foguete depende da Terceira Lei do Movimento, enunciada por Newton muitos anos depois da morte de Cirano.

Já em 1686, Bernard de Bouvier de Fontenelle publicou seu **“Diálogos sobre a pluralidade dos Mundos”**, onde ele popularizou e difundiu a idéia de que as estrelas seriam outros sóis cercados de planetas habitados. Ele faz a seguinte afirmação no prefácio de seu livro: *“eu não estarei gracejando se disser que escolhi, dentre toda a filosofia, a matéria mais capaz de atizar a curiosidade”* (FONTENELLE, 1993, p. 38 e 39).

O texto é escrito em forma de diálogo, gênero usado por Platão, ainda que longe da qualidade literária deste. O interlocutor de Fontenelle é uma marquesa que não tinha nenhum conhecimento das coisas do céu, assim sua exposição precisa ser didática. E como Platão, Fontenelle acreditava que a correta exposição das verdades científicas e filosóficas levaria o mais ignorante dos seres à descoberta da verdade.

Os capítulos que contém o livro são em si próprios pequenos resumos da obra, esta é um apanhado de todo o conhecimento astronômico da época:

1. A Terra é um planeta que gira em volta de si e ao redor do Sol.
2. A Lua é uma Terra habitada.
3. Particularidades do mundo da Lua.
4. Particularidades dos mundos de Vênus, Mercúrio, Marte, Júpiter e Saturno.
5. As estrelas fixas são sóis, cada qual iluminando um mundo.
6. Novos pensamentos que confirmam os dos diálogos precedentes. Últimas descobertas feitas no céu.

Este último capítulo é bem ilustrativo; ele deixa claro como as novas descobertas científicas aconteciam de forma vertiginosa, pois entre a confecção dos primeiros capítulos e a publicação do livro foi necessário um capítulo sobressalente comentando as novas descobertas astronômicas. Futuramente, Diderot acharia o meio correto de divulgar conhecimento ao povo de forma didática e concisa, a *Enciclopédia*.

⁸⁰ ASIMOV, ISAAC. **O Verdadeiro Cirano**. In: O Início e o Fim. São Paulo: Círculo do Livro, 1977. p. 11-14.

Bernard de Bouvier de Fontenelle é realmente um grande entusiasta da existência de habitantes em outros mundo. Para ele, uma vez que, mesmo em pedras duríssimas existia vida, todos os mundos então poderiam ter:

... a partir deste exemplo, e mesmo a Lua não passe de um amontoado de rochas, eu prefiro concebê-la roída por seus habitantes a imaginá-la desabitada. Afinal tudo é vivo, tudo é animado (FONTENELLE, 1993, p. 105).

Mas em geral os “alienígenas” de Fontenelle são apenas seres humanos com pequenas variações nos órgãos dos sentidos e na organização social. Ele mesmo deixa claro no livro que tudo o que faz é pegar característica de animais terrestres como abelhas e bichos da seda e transportá-los para outros mundos.

Então lhe contei a história natural das abelhas, a respeito das quais ela não conhecia muito mais do que o nome. Assim vedes, prossegui, que simplesmente transporto para outros planetas coisas que se passam em nosso mundo, imaginaríamos extravagâncias que iriam parecer bizarras e, no entanto, seriam plenamente reais... (FONTENELLE, 1993, p. 110)

A partir de 1700, a idéia da pluralidade dos mundos habitados se popularizou em consequência de fatores como a difusão do copernicanismo, o crescimento das ciências naturais e a assimilação da física newtoniana. A nova física havia criado um novo universo de dimensões infinitas no espaço e no tempo, o palco onde se desenrolaria o conto **Micromegas** de Voltaire, um dos mais populares escritores iluministas.

Neste conto, Voltaire narra a viagem de um habitante da estrela de Sírio ao planeta Saturno, e depois à Terra. Ele explora com incrível antecipação para a sua época as diferenças na estrutura corpórea e intelectual que raças alienígenas podem ter por viverem em ambientes tão diferentes da Terra, e chega a propor o uso de naves espaciais semelhante a cometas e o uso da energia solar.

O nosso viajante conhecia as maravilhas das leis da gravitação e todas as forças atrativas e repulsivas. Utilizava-as tão de acordo que, ou por meio de um raio de sol, ou graças à comodidade de um cometa, ia de planeta em planeta, ele e os seus como um pássaro voa de galho em galho. (VOLTAIRE, 2002, p. 111)

Já no livro **O filósofo ignorante**, Voltaire afirma que

...Tenho até mesmo motivos para crer que os planetas estão povoados de seres sensíveis e pensantes, mas uma barreira eterna nos separa, e nenhum dos habitantes dos outros globos

se comunica conosco (VOLTAIRE apud BARCELOS, 2001, p. 18).

Entretanto, foi Immanuel Kant, na parte final de sua obra *História natural e teoria geral do Céu* (Allgemeinen Naturgeschichte und Theorie des Himmels), que além de lançar sua revolucionária teoria sobre a gênese do sistema solar, defendendo que os sistemas planetários teriam se formado a partir da contração gravitacional de uma nuvem de matéria no espaço, teoria esta ainda aceita com algumas alterações, também formula uma hipótese sobre as inteligências extraterrestres (ELSÄSSER, 1970).

Nessa hipótese, Kant propõe que a natureza destes seres derivaria de fatores astronômicos, como a distância do Sol e a composição da matéria, ou em suas próprias palavras, “*a qualidade dos seres racionais .. está submetida a certa regra, segundo a qual a maior qualidade e perfeição situa-as na proporção da distância de seus habitantes ao Sol*” (KANT apud BARCELOS, 2001, p. 18).

O filósofo escocês David Hume, em seus *Diálogos Sobre a Religião Natural*, publicado em 1779, segue o mesmo raciocínio de Kant, ele propõe que

...há algum fundamento razoável para concluir que os habitantes de outros planetas possuem pensamento, inteligência, razão, ou algo similar a estas faculdades humanas? Quando a natureza é tão diversificada neste pequeno globo; podemos imaginar que ela incessantemente copia a si própria através de um universo tão imenso? (HUME apud BARCELOS, p. 19).

Outro pluralista famoso foi Sir William Herschel (1738-1822), um astrônomo de primeira linha. Ele catalogou agrupamentos de estrelas nebulosas, descobriu novos satélites de Saturno e também o planeta Urano (NOGUEIRA, 2005).

Mas Herschel era propenso a especular além dos fatos, e estava convencido, por um argumento incerto de analogia, de que todas as estrelas e planetas têm vida inteligente. Nas palavras de Flammarion:

Pareciam mostrar no astro solar um globo escuro como os planetas, envolvido de duas atmosferas principais, das quais a exterior seria a fonte de luz e do calor, e a interior teria o papel de refletir para fora esta luz e este calor e preservar o globo solar. Este globo solar seria de espécie habitável: era a opinião dos dois Herschel... (FLAMMARION, 1995, p. 66)

Herschel permaneceu convencido da existência de seus "homens solares" até sua morte em 1822. O filho de William Herschel, John, também se tornou um astrônomo respeitado, e um dos homens que mais influenciou Charles Darwin. Seu livro, *Discurso Preliminar sobre o Estudo da Filosofia*, incendiou o jovem Darwin, ele vislumbrou ali o escopo ilimitado da explicação científica e o rápido progresso de cada ramo do conhecimento.

Como Herschel observou em uma passagem que Darwin sublinhou, "O que, então, não podemos prever (...), o que não podemos esperar dos esforços de mentes poderosas", construindo sobre o "conhecimento adquirido das gerações passadas?" O céu era o limite (DESMOND e MOORE, p. 109 e 110).

Pelo ano 1835, John estava em Feldhausen, África do Sul, onde construiu um telescópio para tirar proveito do ar mais claro por lá e ver porções do céu do sul não visíveis a latitudes mais ao norte. Nesse ano o jornal **New York Sun** publicou, em formato de novela, com capítulos, uma suposta reimpressão dos relatos das descobertas de John Herschel na África do Sul.

Os artigos descrevem em detalhes a invenção de um telescópio maravilhoso, por meio do qual uma pessoa poderia observar a superfície da lua como se estivesse de pé sobre ela. À medida que os capítulos se desenvolveram, este observou as crateras da lua, cristais de ametista com 90 pés de altura, rios, vegetação e animais, antílopes, cabras, cegonhas, pelicanos, bisões com tapadeiras de olhos feitas de pele para proteger seus olhos do sol e castores sem cauda.

E, por fim, os habitantes da Lua eram homens e mulheres peludos e alados, lembrando morcegos, e podiam voar. Esta foi uma das mais famosas fraudes de jornal na história. Enganou até mesmo alguns cientistas. John Herschel, ainda na África do Sul, finalmente ouviu falar por carta da fraude, e achou-a divertida, ainda que segundo ele suas descobertas reais não chamassem tanta atenção (KOLOSIMO, 1971).

Mas John não era um cético. Ele acreditava, como seu pai, na pluralidade dos mundos habitados. Em suas próprias palavras:

Com que objetivo devemos supor que as estrelas tenham sido criadas e que corpos assim magníficos tenham sido dispersos na imensidão do espaço? Isto não foi, sem dúvida, para iluminar nossas noites, objetivo que poderia ser melhor satisfeito por mais uma lua, que fosse a milésima parte da nossa, nem para brilhar como um espetáculo vazio de sentido e de realidade, e nos iludir em vãs conjecturas. Esses astros são, é verdade, úteis ao homem

como pontos de referência, aos quais pode tudo referir com exatidão; mas seria preciso ter tirado bem pouco fruto do estudo da astronomia para poder supor que o homem seja o único objeto dos cuidados de seu criador, e para não ver, no vasto e desconcertante aparato que nos cerca, moradas destinadas a outras raças de seres vivos (HERSCHEL apud FLAMMARION, 1995, p. 60).

No decorrer do século XIX, inspirados nos diversos escritos por nós já comentados, muitos cientistas tentaram estabelecer contato com possíveis civilizações extraterrestres. O matemático alemão Karl Fredrich Gauss (1777-1855), propôs que nas estepes da Ásia Central fossem abertas veredas formando um gigantesco triângulo retângulo com quadrados em cada um dos lados. No interior destes seria cultivado trigo, dando-lhes uma cor uniforme, possivelmente o Teorema de Pitágoras assim representado seria observado por uma civilização em Marte ou na Lua.

O astrônomo Joseph Johann von Littrow (1781-1840) sugeriu que fossem escavados canais no Saara representando figuras geométricas de 32 quilômetros. Em seguida estes seriam enchidos de água e querosene, então se ateria fogo a querosene, dando vida a um sistema luminoso de comunicação, que possivelmente seria visto do espaço.

Já o inventor Charles Cross (1842-1888) propôs a construção de um grande espelho a fim de refletir a luz solar para Marte. Segundo o historiador Ulisses Capazzoli, “*no século XIX era tão intenso o interesse em estabelecer comunicações com outras inteligências que, em 1900, em Paris, foi oferecido um prêmio de 100 mil francos a quem materializasse esse sonho.*” (CAPOZZOLI, 2005, p. 181).

Temos em Nicolas Camille Flammarion também um defensor da pluralidade dos mundos habitados. Nasceu aos vinte e seis dias de fevereiro de 1842. Aos oito anos, ganhou um livro de Cosmografia do qual copiou, especialmente, os sistemas de Ptolomeu, Copérnico e Tycho-Brahe. Aos nove anos de idade, Flammarion iniciou seus estudos de latim. Realizou seus estudos clássicos na cidade de Langres, em uma escola católica que foi responsável por seus sólidos conhecimentos em humanidades.

Quando seus pais mudaram para Paris, ele passou a estudar na Associação Politécnica de Paris em cursos gratuitos, onde aprendeu melhor as “matemáticas”. Aos domingos, Flammarion estudava as disciplinas que despertavam seu interesse, como a frenologia, a fisiognomia e os sistemas de Laváter, Gall e Spurzheim.

Aos 15 anos, Flammarion escreveu um livro de cerca de 500 páginas, que ele próprio ilustrou com 150 desenhos, intitulado *Cosmogonia universal: estudo do mundo primitivo* o trabalho seria publicado mais tarde com o título: *O mundo antes da aparição do*

homem. Com este livro em mãos, o jovem ganhou coragem e apresentou-se no Observatório de Paris, à época dirigido por Le Verrier, o astrônomo que havia descoberto Netuno sem instrumentos, apenas usando cálculo. Após ser entrevistado e avaliado, Flammarion foi aceito como aluno-astrônomo de Le Verrier.

Entre os tipos de atividades que realizou, Flammarion mediu estrelas duplas e realizou cálculo de suas órbitas, estudou a direção das correntes aéreas, fez estudos higrométricos do ar, analisou a rotação de corpos celestes, confeccionou mapas de Marte e escreveu trabalhos sobre a constituição física da Lua.

Seu primeiro livro publicado foi *Pluralidade dos Mundos Habitados* (1861), seguido-se *Viagem extática às regiões lunares*, *Os mundos imaginários e os mundos reais* (1865), *As maravilhas celestes* (obra popular de divulgação da astronomia), *Estudos e leituras sobre astronomia* (1867), *Viagens aéreas* (1867), *Galerie Astronomique* (1867), *Contemplações científicas* (coletânea de escritos publicados nas revistas *Siècle*, *Magasin pittoresque* e *Cosmos* - 1870), *A atmosfera* (1871), *Astronomia Popular* (1880), *O mundo antes da criação do homem* (1885), *Os cometas, as estrelas e os planetas* (1886), *Astronomia para amadores* (1904) e *Raio e trovão* (1906).

Em *Pluralidade dos Mundos Habitados* trata do sistema solar, realiza um estudo comparativo dos planetas, discute a fisiologia dos seres a fim de abordar a questão da habitabilidade, trata de habitantes de outros mundos e da pluralidade dos mundos ante o dogma cristão.

São muitas as revistas que receberam suas contribuições. Em junho de 1863, tornou-se redator científico da revista "Cosmos", colaborou nas revistas "Siècle", "Magasin Pittoresque" e fundou, em 1882, a revista "L'Astronomie", que continua sendo editada até os dias de hoje

O Observatório de Juvisy foi fundado por Flammarion em 1883, e lá passou a realizar seus trabalhos nas áreas de astronomia, climatologia e meteorologia. Ele é visto pelos astrônomos contemporâneos como um astrônomo amador que realizou um trabalho de divulgação da astronomia. Esta qualificação possivelmente se deve ao fato de ele não fazer parte de nenhuma academia ou centro de pesquisa oficial, mas, certamente, não se pode qualificá-lo de amador por não publicar seus trabalhos regularmente em periódicos científicos.

Quatro anos depois, tornou-se o fundador da Sociedade Astronômica da França (*Société Astronomique de France*), com o objetivo de "difundir as Ciências do Universo e fazer os amadores participarem do seu progresso", que continua ativa até os dias de hoje. D.

Pedro II, imperador do Brasil, foi pessoalmente ao observatório de Juvisy entregar-lhe a comenda da "Ordem da Rosa". Flammarion também fez parte, por via literária e pessoalmente, do grupo de Victor Hugo.

O primeiro contato de Flammarion com a doutrina dos espíritas se deu em uma livraria, onde ele teve acesso a "O Livro dos Espíritos" de Allan Kardec. Ao folhear o livro, constatou que ele tratava, entre outros, do assunto do livro que ele estava escrevendo: Pluralidade dos Mundos Habitados. O que mais o intrigou foi o fato de que a origem das informações era atribuída a espíritos, o que ele resolveu verificar.

Procurou Allan Kardec e passou a assistir às reuniões da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, onde obteve diversas mensagens assinadas por Galileu, algumas das quais Kardec inseriu em "A Gênese". Mas ele se mostra cético com relação a estas experiências.

Eu não demorei a observar que as nossas comunicações mediúnicas refletiam simplesmente nossas idéias pessoais, e que Galileu por mim, e que os habitantes de Júpiter por Sardou, são estranhos a estas produções inconscientes dos nossos espíritos (FLAMMARION, 1979).

As idéias positivistas, especialmente as referentes ao conceito e ao papel da ciência no conhecimento, foram adotadas por ele. O empirismo, a construção das teorias a partir da observação dos fatos, o questionamento de qualquer sistema calcado em postulados apriorísticos e o uso da matemática na análise dos fenômenos são uma constante na construção do seu pensamento, em suas pesquisas astronômicas. Mostrou-se desconfiado com o movimento espírita, apesar de ser um pesquisador destes fenômenos.

O comitê me ofereceu suceder a Allan Kardec como presidente da Sociedade Espírita. Eu recusei, dizendo que nove décimos dos seus discípulos continuariam a ver, durante muito tempo ainda, uma religião mais que uma ciência, e que a identidade dos "espíritos" estava longe ainda de ser provada. (FLAMMARION, 1911. p. 498)

É uma afirmação sem dúvida válida até os dias de hoje. Além das obras citadas referentes a suas pesquisas astronômicas, Flammarion escreveu pelo menos quatro livros que podemos classificar como ficção científica, ainda que carregados de influência espírita. São eles:

1. *Urânia*, escrito em forma de diálogos intercalados por informações e idéias do movimento espírita e da astronomia, que vaga entre os dados da pesquisa e a imaginação.

2. *O fim do mundo*, uma ficção ambientada no vigésimo quinto século, sobre o fim do sistema solar.

3. *Narrações do infinito*, que o autor considera como seu sexto livro, e o define como um "romance astronômico" escrito em forma de diálogo entre um vivo e um morto.

4. *Estela* é narrativa que tem por centro o amor de Rafael e Estela. Traz em seu bojo as informações da astronomia, o debate com o materialismo e os temas espiritualistas.

Na sua obra mais conhecida, *A Pluralidade dos Mundos Habitados*, Flammarion defende a existência de seres extraterrestres nos diversos planetas espalhados no cosmo, e julga que mesmo que a composição atômica dos mundos seja igual, as diferentes formas de elas se combinarem dará origem a seres que mal podemos imaginar:

I – As forças diversas que estiveram em ação na origem das coisas deram nascimento, nos mundos, a uma grande diversidade de seres, seja nos reinos inorgânicos, seja nos reinos orgânicos;
 II – Os seres animados foram, desde o começo, constituídos segundo formas e organismos em correlação com o estado fisiológico de cada uma das esferas habitadas;
 III – Os homens dos outros mundos diferem de nós, tanto em sua organização íntima quanto em seu tipo físico exterior.
 (FLAMMARION, 1995, p. 231)

Camille Flammarion faleceu em 04 de junho de 1925. Durante toda a sua vida defenderia a pluralidade dos mundos habitados como disciplina ao mesmo tempo filosófica, científica e religiosa, influenciando particularmente o português naturalizado brasileiro Augusto Emílio Zaluar.

4.2 O alienígena na obra de Zaluar

O romance de Zaluar, objetivo de nossa análise, por sua vez, começa com uma carta do herói da história, O Dr. Benignus, ao Sr. Camille Flammarion⁸¹, dizendo que está

⁸¹ Particularmente é discutido no – *O Dr. Benignus* – a relação entre astronomia, antropologia e astrobiologia. Esta relação é construída utilizando-se as obras de Camille de Flammarion. Sabe-se que Flammarion influenciou a constituição da astronomia brasileira até o século XX, entrando em disputa com os positivistas. Ver: MORAES, Abraão. **A astronomia no Brasil**. In: AZEVEDO, Fernando de. *As ciências no Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1955. p. 81-161. RIBEIRO, J. Costa. **A física no Brasil**. In: AZEVEDO, Fernando de. *As ciências no Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1955. p. 163 - 202.

decepcionado com o ser humano, "*ente incompleto, que tem a vaidade de supor-se o modelo mais perfeito e definitivo da natureza universal*". Explica que abandonou o convívio com os homens e vive numa fazenda que comprou em Minas Gerais, cuja moradia se situa no Morro do Condor.

Após descrever a paisagem, faz o seguinte convite: "*Venha, Sr. Flammarion, venha depressa, ver todas estas coisas antes que a mão destruidora de meus compadres dê cabo de tudo isto!*".

Benignus descreve o céu do lugar, aproveitando para mostrar seus conhecimentos de astronomia e para afirmar o valor dos progressos da ciência, que pouco a pouco leva o homem a "*alargar em seu espírito a idéia da divindade*".

Após este diálogo com Flamarion, e outras aventuras, o Doutor Benignus e seu criado Katini descobrem, durante um passeio, uma gruta. Nela, encontram uma folha seca de papiro com um rosto redondo desenhado, do qual saem dezenas de raios, simbolizando o Sol. Abaixo da figura, a legenda: "*À pora*". O doutor pressente tratar-se de um prenúncio de "*assombrosas descobertas*". Após estudar a misteriosa folha de papiro, ele faz uma longa dissertação sobre a importância do Sol e especulações sobre a possibilidade da existência de vida naquela estrela e nos outros astros.

É verdade, por que não será o Sol e os outros mundos habitados? A Terra em que nós existimos e encerra tantas maravilhas, não passa no entanto de um ponto insignificante no espaço. Sem falar em Mercúrio, Vênus, Marte, que são relativamente pequenos, por que razão Júpiter, que é 1.400 vezes maior que a Terra, Saturno, cingido de seus círculos gigantescos, e acompanhado por oito luas, distando de nós de tal modo que somos para ele quase invisíveis, Uranus, 29 vezes maior que o globo terrestre e finalmente Neptuno, 100 vezes maior que nosso mundo e afastado dele um milhar e cento e cinquenta milhões de léguas, por que motivo não serão eles habitados? (ZALUAR, 1994, p. 89)

Pesquisando nos livros, o doutor descobre que, em língua tupi, "*À Pora*" equivale à expressão latina "*Ecce incolae*" e que significa: "*aqui há gente, aqui está povoado, aqui há habitantes*"; a prova, para ele, da existência de vida no Sol. Depara-se então com duas alternativas para resolver o problema, que ele expõe a Katini: "*ou irmos nós ao Sol, ou vir o Sol ter conosco*" (ZALUAR, 1994, p. 92).

O Doutor então decide observar o Sol em busca de uma resposta. Para observar melhor esse astro, ele planeja uma excursão ao interior do país, onde poderá encontrar um ponto de observação mais adequado.

Entende o eminente astrônomo, e com razão, que não é nas grandes cidades européias, onde a atmosfera está sempre viciada por grande quantidade de vapores estranhos, e cuja densidade intercepta os raios da luz, produzindo notáveis alterações nos oculares, o lugar mais apropriado para estabelecer os melhores pontos de observações astronômicas. As vastas regiões da América oferecem neste sentido mais seguras condições de sucesso. (ZALUAR, 1994, p. 95)

Para tanto, publica um anúncio nos jornais, convidando "*homens da ciência*", de todas as pátrias, e outros que se disponham a ajudá-lo na aventura. M. Gustavo de Fronville, especialista em ciências naturais e físicas responde ao chamado. O Doutor Benignus percebe que seu visitante possui um objetivo complementar ao dele: "*O senhor observará a terra e eu contemplarei o céu! Dois caminhos diversos, que vão dar ao mesmo ponto: a grande lei da unidade universal!*" (ZALUAR, 1994, p. 100).

Inicia-se assim, a viagem fictícia do Doutor Benignus. No decorrer desta, Augusto Emílio Zaluar pretende passar ao leitor seus conhecimentos astronômicos e suas hipóteses referentes à pluralidade dos mundos habitados. Vários nomes da ciência da época são citados, o que deixa claro ao leitor que o autor estava bem informado a respeito da ciência de sua época.

Entre outros, Zaluar cita M. Sciaparelli⁸² e M. Le Verrier⁸³, Arago (já comentado por nós), Herschel (também já comentado por nós), e muitos outros. A seguir faremos uma exposição dos conhecimentos astronômicos apresentados pelo autor, a fim de criarmos o devido embasamento para a discussão de suas idéias.

No capítulo XVI, Zaluar vai descrever as observações feitas por Benignus a respeito dos meteoros. Para o eminente Doutor, os meteoros ou estrelas cadentes pertencem a anéis ou matéria cósmica, circulando em torno do Sol, vindos das profundezas do espaço.

De modo que M. Schiaparelli primeiro e M. Lê Verrier depois, chegaram, por caminhos diversos, a idênticas conclusões: para eles, as estrelas cadentes provêm da desagregação de vastos grupos de matéria cósmica penetrando em nosso sistema... (ZALUAR, 1994, p. 175).

Durante a viagem, o Doutor aproveita para examinar os planetas por meio do telescópio. Analisando Marte, descobre seus continentes e até florestas, e comparando suas observações

⁸² Urbain Jean Joseph Le Verrier (1811-1877), astrônomo francês que primeiramente predisse a existência de um planeta até então desconhecido, chamado Netuno.

⁸³ Giovanni Schiaparelli (1835-1910), astrônomo italiano, mostrou que certos enxames de meteoros seguiam exatamente o trajeto de antigos cometas. Tornou-se famoso por acreditar ter descoberto "canais" no planeta Marte.

com os conhecimentos obtidos em livros, o Doutor conclui que naquele planeta existe vida. Vejamos o que ele nos diz de suas observações:

1. Regiões polares cobrem-se alternativamente de neve.
2. Nuvens e correntes atmosféricas existem.
3. Há mais terra que mares.
4. A água em Marte está no mesmo estado físico e químico da água da Terra.
5. A vegetação é avermelhada.

Examina depois Júpiter e seus satélites, imaginando como viveriam os "*habitantes desse mundo imenso*". A viagem é retomada. Ao chegar ao topo de um chapadão vizinho à capital de Goiás, o Doutor resolve estabelecer ali o seu observatório astronômico, para estudar o Sol. Ele consegue ver algumas manchas na superfície solar, e diz que elas são análogas a nossos ciclones.

A caravana segue viagem e, daí a dois dias, já se encontra próxima a Leopoldina. Por volta de quatro horas da tarde, um "*imenso meteoro luminoso*" surge no céu e cai com estrondo a algumas centenas de metros da caravana. O acontecimento suscita uma aula sobre os meteoros, por parte do narrador, e o reforço da teoria da habitabilidade dos mundos, para o Doutor Benignus.

O sábio resolve examinar o aerólito à procura de algum indício da existência das "*humanidades sidéreas*"(p. 287), idéia inovadora de que meteoritos podem ter vestígios de vida. A idéia afinal se verificou correta com a descoberta do meteorito encontrado na Antártida (ALH84001),⁸⁴ na década de 1980.

Continuando sua caminhada pelo interior do Brasil, o Doutor chega, através de suas reflexões, à conclusão de que as estrelas podem ser outros sóis, e que toda matéria do universo teria os mesmos compostos. Novamente ele vai defender a habitabilidade do Sol, pois para ele o núcleo do Sol não estaria em estado de fusão. Aqui vemos claramente a influência de Flammarion.

⁸⁴ Na década de 1980, um meteorito encontrado na Antártida (ALH84001) revelou fósseis marcianos. O estudo geológico do meteorito revelou que este é uma rocha ígnea que foi formada a partir do magma na base de um vulcão marciano há cerca de 4,5 bilhões de anos. Depois de 500 milhões de anos, foi deformada por um violento choque, ficando exposta aos agentes superficiais. Há 3,6 bilhões de anos um líquido circundante levou à deposição de glóbulos arredondados de um mineral carbonatado nas fissuras da rocha. Esta foi expelida de Marte há 15 milhões de anos. Veio a colidir na Antártida há 13 mil anos, sendo encontrada em 1984. Os estudos feitos por David McKay e outros investigadores do Johnson Space Center da NASA, chegaram à descoberta de algumas estruturas segmentadas e alinhadas que lembram bactérias fossilizadas, e contêm matéria orgânica como hidrocarbonetos policíclicos aromáticos (PHAs) e cristais de magnetita. Para maiores detalhes, ver: DUARTE, Rubens. LIMA, Ivan. **Astrobiologia: o estudo da origem e evolução da vida dentro e fora do planeta Terra**. Revista macroCOSMO.com, ano 2, n. 13, dez 2004, p. 11-30. Site: www.macrocosmo.com.

Pareciam mostrar no astro solar um globo escuro como os planetas, envolvido de duas atmosferas principais, das quais a exterior seria a fonte de luz e do calor, e a interior teria o papel de refletir para fora esta luz e este calor e preservar o globo solar. Este globo solar seria de espécie habitável: era a opinião dos dois Herschel... (FLAMMARION, 1995, p. 66)

Comparemos com alguns trechos do livro de Zaluar:

Deste notável fenômeno o Dr. Benignus concluiu o mesmo que o célebre astrônomo romano, quando diz que as manchas do Sol não são puramente superficiais; residem nas profundezas da massa solar ... poder-se-á também admitir que o núcleo da mancha é análoga aos nossos ciclones, dando-se no centro um abaixamento de temperatura... (ZALUAR, 1994, p. 259)

Finalmente, continua, a parte negra que ocupa o interior das manchas não pode ser constituída nem pelo núcleo central e escuro do Sol, nem pelas escórias ou qualquer outra matéria sólida flutuando na superfície de um líquido; o escuro é devido às massas transparentes, mas muito *absorcivas* de vapores metálicos, que, graças à sua considerável densidade, ocupam as partes mais baixas das desigualdades existentes na superfície da fotosfera e enchem os vácuos e interstícios que deixam algumas vezes entre si as brilhantes nuvens que nos iluminam. (ZALUAR, 1994, p. 260)

... a origem da enorme quantidade de electricidade existente nos espaços interplanetários vem do Sol, e que as manchas que este astro nos apresenta e chegam a ter muitas vezes dezesseis mil léguas de extensão, parecem ser cavidades por onde se desprende o hidrogênio, e levando este consigo a electricidade positiva, a derrama depois nos espaços celestes, na atmosfera terrestre e na própria Terra. (ZALUAR, 1994, p. 261)

Que o Sol é habitável, respondeu convencidamente o sábio. Não encontrei até agora factos ou conjecturas racionais que invalidem a minha crença. Penso que os mundos que giram na infinidade do espaço são outros tantos centros de vida, que cumprem naturalmente o seu destino sob o influxo ainda desconhecido das leis da providencia. (ZALUAR, 1994, p. 261)

É impossível para o sábio Doutor Benignus realizar pesquisas a fim de comprovar suas teorias; suas conclusões são derivadas do uso da lógica. Entretanto, ele compreende a necessidade de se fazerem pesquisas, afinal “*o assunto não está para nós esgotado, porque o não está também para a ciência, pois o Sol, o astro esplêndido do dia, apenas agora principia a ser conhecido em sua constituição química e física, no que todavia pouco difere dos outros corpos celestes, que nos são relativamente conhecidos*” (ZALUAR, 1994, p. 261).

Ele conclui que a fotosfera é gasosa e que o Sol provoca a Aurora Boreal. Conversando depois com Gustavo de Fronville, o Doutor informa a conclusão tirada de suas observações: o Sol é habitável. “*Os mundos que giram na infinidade do espaço são outros*

tantos centros de vida", diz ele, rejeitando a idéia de "*mundos sem vida*" (ZALUAR, 1994, p. 262).

Doutor Benignus continua sua viagem de exploração, até que durante a noite tem um encontro com um ser etéreo, de matéria sublimada, que lhe informa a natureza relativa do tempo:

Apareceu diante dele uma figura luminosa semelhante ao que se pode idear de mais perfeito na forma humana, massa cósmica, espécie de chama cor de ouro, que se agitava às mais ligeiras ondulações do ar, sem perder nunca a pureza dos contornos.
 - Dr. Benignus, disse-lhe a maravilhosa aparição, eu sou o habitante que tu procuravas inutilmente nas regiões do espaço. Assim como o homem, no mundo em que nasceste, é uma alma vestida de ar condensado, eu sou também uma alma vestida de luz. Venho das regiões sidéreas que tu procuras conhecer e se não fosse a tua impaciência de saber, tão rara entre teus semelhantes, que nos chegou a impressionar, eu nunca resolveria a descer a um mundo tão ínfimo como aquele em que vives. Andei muito para te encontrar, mas a distância e o tempo, que representa papel tão importante em tua existência, para nós são como um ponto invariável. Viajei num raio de luz, a locomotiva mais rápida que se conhece, andei trinta milhões de léguas em oito minutos. (ZALUAR, 1994, p. 293)

A conclusão a respeito da habitabilidade do Sol deriva das leituras de Zaluvar, de Herschel, que defendia a idéia de que o Sol era um globo escuro como os planetas, envolvido de duas atmosferas principais, das quais a exterior seria a fonte de luz e do calor, e a interior teria o papel de refletir para fora esta luz e este calor e preservar o globo solar. Este globo solar seria de espécie habitável, segundo Herschel.

Já Camille Flammarion concorda com as idéias de Herschel e defende que todos os planetas são andróginos, capazes de criar vida pela simples fusão de seus próprios aromas. A Terra mesmo não teria uma fecundidade excepcional, declara o astrônomo, após uma centena de páginas analisando a localização astronômica e a constituição geológica da Terra.

Flammarion defende ainda o estudo do Universo sobre um duplo aspecto: o aspecto físico, na grandeza dos objetos e na harmonia das leis que os regem; o aspecto moral, na vida intelectual dos seres que o habitam.

Zaluvar baseado nestes estudos, chega então à conclusão de que a humanidade terrestre seria uma das mais inferiores, enquanto a solar seria extremamente superior à nossa. Não seríamos nós então a obra-prima da criação, como desejam as mentes religiosas. Continuando seus argumentos, Flammarion ainda postula a necessidade de não esperarmos que os

extraterrestres sejam similares aos humanos, afinal o antropomorfismo é inerente à nossa constituição mental, como bem já salientava Xenófanes⁸⁵.

Levando-se em consideração o arcabouço cultural recebido por Zaluar, suas leituras a respeito da habitabilidade e pluralidade dos mundos habitados, em especial as idéias recebidas de Herschel e Flammarion, podemos entender por que o contato feito pelo Doutor Benignus ocorre com um ser advindo do Sol.

É lógico pensar que, se a humanidade terrestre, inferior segundo Flammarion, não conseguiria fazer contato com as outras humanidades, a humanidade solar, a mais avançada, poderia facilmente estabelecer contato com a terrestre.

O alienígena solar é um ser etéreo, de matéria sublimada, Zaluar não especifica estes conceitos, mas entendemos que o autor pretende caracterizar o ser alienígena como praticamente espiritual, neste sentido praticamente o mais evoluído possível. Lembramos que Zaluar, através de Flammarion, conheceu o espiritismo, que postula uma gradação na evolução, de seres puramente materiais até o espiritual.

Nossa humanidade, portanto, aparece como um meio termo. O alienígena, ao fazer contato com o Doutor Benignus, não traz uma nova tecnologia a ser assimilada, mas uma mensagem de cunho moral. No decorrer deste trabalho, veremos como este contato fortuito, geralmente de cunho moral, ainda está bastante presente no imaginário dos escritores de ficção científica, que de certa forma são os continuadores da obra de Zaluar, tornando-se mesmo um mito cultural brasileiro, bastante difundido pelo espiritismo. Entretanto, optaremos por fazer um estudo levando em consideração sua continuidade e influências em obras literárias e não considerando a religiosidade popular.

Antes de verificarmos este aspecto da moderna cultura brasileira, faremos uma pequena comparação entre o romance de Zaluar e dois outros romances científicos escritos na última metade do século dezenove.

⁸⁵ “Mas os mortais acreditam que os deuses são gerados, que como eles se vestem e têm voz e corpo. Mas se mãos tivessem os bois, os cavalos e os leões e pudessem com as mãos desenhar e criar obras como os homens, os cavalos semelhantes aos cavalos, os bois semelhantes aos bois, desenhariam as formas dos deuses e os corpos fariam tais quais eles próprios têm. Os egípcios dizem que os deuses têm nariz chato e são negros, os trácios, que eles têm olhos verdes e cabelos ruivos (XENÓFANES apud CLEMENTE de Alexandria. *Tapeçarias*. V, 109-110 e VII, 22).

CAPÍTULO 5 - ESTABELECENDO COMPARAÇÕES: O DOUTOR BENIGNUS DIANTE DO ROMANCE CIENTÍFICO EUROPEU

A ficção do século XIX, e mais tarde a do século XX, buscou no personagem do alienígena uma forma de representar aqueles outros que não podia nomear. Neste capítulo, enfatizamos sobretudo como o alienígena, este personagem representativo do conceito antropológico do “outro”, é utilizado de forma distinta pelo autor inglês H. G. Wells e pelo brasileiro Augusto Emílio Zaluar. Cada um representa neste personagem a forma com que sua cultura interage com o “outro”: uma ameaça no caso do inglês, ou um salvador no caso do brasileiro.

Verificamos que Zaluar foi um defensor da pluralidade dos mundos habitados, dando vida em sua ficção à forma com que via o alienígena (no caso, habitante do Sol), um ser evoluído e espiritual. Se Zaluar foi o criador de uma tradição que iria nortear a forma com que a cultura brasileira iria se apropriar do mito do alienígena, ele não foi o único ficcionista a dar uma nova forma a este mito.

Na segunda metade do século XIX, um grande número de escritores começou a produzir seus contos inspirados pelo legado e pela forma estipulada por Mary Shelly (1797-1851) em *Frankenstein ou o moderno Prometeu*⁸⁶, criando o gênero ficção científica. Entre esses romancistas encontramos: E. T. A. Hoffmann (1776-1822), Edgar Allan Poe (1809-1849), Nathaniel Hawthorne (1804-1864), Edward Page Mitchell (1852-1927), Robert Ducan Milne (1844-1899), Frank R. Stockton (1834-1902)⁸⁷ e Ambrose Bierce (1842-1914)⁸⁸.

Mas foram Júlio Verne e H. G. Wells que se dedicaram quase exclusivamente e criaram os principais temas subsequentes à ficção científica, até então designada por romance de vulgarização científica. Acreditamos ser elucidativa uma análise do romance científico de Augusto Emílio Zaluar em comparação à obra de Júlio Verne (enfocando o uso da tecnologia) e H. G. Wells (dando enfoque ao desenvolvimento do mito do alienígena), na medida em que teremos uma perspectiva melhor de até onde Zaluar foi capaz de inovar e até onde poderia ter inovado.

⁸⁶ Ver: SHELLEY, Mary. *Frankenstein: ou o moderno Prometeu*. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2002.

⁸⁷ Para conhecer a obra destes autores, recomendamos a coletânea de contos organizada por Isaac Asimov: ASIMOV, Isaac. **Lo mejor de la ciencia ficción del siglo XIX**. Trad. Domingo Santos e Francisco Blanco. Barcelona/Espanha: Ediciones Martinez Roca S. A., 1983.

⁸⁸ Para este último autor, recomendamos a coletânea organizada por Isaac Asimov: ASIMOV, Isaac. **Histórias de Robôs (Vol. 1)**. Trad. Milton Persson. Porto Alegre: L&PM, 2005.

5.1 Júlio Verne e Augusto Emílio Zaluar

Começaremos nossa análise verificando primeiramente a apropriação feita por Zaluar dos romances científicos publicados na segunda metade do século XIX, por Júlio Verne. Usaremos como referência teórica neste estudo a obra do pesquisador Roberto de Sousa Causo⁸⁹.

Sabemos que Zaluar teve contato com pelo menos duas obras de Júlio Verne:

O modelo de Zaluar é sem dúvida Júlio Verne, especialmente o Júlio Verne de Viagem ao redor da Lua (1870), e de Cinco semanas num balão (1863). Benignus identifica-se em certo momento com Michel Ardant, personagem da Viagem. A cena final do romance, a espetacular descida de um balão, em meio a uma tempestade, sobre as cabeças dos caiapós na ilha Bananal, é puro Júlio Verne de Cinco Semanas num balão. (CARVALHO, 1994, p. 8)

Júlio Verne inicia sua carreira justamente com a publicação de *Cinco Semanas num balão*, em uma coleção patrocinada pelo editor Pierre-Jules Hetzel, que pretendia: “*publicar uma coleção de livros para a juventude, em que ciências e geografia fossem ensinadas pela ficção, de forma agradável e didática*” (CORRÊA, 2005, p. 98).

Objetivos semelhantes pretendia alcançar Zaluar, que considerava sua obra um “*transunto das idéias de seu tempo*” (ZALUAR, 1994, p. 28), buscando explorar os conhecimentos do continente sul-americano e despertar em seus leitores o interesse pela ciência.

Entretanto, como salienta Causo, “*Zaluar não escrevia para jovens e não participava de um mercado florescente de ficção popular, inexistente no Brasil de 1875. Seu mercado era o dos folhetins em jornais da capital brasileira*” (CAUSO, 2003, p. 130).

Usamos neste trabalho a edição de *O Dr. Benignus*, publicada pela editora UFRJ, em 1994, edição crítica, com várias introduções e uma explicação técnica quanto aos critérios de modernização da linguagem, que foi feita a partir da edição em livros, em dois volumes, de 1875. Mas há indicações de que o romance teve uma edição anterior em forma de folhetim, fato comum na época, contidas na seção “*Ao Leitor*” (p. 27): “*Agradeço descendo cordialmente á ilustrada redação do O GLOBO a benevolência com que acolheu o meu trabalho, que hoje principio a publicar*” (como já citamos anteriormente, no rodapé da página 11).

⁸⁹ CAUSO, Roberto de Souza. **Ficção científica, fantasia e horror no Brasil -1875 a 1950**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

Mesmo esse mercado era muito restrito. “*Em Literatura e Sociedade, Antonio Cândido nos informa que o analfabetismo no Brasil de 1890 era uma realidade para cerca de 84% da população*” (PEREIRA, 2005, p. 18).

Roberto Causo, cita os seguintes trechos de Antonio Candido: “*tempo da consciência amena do atraso*”, como o autor justifica a produção literária de então, onde o “*escritor partilhava da ideologia ilustrada, segundo a qual a instrução traz automaticamente todos os benefícios que permitem a humanização do homem e o progresso da sociedade*” (CANDIDO apud CAUSO, 2003, p. 130).

Para Causo, muitos autores, inclusive Zaluar, eram portadores de um complexo de inferioridade cultural que os fazia copiar os modelos de literatura e de pensamento oriundos da Europa (CAUSO, 2003, p. 130). Tal característica, ainda na perspectiva de Causo da literatura brasileira, justificaria o fato de o herói de Zaluar se chamar “Benignus”, perpassando uma imagem da ciência como benevolente e salvadora, ao mesmo tempo em que tem a preocupação de filosofar e exibir erudição, o que diferenciaria Zaluar de Júlio Verne, por exemplo.

Aqui se faz necessário um breve resumo / comentário das obras de Verne, citadas por Zaluar. Em *Cinco semanas num balão*⁹⁰, Verne, coloca seus heróis, um inglês, o doutor Samuel Fergusson, seu amigo escocês Dick Kennefy e o empregado, Joe, numa aventura de exploração na África, de Zanzibar até o Níger, em um balão.

Já em *Viagem ao Redor da Lua*⁹¹, Verne conta a história de três homens, Nicholl e Barbicane (americanos), e Michel Ardan (francês), que se lançam em direção à Lua num “vagão-projétil” de alumínio, impelido por um gigantesco canhão enterrado no solo, o Columbiad. Tudo parte de uma operação empreendida pelos membros do “Clube do Canhão” de Baltimore, que após a guerra civil americana não tinham mais onde empregar seus novos projetos de engenharia balística. Devido a problemas técnicos, a nave acaba por apenas contornar a Lua, mas se consegue avistar água e uma atmosfera. No romance, Verne descreve desde os preparativos da viagem, inclusive a construção do canhão que atiraria o projétil em direção a Lua, até o aparelho que produz oxigênio e retira gás carbônico do ar usado no foguete.

Nos dois romances, Verne procura passar ao seu leitor não especulações a respeito de possíveis tecnologias futuras, como vemos na literatura de ficção científica do século XX,

⁹⁰ Usamos para referência a seguinte edição: VERNE, Júlio. **Cinco Semanas num Balão**. Trad. Otávio de Vasconcelos. São Paulo: M. P., 1965.

⁹¹ Usamos para referência a seguinte edição: VERNE, Júlio: **Viagem ao Redor da Lua**. Trad. Vieira Neto. São Paulo: Hemus, 1971.

mas sim apresentar os conhecimentos científicos de sua época. O crítico literário Roberto de Sousa Causo reconhece esse objetivo:

Embora tenha tratado do passado histórico e pré-histórico, e escrito umas poucas narrativas ambientadas no futuro, Verne referia-se ao agora, ao conhecimento fixado pelo homem do século 19. Não importava que falasse de dinossauros ou da Atlântida submersa, sua ficção exsudava uma forte sensação do contemporâneo, integrando-se ao contexto das publicações populares em que seus romances apareciam. Os interesses cotidianos das pessoas do século 19 - viagens, descobertas e feitos científico-aventureiros - eram expandidos e tornados maravilhosos pelas suas viagens extraordinárias; a ciência e a tecnologia vinham impregnar a experiência do homem de então⁹².

José Murilo de Carvalho critica Zaluar justamente pelo distanciamento que o Doutor Benignus imprimiria à ciência. Nesta perspectiva, temos uma ciência desvinculado do cotidiano: *“a finalidade da ciência é tornar a humanidade feliz, moral e materialmente. Divulgá-la é um sacerdócio. Quem o faz é um benemérito, é alguém que busca o bem da humanidade é um “benignus”*. (CARVALHO, 2003, p. 10)

Carvalho também salienta que, enquanto os cientistas descritos por Verne são engenheiros, Benignus é astrônomo e biólogo, e seu colega de expedição, Fronville, é geólogo e mineralogista. Estas quatro ciências estão mais ligadas à observação de fenômenos naturais e não à sua transformação. Assim, continua o autor, a tecnologia não é o forte de Benignus. Os escafandros não são usados e a proeza balonística é deixada a cargo de um americano. (CARVALHO, 2003, p. 10)

Como já salientamos no primeiro capítulo do presente trabalho, no romance, *O Doutor Benignus*, Zaluar faz algumas considerações a respeito da tecnologia e antecipações científicas:

Assim o doutor tinha-se prevenido não só de uma coleção a mais completa possível de instrumentos astronômicos, em relação aos meios de transporte de que dispunha, como também de muitos aparelhos, alguns dos quais talvez ainda desconhecidos no país, e entre eles exemplares das mais modernas escafandras, vestimentas próprias para se descer ao fundo do mar ou dos grandes rios, lâmpadas de luz eléctrica, notável aperfeiçoamento do sistema de Davy devido às investigações científicas de Dumas e Benoit, projetando luz dentro de um tubo fechado, de modo a evitar a inflamação dos gases e indicadas como as melhores nos centros pobres de oxigênio e onde as outras recusam funcionar; e finalmente vários aparelhos respiratórios, encerrando provisão de ar puro para descer não só nos centros líquidos, mas ainda ao fundo da terra... (ZALUAR, 1994, p. 124)

⁹² CAUSO, Roberto de Souza. **VIAGEM EXTRAORDINÁRIA – Ficção científica hard de Verne criou plataforma para a afirmação de autores como Michael Crichton e Willian Gibson, e gêneros como o steampunk e cyberpunk**. Revista CULT . São Paulo: Editora Bregantini, Março de 2005. Ano VII, nº 90. p. 59.

Equipamentos astronômicos, escafandros, luz elétrica e aparelhos respiratórios fazem parte dos equipamentos levados pelo Doutor Benignus. Para uma expedição exploratória, temos uma boa descrição de aparelhagem científica.

Carvalho tem razão ao criticar a falta de uso de alguns desses aparelhos no decorrer da história, mas sua crítica ao fato de o Doutor Benignus ser um naturalista e não engenheiro é incoerente. Devemos nos lembrar que o objetivo de Zaluar é semelhante ao de Júlio Verne, que expomos aqui através das palavras de Roberto Causo, ou seja, apresentar os conhecimentos científicos de sua época.

Incoerente seria o autor fazer uma descrição do Brasil como potência tecnológica, o que soaria inverossímil. Prefere Zaluar explorar ciências que já tinham um certo desenvolvimento no Brasil: astronomia, biologia, mineralogia e antropologia.

Outra crítica dirigida ao romancista seria em relação ao personagem M. James Wathon, engenheiro-maquinista, estabelecido em uma importante fábrica de ferro na Filadélfia, nos Estados Unidos, uma vez que é este personagem quem constrói o dirigível, e não o brasileiro Doutor Benignus.

Podemos ver nesta crítica de Carvalho um certo nacionalismo. Afinal, Zaluar se mostrava conhecedor do progresso científico e das descobertas tecnológicas mais recentes em várias nações. Como já afirmamos (p. 29), ele era sócio da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN), sediada no Rio de Janeiro, que na década de 1820, foi constituída por mais de duzentos sócios, que se reuniam com o intuito de incentivar o uso de máquinas e inventos na agricultura e difundir conhecimentos técnicos, por meio do periódico *O Auxiliador*, a partir de 1833. Participava, como já salientamos, da “Exposição Nacional Brasileira”, dedicada a inovações, e tinha farta leitura no assunto.

Zaluar, assim como o próprio Júlio Verne, viu nos Estados Unidos o país onde seriam realizadas as grandes inovações tecnológicas. O escritor francês Michel Butor, especialista na obra de Verne, salienta que “*os EUA, para ele, são uma das regiões na qual se observam melhor os avanços e o desenvolvimento do progresso técnico*”⁹³. Vale lembrar que, em todas as obras de Verne, o grande produtor de tecnologia são os E.U.A e não a França, sua pátria. Aqui temos dois casos, Verne e Zaluar, em que a verossimilhança com a realidade suplanta desejos nacionalistas. A crítica de Carvalho se mostra, assim, infundada.

Ainda assim, Zaluar almeja o progresso técnico do Brasil:

⁹³ BUTOR, Michel. **QUERO SER GRANDE**. FOLHA DE SÃO PAULO, 23 de outubro de 2005, p. 10. Caderno MAIS! (Entrevista a Fernando Eichenberg).

Quanto mais feliz teria sido a província de Minas Gerais, acrescentou M. De Fronville, se em vez da ambição e da imprevidência com que se entregou à exploração do ouro, tivesse com o mesmo ardor extraído o ferro e aperfeiçoado os seus produtos. A que deve a Inglaterra a sua prosperidade? Ao carvão-de-pedra e ao ferro. (Zaluar, 1994, p. 156).

Notamos que Zaluar não defendia o extrativismo e a agricultura como alicerces econômicos para o Império do Brasil. ele queria a industrialização, mas não previa que esta ocorresse tão logo no Brasil.

Mas, assim como Júlio Verne via nos Estados Unidos o futuro da técnica, Zaluar também não pôde fugir a essa constatação: “*os americanos do norte, e, pode dizer-se, que toda a raça anglo-saxônica, compreendem isto a tal ponto, que deslocando-se incessantemente, não só vão enriquecendo, mas dominando o mundo*” (Zaluar, 1994, p. 126).

Fazendo uma análise literária apurada do ponto de vista da tecnologia apresentada no romance de Zaluar, podemos concluir que este não se distanciava muito de seus similares europeus (Júlio Verne), sendo ao mesmo tempo um retrato da carência técnica do Brasil do século XIX.

5.2 H. G. Wells e Augusto Emílio Zaluar

Retomaremos agora a questão da pluralidade dos mundos habitados, levando-se em consideração sobretudo o ser alienígena proveniente do Sol, descrito por Zaluar, e o seu contato com o Doutor Benignus. Para efeitos de comparação, recorreremos a um dos primeiros romances em que temos seres extraterrestres como protagonistas, *A Guerra dos Mundos*, de H. G. Wells, a fim de também traçarmos algumas similaridades e distanciamentos entre ambos.

Herbert George Wells é um dos autores mais importantes da ficção científica. Ele tratou vários temas que seriam mais tarde centrais nesse tipo de literatura: a viagem no tempo⁹⁴, a invasão alienígena⁹⁵, a manipulação biológica⁹⁶, a guerra total⁹⁷ e a invisibilidade⁹⁸.

⁹⁴**A Máquina do Tempo.** [S.T.] Portugal / Mem Martins: Publicações Europa-América, 1992. (Coleção FC-Bolso nº 191). Versão cinematográfica: *A Máquina do Tempo* (EUA, 2002), Direção de Simon Wells.

⁹⁵**A Guerra dos Mundos.** Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2000. *A Guerra dos Mundos* (EUA, 1954), Direção de Byron Haskin.

⁹⁶**A Ilha do Dr. Moreau.** [S.T.] Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1983. (Coleção Mestres do Horror e da Fantasia). Versão cinematográfica: *A Ilha do Doutor Moreau* (EUA, 1996), Direção de John Frankenheimer.

Também foi uma espécie de filósofo político⁹⁹, como o definia sua amiga socialista Beatrice Webb. A admiração por ele levou os Webb a incluírem Wells entre os “doze sábios” com os quais fundaram, em 1902, o “The Co-Efficients”, em que ele teve um papel importante. Os Webb consideravam a literatura, como praticada por Wells, um meio indispensável de propagar as idéias socialistas¹⁰⁰.

Fez uma verdadeira cruzada por uma nova ordem social em mais de 44 romances e livros, ensaios e artigos de sociologia e história. É um dos escritores britânicos mais lidos de sua geração.

Franzino e tuberculoso, Wells nasceu em 21 de setembro de 1866, filho de empregados domésticos que mais tarde se tornaram comerciantes em Kent (Inglaterra). Aos trinta anos decidiu abandonar o cargo de professor e se tornar escritor. Seu fascínio pela ciência o levou para a ficção científica, gênero difundido por Júlio Verne.

A fama lhe trouxe um convite para filiar-se à Sociedade Fabiana, onde passou a defender a instituição de um socialismo militante, em contraposição a um socialismo acadêmico: “*Devemos nos associar a alguma organização – falava eu. – Devemos realizar*

⁹⁷ **O Alimento dos Deuses**. [S.T.] São Paulo: Editora La Selva, 1964. (Coleção Espacial nº 5). Versão cinematográfica: *A fúria das feras atômicas* (EUA, 1976), Direção de Bert Gordon. Um novo título foi dado na versão cinematográfica.

⁹⁸ **O Homem Invisível**. [S.T.] Portugal / Mem Martins: Publicações Europa-América, 1992. (Coleção FC-Bolso nº 190). Versão cinematográfica: *Homem Invisível* (EUA, 1933), Direção de James Whale.

⁹⁹ Segundo Beatrice Webb, esposa de Sydney Webb, dois dos mais prolíferos escritores da história do socialismo, H. G. Wells fazia parte de um grupo de escritores ingleses que ela denominava *edwardians*, juntamente com Arnold Bennett e John Galsworthy. Eram aqueles que podiam ser considerados representantes do romance sociológico. “*Gostamos muito dele [H. G. Wells], - é completamente autêntico e todo inventividade, um especulador, uma espécie de jogador, mas completamente consciente de que suas hipóteses não estão comprovadas. Num certo sentido é um romancista estragado pela escrita de romances, mas que no estado atual da sociologia é útil tanto para Grdgrinds como para nós, porque nos fornece generalizações livres que podemos utilizar como instrumentos de pesquisa. E somos-lhe úteis também, porque lhe oferecemos uma enorme quantidade de fatos cuidadosamente peneirados e uma ampla experiência com a administração pública.*” (WEBB apud LEPENIES, 1996. Pág. 149).

¹⁰⁰ Beatrice Webb e Sydney Webb em uma de suas primeiras e mais conhecidas obras, intitulada *Industrial Democracy*, rejeitam a idéia de que os trabalhadores pudessem gerir democraticamente suas próprias indústrias sob o socialismo. Afirmavam que os trabalhadores não tinham nem a intenção nem a capacidade de administrar empresas. Segundo eles, na futura democracia industrial socialista, as indústrias seriam controladas por administradores profissionais que, por sua vez, seriam responsáveis perante a população, uma vez que prestariam contas a um parlamento democraticamente eleito, aos governos locais e às cooperativas de consumidores. Rejeitaram também a idéia de que o socialismo implicaria a transferência da propriedade de toda a indústria para o governo nacional. A propriedade deveria ser exercida tanto pelo governo nacional quanto pelas inúmeras pequenas unidades administrativas locais ou regionais. O alcance das atividades de cada empresa e a parcela da população atingida por essas atividades determinariam, segundo eles, o tipo de propriedade em que se enquadraria a empresa. Na obra intitulada *A Constitution for the Socialist Commonwealth of Great Britain*, propuseram a criação de dois parlamentos distintos, ambos eleitos democraticamente. O primeiro se ocuparia das questões políticas, e o segundo cuidaria dos assuntos econômicos e sociais. Sugeriam também a adoção de um sistema de governos locais, baseados em unidades locais com limites geográficos definidos. Os governos locais se combinariam de várias maneiras para formar unidades administrativas encarregadas de supervisionar e controlar. (Para um maior entendimento do pensamento dos Webb, ver: LEPENIES, Walf **O Romance Jamais Escrito: Beatrice Webb**. In: *As Três Culturas*. Trad. Maria Clara Cescato. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. P. 115-145.)

coisas... Devemos sair pelas ruas. As pessoas estão desinformadas.” (WELLS, 1990, p. 109), por isso se tornou membro da Sociedade Fabiana. Mas os fabianos nunca tiveram a pretensão de constituir um partido de massas. Contentavam-se em ser um grupo pequeno e seletivo, empenhado em educar e preparar a classe média para o socialismo.

Publicavam grande quantidade de tratados e panfletos denunciando a pobreza e as injustiças que imperavam nos primeiros anos do século XX na Inglaterra. A solução para esses males viria em breve, asseguravam, através de programas e medidas governamentais de caráter paternalista. Antes, porém, era necessário que se formasse um governo verdadeiramente democrático e que o povo adquirisse consciência desses problemas.

Consideravam que os sindicatos deveriam limitar sua atuação à defesa dos interesses econômicos da classe operária nos processos de barganha coletiva. Não lhes competia imiscuírem-se em questões políticas ou cometer atos de rebeldia. Em verdade, não acreditavam que um movimento operário de bases amplas pudesse produzir mudanças políticas. Confiavam em que os apelos intelectuais acabariam modificando a opinião pública, e assim, conseguiriam levá-la a eleger para o parlamento candidatos que tivessem simpatias pelas idéias socialistas.

Incomodado com estes traços de comodismo burguês que encontravam em muitos dos fabianos, Wells passou a se dedicar exclusivamente à escrita e pregava a necessidade de uma educação científica entre os socialistas, que eram até então poetas, intelectuais aventureiros, professores e funcionários públicos. Ele defendeu suas idéias nos fóruns da Sociological Society, do qual foi membro fundador em 1903. Em 26 de fevereiro de 1906 ele apresentou em um de seus encontros uma palestra com o título “The So-Called Science of Sociology”, em que contestava as pretensões da sociologia de ser uma ciência, para ele esta deveria ser literária e utópica. Seriam sociólogos Platão, Morus, Bacon, Swift, Edgar Allan Poe e até aquele Comte que criara uma utopia ocidental altamente pessoal.

Pessoas como Spencer e os Webb seriam no máximo assistentes sociais e pseudocientistas criadores de confusão. Wells mesmo, por falta de experiência em formar comissões e organizar atividades políticas, não conseguiu seu intento. Sem apoio, ele abandonou a Sociedade Fabiana em 1908, passando a fazer severas críticas a esta sociedade. Vejamos as observações de George Ponderove (personagem de um romance de Wells), um socialista disposto a fazer uma carreira de ação política dentro desta sociedade:

Depois de muitos sacrifícios, nós descobrimos o escritório da Sociedade Fabiana, escondido num porão de Clement’s Inn. Entramos e interrogamos um secretário

de ar desencorajador que se encontrava em frente ao fogo e que nos questionou com severidade acerca de nossas intenções...

- Quantos membros há na Sociedade Fabiana? ...
 - Cerca de 700...
 - Como – como estes aqui? ...
 - Estes socialistas não têm sentido de proporção – disse ele.
 - O que você pode esperar deles?
- (WELLS, 1990, p. 110-111)

A crítica aqui é explícita no sentido da necessidade de tornar a Sociedade um movimento de massas e não um ‘grupelho’ de intelectuais incapazes de participação política, que ficava a discutir e não agia politicamente.

Wells também se mostrou profético em seu intento; em 1918 o trabalhismo repentinamente apareceu com 24 por cento do total de votos, atingindo 37,5 em 1929, o que pôde medir razoavelmente a consciência de classe crescente entre os britânicos (HOBSBAWM, [S.D.], p.293). Wells certamente pretendia que esses votos fossem dados a uma Sociedade Fabiana convertida em Partido Político.

Wells tornara-se candidato ao Parlamento, propagador, educador e enciclopedista, ardente sustentador da idéia da Liga das Nações. Escreveu uma longa história mundial, *Resumo da História* (1920). Dez anos mais tarde, com a colaboração dos biólogos G. P. Wells (seu filho), e do Dr. Julian Huxley, escreveu *A Ciência da Vida*, um vasto manual de biologia para todos os interessados. Também escreveu uma volumosa exposição da economia cotidiana, *Trabalho, Riqueza e Felicidade da Humanidade* (1932).

Quando estourou a guerra de 1939-1945, Wells foi provavelmente o pensador mais influente do mundo. Seu *Resumo da História* foi traduzido em quase todas as línguas, e vendeu 2 milhões de exemplares.

Podemos dividir as novelas de Wells, basicamente, em três grupos. O primeiro consiste nos romances científicos e outras fantasias. O segundo, em novelas de caráter ou comédias sociais. E o terceiro, em novelas de idéias, dedicadas em sua maioria à discussão de idéias e ao progresso humano.

A Guerra dos Mundos tem sua história dividida em dois livros: o primeiro contando a invasão marciana e o segundo como ficou a Terra sob seu domínio e como os marcianos sucumbiram às bactérias. O livro é destinado a transmitir o pânico e a humilhar os arrogantes vitorianos¹⁰¹. A humilhação começa no primeiro parágrafo:

¹⁰¹ Wells atingiu seu intento com tamanha destreza que a “Guerra dos Mundos” viria mais tarde a causar pânico e desespero nos Estados Unidos e no Brasil. No dia 30 de outubro de 1938, Orson Well, apresenta na CBS uma adaptação radiofônica da obra homônima de Wells. Mais de um milhão de americanos saem às ruas em pânico, aterrorizados com as supostas notícias que anunciavam uma invasão marciana e a destruição de Nova York. A

Ninguém teria acreditado, nos últimos anos do século XIX, que este mundo estava sendo observado com atenção e bem de perto por inteligências maiores que a do homem e, no entanto, tão mortais quanto a dele próprio; que os homens, enquanto se ocupavam com diferentes problemas, eram examinados e estudados, talvez tão minuciosamente quanto alguém com um microscópio pode examinar as efêmeras criaturas que pululam e se multiplicam numa gota d' água. Com infinita satisfação, os homens iam e vinham por este globo cuidando de seus pequenos afazeres, serenos na certeza de seu império sobre a matéria. É possível que os protozoários sob o microscópio ajam do mesmo modo. (WELLS, 2000, p. 11)

Depois de afirmar que os marcianos estavam nos estudando, Wells expôs os motivos para que eles tenham decidido nos invadir. Na verdade, era a única alternativa de sobrevivência marciana, uma vez que Marte era um mundo antigo e agonizante rumo a um fim inevitável, tendo esgotado seus recursos naturais. Entretanto não nos passa despercebido o fato de os britânicos serem comparados a simples protozoários, tamanha a sua inferioridade em relação aos marcianos.

Em outra parte do livro, um soldado britânico diz que aquilo que estava havendo não era uma guerra, afinal não existem guerras entre humanos e formigas, nós simplesmente passamos por cima delas. Mas, infelizmente, somos formigas comestíveis.

Os marcianos seriam cinzas com tons marrons. Eles ainda teriam “*olhos negros bem grandes*” com grande intensidade, não possuiriam narinas nem lábios, teriam uma pele lustrosa, sem pêlos e uma grande cabeça. Comunicar-se-iam por telepatia. Em vez de mãos e braços, teriam tentáculos, oito de cada lado. Fica fácil identificá-los como polvos. As máquinas marcianas seriam gigantes mecânicos andando sobre três longas pernas. A parte superior, acima do tripé teriam a forma de disco. Este ‘monstro mecânico’ ainda possuiria longos tentáculos metálicos, e estes seres extraterrestres construiriam máquinas bizarras semelhantes à forma de seu próprio corpo.

íntegra da transmissão foi publicada no Brasil. Ver: HOWRAD, KOCB. *A Guerra dos Mundos*. In: **Antologia Cósmica – Primeiros contatos com seres extraterrestres**. Fausto Cunha (org.). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1981. Para uma análise mais aprofundada deste caso, recomendo o livro do jornalista Homero Fonseca, que fez um estudo a respeito em *Viagem ao planeta dos boatos* (Rio de Janeiro, Record, 1996). Ou o filme *Radio Days (A Era do Rádio)*, de 1987, no qual Woody Allen mostra diversos episódios interligados – entre eles a invasão marciana preconizada por Welles – pela presença constante do rádio, que age poderosamente sobre os membros de uma família judia no bairro do Queens nos anos 30 e 40. O mais estranho é que em 22 de novembro de 1954 na cidade mineira de Caratinga a transmissão radiofônica da mesma obra gerou tanto tumulto e foi encarada com tanta seriedade que a Aeronáutica chegou a enviar um grupo de oficiais em um C-47 20-53, para averiguar o acontecido, ao mesmo tempo em que manteve outras aeronaves prontas para o combate. O fato voltaria a se repetir em 30 de outubro de 1971 em São Luís (Maranhão), chegando mesmo a mobilizar uma esquadrilha da Aeronáutica. Para maiores informações ver: VALIM, Alexandre Busko. **Os marcianos estão chegando**. Revista de História da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2005 (04): p. 64-69. Todos estes casos evidenciam a força da obra de Wells, e a credulidade e falta de ceticismo em grande parte da população, seja americana ou brasileira.

Talvez nada seja mais admirável para um homem do que o curioso fato de estar ausente aquela que é a forma dominante de quase todos os aparelhos mecânicos humanos – a *roda* está ausente. Em todas as coisas que eles trouxeram para a Terra não há vestígio nem sugestão de que usem rodas. Seria de esperar que surgissem pelo menos na locomoção. E, quanto a isso, é curioso notar que mesmo aqui na Terra a natureza nunca precisou da roda, ou preferiu outros expedientes para seu desenvolvimento. E os marcianos não somente desconhecem (o que é incrível) ou dispensam a roda: em seus aparatos também se faz um uso singularmente restrito do pivô fixo, com os movimentos circulares em torno dele delimitados a um único plano. (WELLS, 2000, p. 151)

Ao final da história, pouco antes que os marcianos sucumbissem às bactérias terrestres, construíram máquinas voadoras, mas não conseguiram sobreviver para usá-las. *“Entre outras coisas, a reportagem me reiterava algo em que não pude acreditar naquele momento: que o “segredo de voar” tinha sido descoberto.* (WELLS, 2000, p. 200-201)

É um livro inspirado no colonialismo britânico, sobre como os valores morais da avançada civilização britânica condescendiam com o genocídio de um povo considerado inferior. Atribui-se a inspiração para a história a notícias a respeito da extinção dos nativos da Tasmânia (Austrália)¹⁰² pelos colonizadores ingleses que estabeleceram lá uma colônia penal. Em ‘A Guerra dos Mundos’, Wells faz com que os britânicos sejam o povo inferior a ser massacrado por marcianos¹⁰³ mais avançados tecnologicamente e com valores morais questionáveis, se não ausentes. A mensagem central não só deste como de todas as histórias de Wells não é uma fantasia desvairada de alienígenas e tecnologia, mas um ponto de vista crítico e até pessimista sobre a própria humanidade. ‘A Guerra dos Mundos’ fala mais sobre nós, sobre a humanidade do que sobre os marcianos.

Em ‘A Guerra dos Mundos’, H.G. Wells compara os repulsivos marcianos a répteis, répteis que dispõem a seu bel-prazer de uma raça de seres humanóides bípedes e frágeis. Em

¹⁰² Entre os anos de 1815 (após a queda de Napoleão), e praticamente até a Primeira Guerra Mundial, os grandes conflitos armados ocorrerão distantes da Inglaterra. Estes eram travados nas colônias, ou na periferia da Europa (Guerra da Criméia, 1853), ou não envolviam diretamente a Inglaterra (Guerra Franco-Prussiana, 1870). Wells critica justamente esta posição distante dos Ingleses para com os povos que estavam conquistando, atitude semelhante a dos marcianos, que estavam travando uma guerra tão longe de seu próprio mundo, quanto os ingleses em suas colônias.

¹⁰³ Na época o interesse pela existência de outros mundos já se encontrava bastante difundida, embora as pesquisa astronômica estivesse voltada para a mecânica celeste e astrometria. Mas em 1877, o astrônomo italiano Giovanni Schiaparelli publicou um artigo notificando a existência de *canali* na superfície marciana. Nos Estados Unidos um erro de tradução do italiano para o inglês, disseminou a idéia de que havia um sistema de canais artificiais em Marte. Percival Lowell, defendia a idéia de que havia um sistema de canais com a finalidade de trazer água dos pólos para uma civilização marciana sedenta. Daí para eles invadirem a Terra atrás de nossa água era uma questão de tempo. Wells soube usar esta mitologia muito bem, afinal na época ela era tão difundida quanto as modernas observações de UFOs. Uma história mais detalhada pode ser verificada no livro: **A Conquista de Marte** de Willy Ley (Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1967)

sua invasão à Terra, os marcianos trazem consigo um certo número dessa outra raça de alienígenas que lhes servem de nutrição.

Sua preferência [a dos marcianos] inegável pelos homens como fonte de alimento é parcialmente explicada pela natureza dos restos das vítimas que trouxeram consigo de Marte como víveres. Essas criaturas, a julgar pelos pequenos restos mirrados que caíram em mãos humanas, eram bípedes com esqueletos inconsistentes e de siliciosos (quase como os das esponjas siliciosas) e débil musculatura, com cerca de dois metros de altura e cabeças redondas, eretas, com grandes olhos em órbitas muito duras. Duas ou três delas parecem ter sido trazidas em cada cilindro, e todas foram mortas antes de chegarem à Terra. (WELLS, 2000, p. 147)

Porém, é importante notar que os marcianos se nutriam de uma outra raça bípede, não simplesmente se alimentavam. Os marcianos de Wells não tinham sistema digestivo. A nutrição marciana consistia em injetar sangue fresco de outras criaturas em seus corpos. Eles não comiam carne, mas se nutriam de sangue. A crueldade suprema dos seres carnívoros no topo da cadeia alimentar imaginados por Wells como vampirescos é a idealização suprema da dominação, pois o que estava sendo sugado era a própria essência do outro ser.

A elite britânica da época foi descrita como vampiros, seres parasitas, mortos vivos, que se sustenta de outros. Devemos nos lembrar que o *Drácula*, de Bram Stoker¹⁰⁴ era um sucesso de venda na Inglaterra vitoriana, mas enquanto no livro de Stoker os britânicos eram descritos na figura de Van Helsing (uma mistura de professor, médico, advogado, filósofo e cientista), e sua equipe de cavalheiros enfrentando vampiros em países distantes:

Sob o comando unificador e sacerdotal de Van Helsing, os homens da classe média da Inglaterra vitoriana revigoram sua identidade cultural e sua masculinidade primitiva nos valores sagrados que são reinvocados contra a sublimidade da ameaça vampiresca. Em face à sexualidade voluptuosa e violenta solta pelo vampiro decadentemente licencioso, um senso vigoroso de valores patriarcais, burgueses e familiares é instaurado. (Botting apud Rocque e Teixeira, 2001, p. 31)

Na obra de Wells os britânicos mais bem representados no papel de vampiros alienígenas marcianos, com uma tecnologia superior, uma crítica perspicaz do autor ao imperialismo britânico. Ao apresentar seus alienígenas no papel exercido pelos britânicos em suas colônias, e os britânicos no papel exercido pelos povos colonizados, Wells faz uma crítica áspera ao suposto papel civilizador da Grã-Bretanha.

O fato de os alienígenas serem tecnologicamente superiores e ainda assim moralmente condenáveis pode ser lido como uma crítica inerente à ciência. O progresso do conhecimento

¹⁰⁴ Pode-se dizer que Bram Stoker legitima a atitude dominadora e imperialista inglesa, já que seus personagens vão à Romênia libertar o seu povo do tirano local e ao mesmo tempo prevenir ataques à “boa sociedade inglesa”. STOKER, Bram. *Drácula*. Trad. David Jardim Junior. [s.c]: Ediouro, [s.d].

científico não traria consigo uma nova ética, mas poderia até mesmo tornar as guerras exponencialmente mais sangrentas, com a destruição de cidades inteiras, como fazem os alienígenas no romance de Wells.

Esta visão é bastante diferenciada daquela defendida por Zaluar, que vê na ciência apenas benefícios à humanidade. Neste ponto, podemos identificar o distanciamento ideológico de ambos os autores. Assim como Verne, Zaluar acredita em uma ciência benigna, já em Wells vemos elementos de crítica a uma ciência sem compromisso ético.

Três anos antes de ‘A Guerra dos Mundos’, H.G. Wells lançou ‘A Máquina do Tempo’. Lendo ambas as obras, podemos entender melhor o que fica implícito sobre a história entre os marcianos ‘polvos’ e a outra raça de marcianos ‘bípedes’ que lhes servem de alimento. Neste livro os seres humanos evoluem para as raças ‘Elói e Morlock’, uma de cientistas que viraram monstros, e outra de jovens que parecem viver felizes mas não são nada além de comida dos monstros. Wells afirma que as duas raças de marcianos já foram uma só, provavelmente humanóide, deixando implícito que ela evoluiu artificial e voluntariamente rumo a uma raça de cérebro com tentáculos, mas sem sistema digestivo, e outra que permaneceu humanóide ao resistir a modificar a si própria, mas que acabou virando simples comida dos cérebros com tentáculos.

Temos uma evolução dirigida, da engenharia genética, de como os seres inteligentes tomam as rédeas da natureza e de sua biologia, transcendem sua própria natureza através da ciência, mas tudo o que fazem é virar monstros, num retorno ao arquétipo do vampiro chupador de sangue.

Além da crítica social, a *Guerra dos Mundos* também apresenta ligações com a novela de idéias, basicamente no capítulo 7 da segunda parte (“O homem de Putney Hill”), onde as inquietações filosóficas do autor são apresentadas no discurso quase demente de um artilheiro do exército inglês que quer construir uma nova civilização nos esgotos de Londres.

Os fracos, e os que se tornam fracos à força de pensar demais, deságuam sempre numa religião do fazer nada, muito piedosa e elevada, e se submetem à perseguição e à vontade do Senhor. (WELLS, 2000, p. 147)

Wells continua afirmando que muitos homens até aceitariam de bom grado virar bichinhos de estimação dos marcianos, tudo para não precisarem lutar, afinal eles já são estimação de um deus, por que não ser dos marcianos? Para ele, a maioria das pessoas em sua vida moderna, indo e vindo de seus empregos diariamente, sem sequer pensar no que fazem não seriam nada mais que escravos.

Ele também fala sobre como a descoberta de que nós temos companhia alienígena poderia minimizar nossas diferenças aqui no pequeno planeta azul e criar um novo sentimento de união. Não devemos esquecer que Wells foi um batalhador incansável pela união dos seres humanos.

De todo o modo, esperando ou não outra investida, nossas opiniões sobre o futuro da humanidade devem ser amplamente modificadas por esses acontecimentos. Aprendemos que não é possível considerar este planeta como uma morada inviolável e segura para o ser humano: nunca poderemos prever o bem ou o mal invisível que pode se abater repentinamente sobre nós vindo do espaço. Pode ser que, no desígnio maior do universo, essa invasão marciana tenha mesmo sido afinal benéfica para os humanos; ela nos tirou desta serena confiança no futuro que é a fonte mais fecunda da decadência, trouxe incontáveis dons para a ciência e fez muito para promover a concepção do bem estar comum da humanidade (WELLS, 2000, p. 206).

Apesar de compartilhar as idéias socialistas do homem de Putney Hill quanto à questão da natureza e do papel do governo, suas concepções diferiam radicalmente das de Marx. Segundo Marx, o governo era um instrumento de coerção controlado e utilizado pela classe dominante para perpetuar seus privilégios, que eram inerentes ao sistema capitalista.

Já Wells considerava que, numa democracia parlamentar baseada no sufrágio universal, o Estado era uma instituição neutra que poderia ser ocupada e utilizada pela maioria para reformar o sistema econômico e social. Ora, como em uma economia capitalista a classe operária constituía a maioria, estavam seguros de que, mediante reformas pequenas e graduais, os privilégios das classes dominantes seriam abolidos e o socialismo seria instaurado por meio da evolução pacífica ao invés da revolução violenta.

Em “*Antecipações*”, publicado em 1901, ele chegou a defender a idéia de um Estado Mundial liderado por uma elite de pessoas cultas e educadas. Essa elite visionária tomaria controle das armas de guerra, pacificaria e unificaria o mundo e criaria uma nova era de prosperidade indefinida, mas nunca a uma revolução de proletários. Desta forma, qualquer um podia esposar o socialismo, e a continuar a viver em completa segurança num nicho confortável e pequeno-burguês da sociedade capitalista inglesa.

No que concerne à ficção científica Wells apresenta algumas idéias instigantes, tais como a de que o Universo está destinado a ser colonizado:

Obscura e prodigiosamente é a visão que concebi em minha mente da vida lentamente se espalhando desde esta pequena sementeira do Sistema Solar para além da vastidão inanimada do espaço sideral. (WELLS, 2000, p. 207)

É sugerida a hipótese de transferir a civilização humana para outro planeta depois que o Sol esfriar e a Terra desaparecer.

Se os marcianos podem alcançar Vênus, não há razão para supor que isso não seja possível para os homens, e quando o lento esfriamento do Sol tornar esta Terra inabitável, como finalmente ocorrerá, pode ser que a vida que começou aqui seja transferida para o planeta-irmão (WELLS, 2000, p. 206).

Numa época em que só havia trens e cavalos, as máquinas de guerra foram dotadas de “raios de calor”, bastante parecidos com nossos raios laser.

Uma espécie de feixe luminoso pareceu irromper dela. Logo em seguida, jatos de fogo verdadeiro, flamas que saltavam de um para o outro, jorravam dos grupos de homens espalhados. Era como se algum jato invisível tivesse colidido com eles e do choque tivesse nascido um fogo branco (WELLS, 2000, p. 33).

Por último, temos as “máquinas de manipular”, que anteciparam os sofisticados robôs capazes de realizar tarefas mais delicadas e precisas.

Tal como a vi, parecia uma espécie de aranha metálica com cinco pernas articuladas e ágeis, e com um número extraordinário de alavancas e barras conectadas e tentáculos prênseis em torno do corpo. A maioria de seus braços estavam retraídos, mas com três longos tentáculos ela ia pescando uma quantidade de vigas, chapas e barras que guarneciam a tampa e aparentemente reforçavam as paredes do cilindro. À medida que extraía essas coisas, ela as erguia e depositava sobre uma superfície aplainada atrás de si (WELLS, 2000, p. 145).

Desta forma, ao associar ficção científica, comédia social e novela de idéias, Wells tentava literarizar suas reflexões acerca da sociedade, tornando seus romances cada vez mais sociológicos e os transformando em fonte de propagação de suas idéias socialistas, segundo sua própria concepção de romance. “...o moderno romance... é o único meio com que podemos discutir a grande maioria dos problemas... que o desenvolvimento social atual traz consigo” (WELLS apud LEPENIES, 1996, p. 155).

Herbert George Wells não era um pensador ou cientista, era um escritor criativo, um homem que se achava um profeta e guia para um mundo melhor. Por vezes mostrava-se um pessimista acerca do futuro da humanidade. Em *A Máquina do Tempo* e *Os Primeiros homens na Lua*, desenvolve a idéia de sociedades controladas pelo intelecto sendo levadas à decadência. Já em “*Antecipações*”, um Estado Mundial liderado por uma elite de pessoas cultas e educadas, constrói o paraíso sobre a Terra.

Em *Tono Bungay*¹⁰⁵, ele defende o governo da maioria proletária ao invés de um grupo elitista intelectual. Manteve um diálogo particular com Joseph Stalin¹⁰⁶, que durou quase três horas, e foi grande admirador dos progressos sociais soviéticos. São idas e vindas no pensamento deste autor. Infelizmente, a maior parte de suas invenções que se concretizaram foram engenhos destrutivos. O tanque de guerra, a guerra química, o uso militar de aviões e bombardeios aéreos de cidades. Em 1914, ele previu uma nova arma, a bomba atômica. Ele morreu em 1946, pouco depois de ver a concretização da pior de suas antevisões.

Infelizmente ainda é um autor que necessita ser mais estudado aqui no Brasil¹⁰⁷. Com exceção de suas obras de ficção científica e o *Resumo da História*, não temos quase nada de suas obras e artigos de cunho social e socialista publicados no Brasil.

Dedicamo-nos de forma particular à exposição das idéias do romance *A Guerra dos Mundos*, de W. G. Wells, pois este dá bons elementos para uma análise comparativa com *O Doutor Benignus*.

“A Guerra dos Mundos”, foi publicado em 1898, vinte e três anos após “O Doutor Benignus”, pelo autor que seria o mais conhecido escritor de romances científicos depois de Júlio Verne. W. G. Wells nos apresenta uma invasão alienígena bastante detalhada.

Verificamos que os alienígenas de Wells chegam à Terra por meios tecnológicos e são basicamente biológicos. Além disso, têm o intento de colonizar o planeta Terra por meio da guerra, exterminando a raça humana.

Já o alienígena apresentado por Zaluar chega à Terra por meios desconhecidos e inexplicáveis e é constituído de matéria sublimada ou etérea. Seu intento é difundir uma mensagem de cunho moral, esperando que o receptor a propague.

Tanto o alienígena de Wells quanto o de Zaluar se tornaram mitos culturais, aquele anglo-americano, este brasileiro. O primeiro tem no alienígena um inimigo a ser repudiado,

¹⁰⁵ Tono Bungay: Temos neste livro elementos de ficção científica, tais como a experiência de George com sua máquina voadora e seu destróier, assim como especulações sobre a natureza radioativa do imaginário “quap”. A comédia social é centralizada no tio Edward Ponderevo, ao tentar junto com sua mulher adquirir a etiqueta da nobreza britânica. Já a “novela de idéias” aparece quando Wells comenta e mostra as mudanças sociais e as condições comerciais na Inglaterra.

¹⁰⁶ Diálogo recentemente publicado no Brasil. Ver: ALTMAN, Fabio (org.). **A Arte da Entrevista**. São Paulo: Boitempo Editora, 2004.

¹⁰⁷ Ao que parece a estreia em cinemas brasileiros do filme produzido por Steven Spielberg, *A Guerra dos Mundos*, gerou pelo menos um interesse momentâneo pela obra de Wells. Que na verdade pouco tem haver com o filme. Sendo a adaptação dirigida por Byron Haskin e produzida por Georg Pal, em 1954, a melhor já feita festa obra. Para maiores detalhes acerca das adaptações cinematográficas da obra de Wells, recomendo o artigo: **NO CINEMA**. Scientific American – Exploradores do Futuro – H. G. Wells, São Paulo: Segmento-Duetto, 2005 (02): p. 70-77.

uma ameaça a ser combatida. O segundo tem no alienígena uma entidade visitante quase divina, que é portador de uma iluminação místico-espiritualista.

Se Zaluar está conceitualmente próximo de Júlio Verne, principalmente quanto aos usos da tecnologia, esta distante de Wells em sua descrição e conceituação dos alienígenas, principalmente devido à influência de Flammarion na obra de Zaluar.

Enfatizamos também o fato de Wells desejar que suas novelas sejam lidas como romances sociais, e não apenas como científicos e de idéias, devido em grande parte à sua postura socialista. Certamente não podemos encontrar esta mesma preocupação em *O Dr. Benignus*, já que estamos falando de um livro escrito no Brasil nos anos de 1875, no qual não encontramos referências à escravidão, seja defendendo ou questionando esta forma de exploração.

Zaluar escreve seu romance como se tal instituição não existisse no Brasil de então. E não nos esqueçamos de que a história é escrita de forma a levar o leitor à hipótese de que esta é verídica e ocorreu, ou está prestes a ocorrer, durante sua leitura. Ou seja: o tempo histórico é o mesmo.

Somente entendendo estas diferenças entre Wells e Zaluar, que expusemos neste capítulo exaustivamente, poderemos compreender a formação do alienígena como um mito cultural brasileiro, e também a ficção científica brasileira como gênero literário inovador, continuador mas também crítico e inovador da tradição deixada por Augusto Emílio Zaluar.

No próximo capítulo, delimitaremos o uso do “alienígena”, como um novo mito cultural. Este é um mito presente hoje em grande parte do mundo ocidental, pelo menos. Mas apresenta uma especificidade marcante no Brasil, principalmente se comparado ao seu desenvolvimento entre ingleses e americanos. Entender a formação e a permanência deste mito cultural nos possibilitará novas formas de compreender os atos e anseios morais do povo brasileiro.

CAPÍTULO 6 - A FORMAÇÃO DE UM MITO CULTURAL: O ALIENÍGENA NA LITERATURA BRASILEIRA

Para finalizar esta dissertação, procuramos fazer uma análise da importância dos mitos de nacionalidade (o Brasil como um paraíso tropical, o Brasil como uma democracia racial, os brasileiros como um povo sensual e dócil, e o Brasil como um país com potencial para a grandeza como nação), e a partir do referencial teórico proposto por Axel Honneth e Mary Elizabeth Ginway e demonstrar que a representação do “outro” na figura literária do alienígena por Zaluar acabou por transformar esta figura literária em um mito cultural que reforçaria o reconhecimento moral (tão esperado) do outro aos mitos culturais brasileiros.

Após o estudo da origem do mito do alienígena (cap. 3) e da relação e comparação do romance *O Dr. Benignus* com a produção europeia de então (Cap. 4), poderemos no presente capítulo expor e analisar as influências que a obra de Zaluar ainda exerce sobre os escritores de ficção científica brasileiros, seremos capazes de colocar o mito cultural do alienígena (como representação do outro), na perspectiva da produção literária brasileira posterior a Zaluar, demarcando sua continuidade e superação.

6.1 A formação do mito cultura do alienígena

A brasilianista Mary Elizabeth Ginway¹⁰⁸, em seu estudo sobre a ficção científica brasileira¹⁰⁹, enfatiza a necessidade de se partir dos mitos culturais brasileiros a fim de analisar a produção brasileira de ficção científica. Para Ginway “*uma lista inicial dos mitos mais recorrentes incluiria o Brasil como um paraíso tropical, o Brasil como uma democracia racial, os brasileiros como um povo sensual e dócil, e o Brasil como um país com potencial para a grandeza como nação*” (GINWAY, 2005, p. 16).

Salientamos que todas as culturas têm seus próprios mitos. Assim como Ginway, analisa a ficção científica brasileira a partir dos mitos citados, poderíamos analisar a mesma literatura de gênero americana a partir de seus próprios mitos, tal como o do “jardim do

¹⁰⁸ Mary Elizabeth Ginway é graduada pelo *Smith College* e recebeu a *Bolsa Fullbright* para pesquisa no Brasil, em 1982-83. Doutora pela *Vanderbilt University*, atualmente é Professora Assistente de Português e Literatura Brasileira no Departamento de Línguas Românicas da *University of Florida*. Suas áreas de pesquisa incluem a literatura brasileira do século XIX e a ficção científica brasileira do século XX, tópicos sobre os quais ela publicou artigos em revistas acadêmicas como *Hispania*, *Brazil/Brasil*, *Extrapolation*, e *Modern Language Studies*, além de resenhas em *Science Fiction Studies*, *Hispania*, e *South Atlantic Review*.

¹⁰⁹ Referimo-nos ao livro: **Ficção Científica Brasileira: Mitos Culturais e Nacionalidade no País do Futuro**. Trad. De Roberto de Sousa Causo. São Paulo: Devir, 2005.

mundo”, ou seja, o mito popular de que as terras virgens do oeste americano se converteriam finalmente em um cenário quase edênico.

Ou o mito do Adão americano, construído entre os anos de 1820 e 1860, particularmente na costa leste, segundo o qual o homem americano ideal é um indivíduo desatado da história, despojado de ancestralidade, estreme das manchas nefastas que lhe poderiam legar família e raça, uma nova encarnação do primeiro homem (HOLANDA, 2000, p. XI e XII).

A ficção científica americana ainda traz em seus discursos muitos elementos destes mitos ancestrais, principalmente a versão mais popular, as *space operas*, romances de colonização e aventuras espaciais, seja em livros (trilogia da *Fundação*, de Isaac Asimov e *Essas Estrelas são Nossas* de Poul Anderson), histórias em quadrinhos (*Buck Rogers*, criado em 1928 por Philip Nowlan, ou *Flash Gordon*, de 1934, criação de Alex Raymond), ou no cinema (*Jornada nas Estrelas* de Gene Roddenberry, ou *Star Wars* de George Lucas). Mas foge do escopo deste trabalho uma análise da ficção científica americana e seus mitos.

Aos mitos culturais brasileiros, prossegue a autora, se soma o mito da democracia racial brasileira e da formação do Brasil como uma cultura luso-tropical, defendida por Gilberto Freyre, no seu estudo *Casa-Grande e Senzala*, já que para ele:

Formou-se na América tropical uma sociedade agrária na estrutura escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio – e mais tarde de negro – na composição. Sociedade que se desenvolveria defendida menos pela consciência de raça, quase nenhuma no português cosmopolita e plástico, do que pelo exclusivismo religioso desdobrado em sistema de profilaxia social e política. Menos pela ação oficial do que pelo braço e pela espada do particular. Mas tudo isso subordinado ao espírito político e de realismo econômico e jurídico que aqui, como em Portugal, foi desde o primeiro século elemento decisivo de formação nacional (FREIRE, 2004, p. 65-66).

Ginway, citando Thomas Skidmore, considera o mito da democracia racial criado por Freire de uma importância singular ao funcionar como um resgate do orgulho nacional, pois possibilitou à elite brasileira de época ter orgulho de sua civilização tropical racialmente mestiça. O mito da democracia racial brasileira não seria abandonado segundo a autora, mas apenas revisitado por Darcy Ribeiro, que subtraiu deste a sensualidade caracterizada por Freyre e define o povo brasileiro como um povo novo e emergente.

No Brasil, de índios e negros, a obra de Portugal foi também radical. Seu produto verdadeiro não foram os ouros afanosamente buscados e achados, nem as mercadorias produzidas e exportadas. Nem mesmo o que tantas riquezas permitiram erguer no Velho Mundo. Seu produto real foi um povo-nação, aqui plasmado principalmente pela mestiçagem, que se multiplica prodigiosamente como uma

morena humanidade em flor, à espera do seu destino. Claro destino, singelo, de simplesmente ser, entre os povos, e de existir para si mesmos. (RIBEIRO, 1978, p. 68).

Para Darcy Ribeiro, uma nova civilização, resultado da combinação de elementos culturais e étnicos díspares e associados ao meio ambiente tropical se originou no Brasil. Essa nova civilização estaria distante tanto da Europeia, do Oriente Médio e do Extremo Oriente quanto daquela originada nos Estados Unidos ou na Argentina.

No plano histórico-cultural, os nórdicos realizam algumas das potencialidades da civilização ocidental, como extensão sensaborona e legítima dela. Nós, ao contrário, somos a promessa de uma nova civilização remarcada por singularidades, principalmente africanidades. Já por isso, aparecemos a olhos europeus como gentes bizarras, o que, somado à nossa tropicalidade índia, chega para aqueles mesmos olhos a nos fazer exóticos. (RIBEIRO, 1978, p. 68).

Tal mito racial persiste no imaginário brasileiro, mesmo que, como salienta Ginway, seja facilmente derrubado ao ser exposto a critérios socioeconômicos. A este soma-se, por exemplo, o mito do “homem cordial”, elaborado por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil* (1936):

Baseado no mito do patriarca branco benevolente, cujas formas ritualizadas de comportamento paternalista, freqüentemente interpretadas pelos estrangeiros como hospitalidade, exuberância e espírito de amizade, traem um senso de hierarquia e de machismo que ainda perpassam a sociedade brasileira. (GINWAY, 2005, p. 20).

Sérgio Buarque de Holanda, em *Visão do Paraíso*, oferece uma apurada descrição e interpretação de outro mito presente na sociedade brasileira, o Brasil como paraíso terrestre. Na verdade, é o ponto de origem dos mitos acima citados, ou podemos dizer que aqueles são desenvolvimentos a partir deste.

No decorrer dos descobrimentos marítimos, viajantes e peregrinos, em grande parte sob influência de sacerdotes católicos, e estes alimentados pela leitura de teólogos da Idade Média, pensavam ser a América, inclusive o Brasil, o paraíso bíblico. Buarque lembra que para os teólogos da Idade Média o Éden “*não representava apenas um mundo intangível, incorpóreo, perdido no começo dos tempos, nem simplesmente alguma fantasia vagamente piedosa, e sim uma realidade ainda presente em sítio recôndito, mas por ventura acessível*” (HOLANDA, 2000, p. X).

Assim, não foi surpresa que já entre os anos de 1645 e 1650 o licenciado Antonio León Pinelo redigiu um tratado que apresentava a América do Sul como o paraíso terrestre. Citamos resumo destas idéias a partir de Sérgio Buarque de Holanda:

As escrituras dizem, com efeito, que ficava o Éden ao oriente da terra em que depois viveu Adão, e isso permitia hesitações, segundo as primeiras aparências. Pinelo não hesita, porém: é claro que o texto sagrado queria dizer que estava em regiões que, com respeito ao orbe habitável, se achassem postas de maneira tal que na sua dialética se alongassem do Oriente, em outra parte do mundo, bem longe das terras conhecidas. Isso significava, e não podia significar coisa diversa, que ficavam na América. Em seguida tem modos de superar outra dificuldade, quando identifica os quatro rios do Paraíso com o Prata, que é o Fison, o Amazonas, que é o Gion, o Madalena, assimilado ao Tigre, e o Orenoco, ao Eufrates. Também a fruta que foi causa da perdição de Adão e Eva não era com certeza a maçã, que só medra naturalmente em outras latitudes, nem era a banana, por vários sugerida, e lhe parecia esta uma opinião grosseira, ou menos ainda a figueira índica. A fruta do bem e do mal só podia ser o maracujá, *granadilha* nas índias de Castela, que pelo aroma e sabor já era capaz de acender o apetite de Eva e cuja misteriosa flor ostenta claramente as insígnias da Paixão do Senhor. (HOLANDA, 2000, p. X).

Já Pedro de Rates Hanequim, na entrada do século XVIII, defendia obstinadamente

que o Paraíso Terreal ficava e se conservava no Brasil, entre serranias do mesmo estado. Acrescenta haver ali uma árvore à feição de maçãs ou figos, e esta era a do Bem e do Mal, e assim também que o das Amazonas, o São Francisco e outros, eram os quatro rios que saíam daquele horto. Aliado à antiga opinião de que os americanos descendiam das tribos perdidas de Israel, passagens do Velho Testamento e episódios tomados, ao que parece, da lenda do Sumé, afirmava que Adão se criou no Brasil e dali se passou de pé enxuto a Jerusalém, abrindo-se para isso as águas do Mar Oceano, assim como as do mar Vermelho se abriram outrora aos israelitas, enfim que as marcas de suas pisadas ainda se podiam ver perto da Bahia. Dizia mais: que no Brasil se haveria de levantar o Quinto Império e, para maior escândalo dos inquisidores, que o Dilúvio não foi universal, já que poupou o Brasil, que não interveio Deus Padre, mas só o Filho e o Espírito Santo na criação do mundo, e que as pessoas divinas tinham corpo, posto que o espiritual, como também os anjos e a Senhora uns com mais, outros com menos perfeição e espiritualidade. (HOLANDA, 2000, p. XXV).

Sérgio Buarque de Holanda destaca também as diferentes interpretações que este mito teve para latinos e anglo-saxões. Para o autor, os primeiros colonos da América Inglesa tinham por meta construir, vencendo o rigor do deserto e da selva, uma comunidade abençoada, isenta das opressões religiosas e civis, realizando o puro ideal evangélico.

Enquanto os portugueses, por exemplo, tivessem a esperança de achar em suas conquistas um paraíso feito de riqueza mundanal e beatitude celeste, que lhes seria oferecido sem labor, sendo um dom gratuito (HOLANDA, 2000).

Para prosseguirmos nossa análise dos mitos culturais brasileiros, torna-se necessário definir mito. Para tal, recorreremos ao antropólogo Edmund Ronald Leach¹¹⁰, que em seu estudo antropológico dos Sistemas Políticos da Alta Birmânia¹¹¹, interpreta o mito como diversas histórias, nenhuma mais verdadeira que a outra, visto que cada conto tradicional tem diferentes versões, cada uma delas tendendo a corroborar as alegações de um direito adquirido diferente.

Dois etnógrafos kachins, Harson e Gilhodes, recontam de maneira bastante aproximada o mesmo mito, mas uma é o inverso da outra. Na história de Gilhodes, o irmão mais velho é afogado num ataúde que ele preparou para o irmão caçula e este se torna o chefe poderoso. Na história de Hanson, os papéis são invertidos e o irmão caçula, tendo por longo tempo defraudado o mais velho, é finalmente afogado no ataúde que preparou o irmão mais velho. (LEACH, 1996, p. 309)

Nem uma nem outra versão é mais correta, ambas são validadas por quem conta. As contradições entre versões antagônicas da mesma história adquirem então um novo significado. Em cada caso as implicações estruturais do mito são totalmente ambíguas e variam de acordo com os direitos adquiridos do indivíduo que está citando a história.

Mitos e ritual são uma linguagem de signos em função da qual se expressam as pretensões a direitos e a Status, mas é uma linguagem de argumentação, e não um coro de harmonia. Se o ritual é às vezes um mecanismo de integração, pode-se igualmente dizer que ele é freqüentemente um mecanismo de desintegração. Uma assimilação adequada desse ponto de vista requer, dizia eu, uma mudança fundamental no atual conceito antropológico de estrutura social. (LEACH, 1996, p. 319)

¹¹⁰ Edmund Ronald Leach: originário de uma família numerosa e rica, cuja fortuna provinha da indústria têxtil de Rochdale. Tem uma passagem pouco brilhante pela escola, já que se recusava a praticar críquete, jogo de grande peso no currículo. Para ele os anos de escola foram os mais infelizes de sua vida. Acabou indo para Cambridge, estudar matemática, onde se associou a estudantes mais intelectualizados e politizados que se insurgiram contra o ambiente repressivo dessa universidade. Nesta época leu Freud, Jung, Adler, Russel e Bronislaw Malinowski. Graduou-se em 1932 em engenharia. Resolveu então fazer uma viagem à China, onde conheceu o antropólogo Kilton Stewart, que o convidou a visitar os yamis, povos até então sem contato com os europeus.

Leach fez anotações sobre o que observava e as submeteu ao antropólogo Raymond Firth, que o encaminhou a Bronislaw Malinowski. A partir de então se tornou aluno deste, assistindo regularmente a seus seminários. Após uma tentativa fracassada (por motivos políticos), de estudar os Curdos sob a orientação de Firth partiu para a Birmânia a fim de estudar os Kachins. Chegou na Birmânia em agosto de 1939, onde teve uma breve passagem pelo exército. Retornou à Inglaterra após a guerra e defendeu sua tese de doutorado com os dados obtidos entre os Kachins. Entre 1951 e 1953 se dedicou a escrever uma monografia sobre os Kachins, e o resultado foi o livro: **Sistemas Políticos da Alta Birmânia**. Em 1957 passou a ser Reader, em 1966 foi eleito Provost do King's College, em cargo altamente prestigiado na hierarquia de Cambridge, e agraciado com uma cátedra em 1972. Morreu em 1989.

¹¹¹ LEACH, Edmund Ronald. **Sistemas Políticos da Alta Birmânia**. Trad. Antonio de Pádua, Geraldo Gerson de Souza e Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

Se o mito é uma história contada a fim de validar os interesses daquele que conta a história, seguindo aqui a interpretação de Leach, os mitos citados por Ginway, Sérgio Buarque, Darcy Ribeiro e Gilberto Freyre, são formas de consolidar uma visão do Brasil como um país sem problemas raciais e destinado a ser potência e a ter um lugar de destaque na história.

Como já dito um elemento importante da cultura brasileira é a necessidade de que estes mitos culturais sejam reconhecidos como legítimos por europeus e mais recentemente pelos norte-americanos. Já durante o Império de D. Pedro II, estrangeiros eram muitas vezes pagos para publicarem artigos favoráveis ao Imperador e ao Brasil na imprensa americana e européia.

O missionário metodista James Cooley Flecher, o cientista suíço Louis Agassiz e o diplomata e escritor francês Joseph Arthur de Gobineau reafirmaram, de modos diferentes, no decorrer dos anos 1860 a 1870, a necessidade de explorar-se as potencialidades naturais deste país em prol do desenvolvimento da civilização¹¹².

Tal necessidade de reconhecimento internacional, o reconhecimento pelo outro, permaneceu vivo ainda durante a república. Lembramos aqui o Barão do Rio Branco, que por meio de sua atuação no Congresso Internacional de Haia e do endosso à Doutrina Drago, pretendia garantir e salvaguardar a identidade jurídica e o reconhecimento do Brasil (SEVCENKO, 2003, p. 65).

Podemos dizer mesmo que até o presente momento o Brasil, sob os mais diversos governos, luta por ser reconhecido como uma nação civilizada, termo hoje substituído literalmente por nação desenvolvida. Para tanto, o Brasil se tornou um dos candidatos a ingressar no conselho de segurança da ONU (Organização das Nações Unidas) desde que o secretário-geral da ONU, Kofi Annan, publicou o relatório "Por Maior Liberdade", propondo mudanças concretas para as Nações Unidas¹¹³:

Para um país como o Brasil, membro fundador das Nações Unidas, cujo passado reflete um compromisso sustentado ao longo de mais de um século com a solução pacífica de controvérsias, a proteção da credibilidade do Conselho de Segurança pode ser vista como um verdadeiro objetivo nacional. (AMORIM, 1999, p. 93).

¹¹² ZENHA, Celeste. **Os marqueteiros do imperador: Mobilizando diplomatas e gastando muito dinheiro em propaganda, D. Pedro II fez de tudo para construir, na Europa, uma opinião favorável sobre o Brasil.** Revista Nossa História: Uma publicação editada pela Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Ano 1, Nº 8 . Jun. 2004. pp. 70-75.

¹¹³ GAIO, Calos Eduardo. CAVALLARO, James Louis. **Conselho de Segurança a qualquer custo?.** Folha de São Paulo - São Paulo, domingo, 29 de maio de 2005. Disponível em: <http://www.global.org.br/portuguese/arquivos/FSP-HaitiCS.html>.

Tal objetivo é almejado desde o governo Itamar Franco, mas tornou-se política intensiva de estado no governo Lula. Uma imagem marcou fortemente esta nova política, durante a abertura da 59ª Sessão da Assembléia Geral da ONU, ocorrida dia 21 de setembro de 2004: o primeiro ministro indiano Manmohan Singh, o japonês Junichiro Koizumi, o vice alemão Joschka Fischer e o presidente Luís Inácio Lula da Silva com as mãos entrelaçadas, numa demonstração de apoio mútuo para a obtenção de uma vaga de membro permanente do Conselho de Segurança¹¹⁴.

Luiz Dulci, Ministro Chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República, afirmou que “*não se trata apenas de reivindicar um lugar para o Brasil - se trata de fazer com que o Conselho de Segurança expresse a realidade contemporânea do mundo, que é diferente é claro do que era há sessenta anos atrás*”¹¹⁵, ainda que tal objetivo possa ser um tanto exagerado para uma nação que sem dúvida não teria como dispor dos eventuais recursos financeiros, humanos e logísticos, numa eventual ação de imposição de paz, mesmo que o Brasil tenha já uma longa tradição em Operações de Manutenção da Paz (LANNES, 1999, p. 99-116).

Mas, afinal, por que a existência e a manutenção de um verdadeiro mito do reconhecimento pelo outro (o estrangeiro), a fim de justificar nossa própria civilização e cultura? Pensamos que neste caso o mito representaria uma auto-afirmação moral, Axel Honneth¹¹⁶, em seu ensaio *Luta por Reconhecimento - A Gramática Moral dos Conflitos Sociais*¹¹⁷, propõe uma teoria do qual podemos visualizar as formas com que indivíduos e grupos sociais se inserem na moderna sociedade democrática. Apresentaremos suas idéias principais como fontes norteadoras de nossas próprias conclusões.

Honneth sustenta que a formação da identidade é um processo intersubjetivo de luta por mútuo reconhecimento em relação aos parceiros de interação. Dessa forma, nos conflitos sociais, o indivíduo não busca exatamente a autopreservação ou o aumento de poder, idéia

¹¹⁴VIZENTINI, Paulo Fagundes. **O Brasil no Conselho de Segurança da Onu**. Site Relações Internacionais – Artigos. Acesso e Publicação: 28/09/2004. Disponível em: <http://educaterra.terra.com.br/vizentini/artigos/2004/09/28/000.htm>.

¹¹⁵DULCI, Luiz. **O Brasil na ONU**. Revista Virtual NOVAe. Entrevista a Mayara Fagundes. 24/08/2003. Disponível em: http://www.novae.inf.br/entrevistas/luiz_dulci.htm

¹¹⁶Nascido em 1949, Axel Honneth apresentou sua tese de doutoramento à Universidade Livre de Berlim em 1983, sua publicação em livro deu-se em 1985, sob o título de *Kritik der Macht. Reflexionsstufen einer kritischen Gesellschaftstheorie* (Crítica do poder. Estágios de reflexão de uma teoria social crítica). Entre 1984 e 1990, foi assistente de Jürgen Habermas no Instituto de Filosofia da Universidade de Frankfurt, onde apresentou sua tese de livre docência, cuja versão em livro é exatamente este *Luta por reconhecimento. A gramática Moral dos conflitos Sociais*, publicado em 1992. Em maio de 2001, Honneth assumiu também a direção do Instituto de Pesquisa Social.” (NOBRE, Marcos, Apresentação da obra: p. 10)

¹¹⁷HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais**. Trad. Luiz Repa. São Paulo: Ed. 34, 2003.

presente em autores como Thomas Hobbes e Nicolau Maquiavel, mas, sim, um reconhecimento de sua individualidade.

A formação do Eu prático está ligada à pressuposição do reconhecimento recíproco entre dois sujeitos: só quando dois indivíduos se vêem confirmados em sua autonomia por seu respectivo defronte, eles podem chegar de maneira complementar a uma compreensão de si mesmos como um Eu autonomamente agente e individuado. (HONNETH , 2003, p. 119 e 120)

Existem diversas formas de reconhecimento recíproco, que devem distinguir-se umas das outras segundo o grau de autonomia possibilitado ao sujeito em cada caso. Toda a luta por reconhecimento começa a partir da experiência do desrespeito, pois esta se torna uma fonte emotiva e cognitiva de resistência social e de levantes coletivos.

Também a luta entre senhor e escravo é uma luta onde o escravo tenta fazer com que o senhor reconheça suas pretensões a uma identidade. Honneth é crítico em relação à teoria sociológica justamente por esta não levar em consideração o reconhecimento moral em suas teorias, pois

já nos começos da sociologia acadêmica, foi cortado teoricamente, em larga medida, o nexos que não raro existe entre o surgimento de movimentos sociais e a experiência moral de desrespeito: os motivos para a rebelião, o protesto e a resistência foram transformados categoricamente em ‘interesses’, que devem resultar da distribuição desigual objetiva de oportunidades materiais de vida, sem estar ligados, de alguma maneira, à rede cotidiana das atitudes emotivas. (HONNETH , 2003, p. 255)

O autor reconhece que uma luta só pode ser social a partir do momento em que ela se generaliza para além das intenções individuais, tornando-se base para um movimento coletivo. Mas não reconhece a necessidade de estes movimentos nascerem sempre em decorrência de lutas por questões ligadas a necessidades econômicas, pois estas muitas vezes nascem ligadas a questões de reconhecimento por parte do outro.

A primeira forma de reconhecimento com que nos deparamos é o amor. Esta é a forma mais elementar de reconhecimento, e por si só não pode levar à formação de conflitos sociais. Ainda que em toda a relação amorosa esteja impregnada de uma dimensão existencial de luta, na medida em que o equilíbrio entre os egos se dá pela delimitação e superação de resistências recíprocas, esta é uma luta restrita aos círculos de relações primárias, não se tornando assunto de interesse público.

Mas as formas de reconhecimento do direito e da auto-estima social já representam um quadro moral de conflitos sociais *“porque dependem de critérios socialmente generalizados, segundo o seu modo funcional inteiro; à luz de normas como as que constituem o princípio da*

imputabilidade moral ou as representações axiológicas sociais, as experiências pessoais de desrespeito podem ser interpretadas e apresentadas como algo capaz de afetar potencialmente também outros sujeitos”. (HONNETH , 2003, p. 256)

Nesse caso, estas experiências individuais de desrespeito são interpretadas como experiências de crucial importância para um grupo inteiro de indivíduos, o que pode levar a coletividade a reivindicar um maior reconhecimento de relações justas entre o agressor e o agredido (este reconhecimento deve ser válido a toda a coletividade do qual ele faz parte).

Pode-se então supor que em determinado momento da vida de um movimento, a ação privada que lesou um ou mais de seus membros vai passar por uma ponte semântica (esta semântica coletiva permite a interpretação de experiências pessoais de desapontamento em algo que passa do individual para toda a coletividade), que a tornará tão resistente a ponto de transformar experiências individuais de desrespeito em finalidades impessoais de um movimento coletivo, dando a este uma identidade coletiva.

Isso acontece porque a coletividade começa a enxergar as causas sociais que levaram à situação de desrespeito individual, gerando a resistência coletiva. Essa comunidade será então capaz de um engajamento político numa tentativa de sair de uma situação de rebaixamento tolerado para uma auto-relação nova e positiva. Essa luta política, além de proporcionar à comunidade padrões ampliados de reconhecimento, também será capaz de devolver ao indivíduo agredido o seu auto-respeito.

Se o desrespeito individual é gerador de conflitos coletivos, isso significa que todos os conflitos sociais teriam este mesmo modelo? Não. Axel Honneth reconhece que em certos casos a coletividade está preocupada em resguardar sua sobrevivência econômica e assim conservar pelo menos as condições de sua reprodução. Mas também existem sentimentos coletivos de injustiça gerados por experiências morais que os grupos sociais fazem perante a denegação do reconhecimento jurídico ou social.

Esse sentimento coletivo de injustiça nasce quando bens culturais e simbólicos específicos de um grupo, e necessários à sua reprodução, não são reconhecidos por outros grupos. Temos então uma luta pelas condições intersubjetivas da integridade pessoal. Ou seja, uma luta por reconhecimento jurídico.

Isso ocorre porque a situação econômica, ou seja, um estado insuportável de subsistência se mede diante das expectativas morais que os atingidos expõem consensualmente à organização da coletividade. Assim o protesto e a resistência prática só ocorrem quando a modificação na situação econômica é vivenciada como uma lesão

normativa desse consenso, pois há um abalo nas relações de reconhecimento tradicionalmente constituídas entre a classe dominante e a dominada.

Neste caso, pode-se dizer que enquanto a classe burguesa dominante for capaz de garantir o mínimo de reconhecimento social para os dominados, que em outras palavras se refere a um respeito ou tolerância à sua cultura, e também garantir salários capazes de manter sua subsistência e auto-reprodução, provavelmente não terá de se preocupar com insurreições à sua dominação.

De acordo com que expusemos até agora da teoria de Axel Honneth, são três as formas de reconhecimento: amor, direito e estima. Elas têm a capacidade de criar condições sociais sob as quais os sujeitos humanos podem chegar a uma atitude positiva para com eles mesmos, uma vez que

“só graças à aquisição cumulativa de autoconfiança, auto-respeito e auto-estima, como garantem sucessivamente as experiências das três formas de reconhecimento, uma pessoa é capaz de se conceber de modo irrestrito como um ser autônomo e individuado e de se identificar com seus objetivos e seus desejos”. (HONNETH , 2003, p. 266)

Portanto, está inscrita na experiência do amor a possibilidade da autoconfiança, na experiência do reconhecimento jurídico o auto-respeito e, por fim, na experiência da solidariedade a auto-estima. A auto-realização individual pode ser alcançada na medida em que temos uma auto-realização positiva a ser dada na experiência do reconhecimento acima explicitada. Afinal sem *“uma certa medida de auto-confiança, de autonomia juridicamente preservada e de segurança sobre o valor das próprias capacidades, não é imaginável um êxito na auto realização”.* (HONNETH , 2003, p. 273)

Assim, são aqueles conflitos que se originam de uma experiência de desrespeito social, de um ataque à identidade pessoal ou coletiva que são capazes de suscitar uma ação que busque restaurar relações de reconhecimento mútuo.

No caso específico da elite brasileira, seja esta cultural ou econômica, pois nem sempre cultura e poder aquisitivo andam juntos, existe um certo sentimento coletivo de o Brasil ser aceito pelo “civilizado” europeu ou norte-americano, como um igual. Afinal como afirma Rorty *“o orgulho nacional é, para os países, o que a auto-estima é para ao indivíduos”* (1999).

Assim, nasce nesta elite um forte desejo de que seus bens culturais e simbólicos específicos, e necessários à sua reprodução, sejam reconhecidos por estes grupos. Tal necessidade de reconhecimento parece ter se disseminado mesmo para as classes populares, e

são identificados no uso de símbolos culturais estrangeiros, principalmente americanos, uma forma de pertencer ao mundo do outro, e ao mesmo tempo ter sua aceitação como pessoas civilizadas.

Na ficção científica brasileira, desde Augusto Emílio Zaluar aos dias de hoje, é o símbolo do alienígena que representa muitas vezes o estrangeiro, aquele ente superior que validará nossos mitos culturais. Não é por acaso que o alienígena descrito por Zaluar é um ser quase angelical que lhe traz uma mensagem de moral. Será este alienígena que prestará o reconhecimento moral à cultura brasileira.

Para M. Elizabeth Ginway (2005), o “Ícone do Alienígena”, é “*geralmente imagens alteradas da humanidade*”, citando Gregory Benford, “*o alienígena é ainda primariamente usado como um molde no qual podemos projetar nossas esperanças e medos*”¹¹⁸.

Ginway, parece reconhecer que, no caso específico dos Estados Unidos, os alienígenas em geral substituem o monstro. Representado como uma ameaça ao modo de vida americano, não é para menos que os sistemas de governo dos alienígenas em geral não são democráticos.

Identificamos na ficção científica americana diversos tipos de governos (humanos ou alienígenas): teocracias (Duna¹¹⁹, Heinlein em *Revolta em 2100*), anarquismo (*Os Despossuídos*, de Ursula K. LeGuin), anarco-capitalismo (Heinlein em *Revolta na Lua*), tecnocracia (*Admirável Mundo Novo*), ditadura militar fascista (*Tropas Estelares* na versão cinematográfica), república militar (idem, na versão literária de Heinlein), coletivismo "comunista" (idem, quanto aos alienígenas insetos inimigos e os Borgs de Star Trek), totalitarismo stalinista (1984), coletivismo utópico (Asimov em *Fundação e a Terra - Gaia*). E mais comumente a monarquia, Star Wars, é o exemplo mais popular. Em geral alienígenas têm governos monárquicos ou coletivistas (comunistas).

Os humanos, que em geral representam o modo americano de vida, têm governos democráticos, a social-democracia (a Federação de Star Trek), capitaneada por humanos, que falam inglês, é o exemplo mais popular.

Destacamos aqui que os alienígenas apresentados na literatura de ficção científica brasileira são indivíduos solitários ou, propositamente, estão à espreita da humanidade; por isso pouco sabemos de suas formas de governo.

Ainda retomando o estudo de M. Elizabeth Ginway (2005), destacamos a seguinte observação feita pela estudiosa a respeito do mito do alienígena na cultura brasileira:

¹¹⁸ BENFORD apud GINWAY. In: **Ficção Científica Brasileira: Mitos Culturais e Nacionalidade no País do Futuro**. Trad. De Roberto de Sousa Causo. São Paulo: Devir, 2005. pp. 53.

¹¹⁹ Principalmente a 4º parte da série: HERBERT, Frank. **O Imperador-Deus de Duna**. Trad. Jorge Luiz Calife. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Está claro que os alienígenas na ficção científica brasileira retratam muitos aspectos psicológicos complexos da experiência nacional, inclusive a esperança de reconciliação de questões de raça dentro do Brasil e o medo da subjugação, seja por estrangeiros poderosos ou por forças incontroláveis da natureza (GINWAY, 2005, p. 54).

O alienígena diz ao Doutor Benignus que veio ao Brasil a fim de lhe dizer que deve continuar ensinando ciência ao povo, a fim de aumentar seu nível cultural. Também salienta que ele (o Doutor Benignus), por sua luta pela ciência, será um símbolo da transformação desta parte do continente americano em uma terra civilizada e reconhecida pelas nações civilizadas e pelo povo do Sol (ZALUAR, 1994, p. 229).

Concluimos então que, se o próprio alienígena, mais avançado que o europeu civilizado, reconhece o Brasil como a nação do futuro, nosso maior mito cultural estaria plenamente autorizado. O reconhecimento do outro, como salienta Axel Honneth, é importante para a auto-estima daquele que se encontra em situação de inferioridade.

Podemos verificar que esta necessidade de reconhecimento permanece em uma parte significativa das obras de ficção científica brasileiras, especialmente quando entra em cena o alienígena.

6.2 O alienígena na ficção brasileira após Zaluar

O romance de ficção científica *O Homem que viu o Disco-Voador*¹²⁰, de Rubens Teixeira Scavone, publicado em 1959, narra o contato do comandante Eduardo Germano de Resende com um suposto disco-voador. Eduardo teve seu primeiro contato ao verificar que os instrumentos da aeronave que pilotava estavam inexplicavelmente anormais. O piloto não descobriu a causa, mas ficou curioso com o acontecido.

Num segundo vôo, então sobre o oceano Atlântico, o comandante e os quase oitenta passageiros do quadrimotor que ele pilotava viram um estranho fenômeno luminoso em volta do avião. Mas apenas Eduardo, a comissária Leila e um professor universitário, Augusto-Michel Vaugiard, conseguiram enxergar no meio da luminosidade uma estranha nave.

Abalado pela estranha visão, Eduardo entrou em contato com Vaugiard, que se mostrou especialista no assunto, relatando-lhe famosos casos da ufologia, tais como: o contato dos habitantes de Vênus com George Adamaski, os foo-fighters, o projeto blue-book, os

¹²⁰ SCAVONE, Rubens Teixeira. *O Homem que viu o Disco-Voador*. São Paulo: Clube do Livro, 1966.

casos Kenneth Arnold e Thomaz Mantell, e mais à frente se declarou conhecedor da Instrução Número 200-2, de 12 de agosto de 1954, da Força Aérea Norte-Americana, instrução essa dispondo dos procedimentos a serem tomados em caso de identificação de OVNI's.

Vaugiard se mostrou ainda um especialista em análises fotográficas de OVNI's, sabendo localizar desde falsificações tecnicamente perfeitas até fotografias verdadeiras. No decorrer da história um humano, que tinha certa similaridade física com um homem do cartaz “*La goulue et Valentin le désossé*” (ver anexo A) de Henri Toulouse-Lautrec (1864-1901), conseguiu fazer chegar às mãos do comandante Eduardo um aparelho denominado visor-transmissor, espécie de câmera filmadora e aparelho receptor de rádio em um único aparelho, feito de um metal desconhecido pelos cientistas humanos.

Através de uma recepção recebida do aparelho, Eduardo, Vaugiard e Leila decidiram encontrar-se com as misteriosas entidades alienígenas na ilha marítima de Trindade. Para tal pediram ajuda ao rádio-telegrafista Sandro, dono de um barco.

Quando chegaram à ilha avistaram bem próximo da costa um fantástico disco-voador que deixou todos bastante aturdidos. O disco-voador pousou e dele desceu um ser alienígena humanóide. Tal ser se denomina Alik, e revelou-se na verdade proveniente de uma civilização subterrânea e não extraterrestre. Alik levou então os quatro amigos para um passeio no disco-voador, e que terminou de modo abrupto devido à chegada de misteriosos navios de guerra (subentende-se que fossem americanos), que dispararam um míssil contra o OVNI.

O disco-voador não teve dificuldade em escapar do ataque. Na verdade, Alik revelaria aos quatro humanos serem eles portadores de tecnologia tão superior que facilmente poderiam subjugar a humanidade. Entretanto seu objetivo não era a conquista da humanidade, nem mesmo o intercâmbio tecnológico, mas sim escolher um grupo de iniciados a fim de transmitir a estes mensagens de cunho moral a respeito da necessidade do desarmamento atômico e da busca da paz mundial, aliadas logicamente ao desenvolvimento espiritual.

Seguiu-se então a história em torno da dificuldade e se guardar segredo dos acontecimentos. Quando estes foram revelados por Sandro, os mesmos pacíficos alienígenas intraterrenos eliminaram um avião com outros oitenta passageiros e tripulação para matar Sandro. O professor Vaugiard caiu no ostracismo e Eduardo e Leila, que nada revelaram de sua participação na história, seguiram seu romance sem maiores problemas.

O Homem que viu o Disco-Voador é, segundo César Silva¹²¹, o mais bem sucedido livro de ficção científica brasileiro, tendo vendido 40 mil exemplares em diversas edições.

¹²¹ SILVA, César. **Um Clássico Moderno da FCB**. Fanzine Somnium. Edição do Clube de Leitores de Ficção Científica. Ano XVIII, Nº 90. Pág. 4-5.

Fabiana Câmara nos informa que Rubens Teixeira Scavone, Promotor do Ministério Público do Estado de São Paulo, publicou primeiramente o livro com o pseudônimo anagramático de *Senbur T. Enovacs*. O livro ganhou resenha favorável da crítica e membro da Academia Paulista de Letras, Maria de Lourdes Teixeira (mãe do escritor), importante para a boa recepção da obra, apesar das críticas do austríaco Otto Maria Carpeaux (CAMARA, 2005, p. 30).

Notamos aqui que o papel do alienígena Alik não difere daquele apresentado por Zaluar, ao trazer uma mensagem de cunho moral a um grupo de pessoas escolhidas. A suposta inferioridade moral e espiritual dos brasileiros é aceita sem muitos questionamentos, muito semelhante ao que acontece em uma mensagem religiosa.

Mesmo quando os moralmente superiores alienígenas atacaram um avião de passageiros, matando uma centena de pessoas a fim de eliminar um único indivíduo, não houve qualquer contestação moral de seus atos por parte dos personagens sobreviventes. Eduardo e Leila deixaram o professor ser ridicularizado por querer divulgar o acontecido, mesmo tendo provas materiais para confirmar seus relatos.

O medo dos alienígenas era superior, tanto à amizade quanto ao nacionalismo. O complexo de inferioridade dos personagens principais era acentuado, frente ao que vinham de fora, ao superior. Devemos esperar apenas o reconhecimento e a submissão; o enfrentamento estava descartado.

Os personagens humanos preferiam seguir suas vidas, pensando em si mesmos como escolhidos para participarem de um evento sensacional. Veio o alienígena como ele desejava ser visto, um ser bom, cujas atitudes arbitrarias estes humanos não podiam compreender, apenas se resignar a aceitar. Esta atitude passiva é a mesma do Dr. Benignus ao encontrar o alienígena proveniente do Sol.

Outro autor bastante popular de ficção científica, além de crítico literário, é Roberto de Sousa Causo, que publicou contos e novelas dando enfoque ao contato com alienígenas, muitas vezes com ar de contato ufológico e espiritualista. Em geral os alienígenas apresentados por Causo são seres que trazem de alguma forma, direta ou indiretamente, uma mensagem ecológica ou ética.

*Patrulha para o Desconhecido*¹²², seu primeiro conto, é um relato da vida de Simões, um jovem soldado da Força Expedicionária Brasileira na Itália. Durante a guerra, uma

¹²² CAUSO, Roberto de Sousa. **Patrulha para o Desconhecido**. Isaac Asimov Magazine n° 14 (1991) : 72-100.

patrulha da qual Simões fazia parte foi enviada para fazer reconhecimento em uma pequena vila nos Alpes italianos.

Mas em meio a um conflito armado com os alemães que ocupavam a referida vila, uma misteriosa caixa mágica provocou uma epifania mística nos soldados. No decorrer da experiência, a consciência dos soldados e dos habitantes da aldeia interagiram. Descobrimos, então, que os últimos eram alienígenas vivendo na Terra.

Enquanto os soldados alemães perdiam a memória do evento, os soldados brasileiros eram poupados, graças à sua cordialidade e respeito por todas as raças. Ainda o personagem principal era um soldado negro. Temos, então, a valorização do mito do “homem cordial” e do mito da “democracia racial”.

Já *Capacetes azuis, verdes e amarelos*¹²³, do mesmo autor, foi ambientado na Líbia. Os soldados brasileiros faziam parte dos boinas azuis da ONU, o conto começa com um combate entre soldados líbios e as forças da ONU. Os primeiros inclusive usando helicópteros Mil Mi-28 Havoc, de origem russa.

Somos então apresentados a Santos e Ruschi, que tinham formas diferentes de encarar a vida militar. Santos era um sargento, veterano e autoritário; Ruschi, um soldado novato e idealista. O primeiro se ufanava com a guerra, o segundo queria desesperadamente a paz, incapaz de ver a si mesmo como o soldado em que se tornara Santos.

Em um certo momento da ação militar, um misterioso globo, tão grande quanto um blindado, uma enorme e opaca televisão apareceu no ar, nas imediações de uma lagoa. Descrita a partir de então como “cabaça”, pelo autor, ficamos sabendo que se tratava de um alienígena (ou uma nave alienígena). Este então levou Ruschi e uma líbia a uma espécie de êxtase místico e ético.

No romance *Terra Verde*¹²⁴, os alienígenas conhecidos como *Criadores*, enviam outro alienígena, o *Explorador*, para uma missão de reconhecimento na Amazônia brasileira, enquanto os *Analisadores*, ficariam a cargo de acompanhar o desempenho do *Explorador*. Entretanto o *Explorador* acaba por ser enviado para o corpo de um índio com deficiência mental, o que lhe traz dificuldades na forma com que se relaciona com o meio ambiente.

No decorrer da história, o *Explorador* toma contato com Cláudia, uma menina que vive de prostituição e acaba por se envolver num conflito armado com traficantes e garimpeiros. Uma característica marcante de alguns escritos de ficção científica de Causo é

¹²³ CAUSO, Roberto de Sousa. **Capacetes azuis, verdes e amarelos**. In: Tríplice Universo. Roberto Schima, Cid Fernandez e Roberto de Sousa Causo. São Paulo: Edições GRD, 1993.

¹²⁴ CAUSO, Roberto de Sousa. **Terra Verde**. São Paulo: Grupo Editorial Cone Sul, 1999.

justamente sua capacidade de envolver num mesmo trama elementos típicos de ficção científica (como alienígenas e naves espaciais), em um ambiente bem brasileiro (com um trabalho minucioso de descrição), enfocando também questões sociais importantes (prostituição infantil, discriminação), além de muita ação física, uma vez que o autor tem bastante domínio do relato de aventura militar.

De acordo com Elizabeth Ginway, esta novela apresenta nas relações sociais dos alienígenas “*um arranjo reminiscente dos estágios de crescimento espiritual descritos no espiritismo*” (p. 193).

Roberto de Sousa Causo preocupa-se em escrever uma ficção científica, que apesar de seu evidente fascínio por tecnologia militar, fica comprometida com demandas éticas e ecológicas. Entretanto parece não conseguir se desvencilhar de uma certa necessidade, quase religiosa, de buscar no alienígena (que muitas vezes nos é apresentado quase como um ser espiritual), um guia que valida ou não as ações humanas.

De certa forma, os alienígenas são os cidadãos do chamado primeiro mundo. Este representam o *way of life* americano. São filósofos cósmicos, guias altamente evoluídos que vêm nos humanos (brasileiros), um ser ainda não inteiramente civilizado. Mas também identificam certos valores culturais nos brasileiros, dando a estes seu aval.

Verificamos no decorrer desta pesquisa que o alienígena nem sempre aparece como o guia para os humanos ou como recurso de validação dos mitos culturais brasileiros. O autor Causo, já citado por seus diversos contos em que o alienígena aparece como um guia espiritual, é autor do conto *A mulher mais bela do mundo*¹²⁵.

Neste conto os alienígenas, como afirma Ginway (2005), são na verdade representação dos próprios brasileiros. Os referidos alienígenas vêm a Terra atrás de solução para seus problemas com a pobreza. De certa forma, é o que faz uma parte considerável dos políticos e intelectuais brasileiros que buscam soluções importadas para tentarem resolver as graves desigualdades sociais do Brasil.

Já o medo da invasão alienígena, e uma certa reação à americanização crescente da cultura brasileira, são apresentados na coletânea de Bráulio Tavares, *A Espinha Dorsal da Memória*¹²⁶, em 5 contos interligados, que apresentam ao leitor os misteriosos e poderosos alienígenas conhecidos como os “intrusos”. Estes construíram uma série de portais para

¹²⁵CAUSO, Roberto de Sousa. **A mulher mais bela do mundo** In: Fronteiras. António de Macedo (org.). Cascais: Simetria, 1998. p. 57-66.

¹²⁶TAVARES, Bráulio. **A espinha dorsal da memória**. Lisboa / Portugal: Editorial Caminho, 1989.

facilitar a viagem espacial, mas seu uso pelos humanos acabou por levar a uma guerra. Aqui o alienígena é um colonizador cultural.

O ícone cultural do alienígena volta entretanto ao papel de ser espiritual e figura salvadora na obra de Jorge Luiz Calife. Ele ganhou notoriedade ao ser citado por Arthur C. Clarke no romance *2010: Uma odisséia no espaço 2*, como aquele que lhe deu a idéia para continuar o clássico *2001: Uma Odisséia no Espaço*.

Isso motivou a editora Nova Fronteira a publicar seus romances. Em *Padrões de Contato*¹²⁷ a alienígena Tríade age como uma força cósmica divina; Ângela Duncan é uma brasileira supostamente contatada pela entidade, e recebe desta a imortalidade.

No final da história, usando de arquétipos religiosos, a entidade alienígena revela que Ângela é na verdade filha da própria entidade, que de alguma forma fez penetrar uma célula no útero de sua mãe, criando assim um ser híbrido. O mito cristão é evidente aqui!

A tríade (outra referência ao deus uno e trino do cristianismo), diz ter criado Ângela para ser a salvadora dos povos que habitam o halo da Via Láctea, já que um buraco negro surgira neste local, possivelmente levando à morte os povos localizados em suas imediações.

Apesar de ser um escritor que em grande parte de sua obra busca ser cientificamente plausível, Calife mantém a tradição brasileira de apresentar o alienígena como uma entidade espiritual (aqui este é praticamente o deus cristão), que busca difundir uma mensagem de salvação através da escolha de um ser humano moralmente apto para tal.

A similaridade entre o papel do alienígena apresentado por Calife, em alguns dos contos de Roberto Causo, Rubens Teixeira Scavone e no romance de Augusto Emílio Zaluar, deixam claro o papel do Ícone do alienígena na cultura brasileira como guias espirituais.

De acordo com Elizabeth Ginway, “*essas histórias aludem ao que Tomlinson descreve como a existência de uma ‘resistência dialética localizante’ às forças do capitalismo global. Neste sentido, essas histórias demonstram um outro lado da cultura global, pelo qual elementos estrangeiros são apropriados e usados para contrapor as forças de hegemonia americana.*” (p. 194).

A experiência mística e religiosa com que muitas vezes é apresentado o alienígena na cultura brasileira está presente em histórias em que estes aparecem como seres enigmáticos. Ginway (2005) considera que neste tipo de história os “*alienígenas podem ser vistos como representando o mistério de mudanças abruptas do destino, ou apenas mais um componente*

¹²⁷ CALIFE, Jorge Luiz. **Padrões de Contato**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

da cultura de desastre e misticismo do Nordeste do Brasil, resultando em um tipo de hibridismo cultural, ou mistura de culturas hegemônicas e periféricas”.

No conto, *O PAR*¹²⁸, Roberto de Sousa Causo faz uma incursão ao tema dos alienígenas enigmáticos. Em um futuro não muito distante, extraterrestres chegam ao planeta Terra, escolhendo a Amazônia como local de ocupação. A Força Aérea Brasileira (FAB) reage à possível invasão, mas acaba por se mostrar tecnologicamente incapaz de sustentar um confronto com naves gigantescas em formato de duas pirâmides unidas na base, ou diamantes.

Aproveitando-se da situação, os Estados Unidos, sob pretexto de ajudar, invadem o território brasileiro. Inicia-se assim um conflito de duas frentes para as forças armadas brasileiras, sendo que ambos os inimigos possuem tecnologia superior. Causo narra a história de Oscar Feitosa, soldado do exército brasileiro que se envolve em uma missão de reconhecimento em uma cidade possivelmente atacada por alienígenas. Esta missão tem um fim trágico para os soldados envolvidos.

Feitosa passa então a andar pelo território amazônico em busca de sua própria sobrevivência. Encontra um rico grileiro que se aproveita do colapso do estado nessa região para tentar implantar um pequeno feudo. Em suas andanças, Feitosa vai se ver com caçadores, invasores americanos, e descobrir o estranho segredo dos *pares* humanos que de repente passam a caminhar pela floresta.

Esses *pares* poderiam mesmo ser o resultado de alguma experiência alienígena? Esses alienígenas espreitam os humanos em suas naves gigantescas, mas seus objetivos são obscuros. Nunca sabemos na verdade o que querem os alienígenas ou qual o mistério dos pares humanos criados por eles. Há aqui uma incapacidade cultural de compreender o propósito dos outros.

Na mesma linha, identificamos o conto “A Nuvem”¹²⁹, de Ricardo Jorge Teixeira Martins. A história parte da vida cotidiano da pequena cidade nordestina de Vale Verde, que apesar do nome, sofre com uma seca, até que uma estranha nuvem escura aparece. Os moradores esperam pelo “dilúvio” prometido, mas ele não vem. Notam, entretanto, que no morro do Baião, que sempre fora muito seco, onde também se localiza uma igreja em ruínas, começa a crescer uma densa vegetação. No dia seguinte, a cidade amanhece coberta com a mesma vegetação.

¹²⁸ In: **Vinte voltas ao redor do Sol: Uma antologia comemorativa**. Alfredo Franz Keppler Neto (org.). São Paulo: Clube de Leitores de Ficção Científica, 2005. p. 36-118.

¹²⁹ MARTINS, Ricardo Jorge Teixeira. **A Nuvem**. IN: *Dinossauria Tropicalia*. Roberto de Sousa Causo (org.). Edições GRD: São Paulo, 1994. (Ficção Científica GRD, NOVA SÉRIE, VOL. 18). p. 42-55.

No decorrer da história cada fenômeno que ocorre na pequena colina se repetirá no dia seguinte na cidade. A reação dos moradores é primeiramente buscar explicações dos fenômenos com o padre Rubião (representante da religião), ou o Dr. Veiga (representante da ciência).

O Dr. Veiga dá uma explicação científica ao ocorrido, identificando as mudanças de fauna e flora ocorridas diariamente na cidade como uma recapitulação da evolução da vida na Terra. Mas é o padre Rubião quem faz contato com a entidade alienígena, que lhe revela a destruição iminente da cidade. Com a resignação habitual de quem está acostumado a sofrer calado as idas e vindas de constante períodos de seca, os habitantes de Vale Verde simplesmente abandonam a cidade, sem que os motivos dos seres alienígenas sequer sejam indagados ou desafiados.

Ginway reconhece nesta temática específica de contos, em que alienígenas enigmáticos aparecem na região norte ou nordeste, uma forma de incorporação da cultura moderna (o alienígena) pela cultura popular, ocorrendo assim um processo de troca cultural onde uma forma cultural não rejeita a outra.

Identificamos também uma terceira forma de ver a presença alienígena na ficção científica brasileira. Aqui os protagonistas, tecnologicamente e moralmente desenvolvidos, são os humanos (brasileiros). Vejamos dois exemplos:

De Roberto Schima, o conto “*Os Fantasma de Vênus*¹³⁰”, é uma narrativa que se enquadra no subgênero da ficção científica hard¹³¹, já que o romance apresenta as complicações da colonização espacial como problemas a serem solucionados pela ciência.

Na história é instalada uma cidade espacial, Afrodite, na órbita de Vênus com cerca de 4.000 habitantes, com a missão de “terraformizar” o planeta. Para tal, dirigíveis lançados a partir de Afrodite fariam a semeadura de fitoplâncton na superfície do planeta, esperando que num processo de trezentos anos estes tornassem à atmosfera de Vênus com nível de oxigênio suficiente para permitir sua colonização.

Estranhos acidentes começam a inutilizar os dirigíveis. Para investigar o fato, são enviados o engenheiro de computação Miguel, o engenheiro mecânico Tomás e a bióloga Beatriz.

¹³⁰ SCHIMA, Roberto. **Os Fantasma de Vênus**. In: Tríplice Universo. Roberto Schima, Cid Fernandez e Roberto de Sousa Causo. São Paulo: Edições GRD, 1993.

¹³¹ Na prática literária, alguns autores privilegiam as invenções tecno-científicas, outros priorizam os humanos e a sociedade. Assim se adotou a classificação da literatura de ficção científica entre hard e soft. A primeira utilizaria temas pertencentes ao campo das ciências teórico-experimentais, como a Física, a Biologia, a Química, a Astronáutica e a Cibernética. A ficção científica Soft trabalharia com conceitos das ciências sociais e humanas: Psicologia, História, Sociologia, Comunicação, Filosofia, entre outras.

No decorrer da narrativa, o suporte de oxigênio falha, o que leva os três cientistas a se utilizarem das algas para conseguir oxigênio. É um série de pequenos acidentes em seu dirigível acaba por levar à morte de Beatriz. Por fim, Tomás descobre que

o planeta seja habitado, não em sua superfície, como acreditavam antigamente; um mundo dotado de florestas úmidas e luxuriantes, libélulas gigantes e dinossauros famintos. Não. Os venusianos vivem na estratosfera. Flutuam por entre a neblina do planeta. Ou será a própria atmosfera uma criatura viva? É... Quem sabe se aquelas nuvens escuras, os relâmpagos e o clarão do lado noturno não farão parte de um único ser! Atuariam como neurônios de um cérebro inconcebível, de volume planetário, em permanente agitação... Aquelas manchas, sim, talvez elas sejam uma forma de vida que se camufla no meio ambiente. Quando despejei oxigênio numa delas, parte se dissolveu e outra fugiu; era um ser gasoso – parecia gás – e o oxigênio é mortal para todos eles... todas elas. Por isso destruíram os sistemas de sementeira; lutavam pela sobrevivência (SCHIMA, 1993, p. 61-62).

Descobrimos então que não se trata de fantasmas, como pensava Beatriz, mas sim de alienígenas venusianos. Schima busca criar alienígenas perfeitamente plausíveis para o meio ambiente venusiano.

A crítica de Schima se refere à colonização propriamente dita de Vênus. Ginway (2005) não deixa de observar que na ficção científica norte-americana “terraformizar”¹³² um planeta não tem conotações imperialistas. Em geral, prossegue a estudiosa, estes escritores não vêem nada de errado em impor a paisagem terrestre a planetas alienígenas.

Já na noveleta “Quando os humanos foram embora”¹³³, de Gerson Lodi-Ribeiro, num futuro distante, os seres humanos alcançam tecnologias surpreendentes de viagem espacial, regeneração biológica e teletransporte, se aventurando-se pelo nosso braço da Via Láctea. Entretanto, o universo se mostra um tanto hostil para os seres humanos. Apenas três mundos parecidos com a Terra são descobertos, sem habitantes, sendo assim passíveis de colonização, enquanto quatro outras raças alienígenas são contatadas. Três delas de humanóides semelhantes aos terrestres. Mas Lodi-Ribeiro não entra em maiores detalhes sobre essas raças. Seu objetivo é nos apresentar o primeiro contato entre os humanos e a raça dos Ilianos.

Lodi-Ribeiro faz uma descrição minuciosa dessa raça: são ilianos heterótrofos, pseudo-vertebrados, moluscóides dotados de exoesqueleto e simetria penta-axial, possuindo tentáculos como órgãos manipuladores. São também dotados de sonares orgânicos, respirando

¹³² Terraformizar é o processo pelo qual podemos alterar um planeta, adaptando-o às necessidades humanas, processo comumente denominado *terraformização*. Ver: LODI-RIBEIRO, Gerson. **Terraformização**. <http://www.geocities.com/SoHo/Cafe/6258/terrafor.html>. Acesso em 10/08/2005.

¹³³ LODI-RIBEIRO, Gerson. **Quando os humanos foram embora**. São Bernardo dos Campos: Edição Hiperespaço, 1999. (Coleção Fantástica Nº1)

gás sulfídrico e liberando ácido sulfuroso. Seu ciclo vital é composto de três estágios: larva, adulto e ancião.

É uma interessante descrição de uma biologia extraterrestre. No decorrer da história essas informações são passadas e esclarecidas de forma extremamente competente, sendo possível, ao concluir sua leitura, formar uma imagem bem precisa desses seres extraterrestres. Outro aspecto interessante do livro são as interações realizadas entre essa espécie, dotada de características tão distintas das humanas, com os próprios humanos e também com inteligências artificiais.

A tríade de diferentes espécies é bem trabalhada pelo autor, que explora com muita competência os problemas de comunicação e objetivos gerados pelas diferentes percepções de mundo de cada espécie.

Lodi-Ribeiro descreve cada mundo apresentado aos leitores: Ílion (habitado pelos ilianos, coberto por um manto de gelo semelhante à Europa), Tinuvel (habitado por humanos), e o sistema de Oricterope. Dados sobre atmosfera, clima, distância em UA (unidade astronômica), excentricidade orbital e outros são apresentados ao leitor, sempre com a competência de quem sabe do que está falando.

Os ilianos são tecnologicamente inferiores aos humanos, mas são tratados com muito respeito no decorrer do contato; não há por parte dos humanos intenções imperialista, existem sim trocas culturais, mas estas não são forçadas pela raça tecnologicamente mais avançada. Os humanos não deixam de oferecer aos ilianos todo o seu conhecimento sem maiores problemas.

Ao final da história, são os ilianos supostamente menos desenvolvidos que oferecem uma solução teórica (a hiperfísica de campo residual) para a construção de espaçonaves com velocidade superior à da luz.

Em suma, o alienígena aparece na ficção científica brasileira primeiramente como um guia espiritual, sua intenção é trazer uma mensagem de cunho moral e atestar os mitos culturais brasileiros. Garante, assim, ao protagonista brasileiro o direito moral de ser o protagonista, direito esse que não é conquistado por uma reflexão interna ao personagem, ou dado pela valorização de seus iguais. Tal direito é concedido por uma entidade superior.

Num segundo momento, o alienígena é um desconhecido, um enigma, na verdade um reflexo da moderna globalização que se estende por todos os cantos do planeta Terra. A única reação possível, para estes autores, parece ser uma resignada aceitação: uma fusão entre culturas, onde o elemento estrangeiro (o alienígena) é a parte ativa, e o povo brasileiro, a passiva.

No terceiro momento desta análise, verificamos a construção de histórias onde nós brasileiros somos os agentes ativos e tecnologicamente superiores. Mas tanto no conto “*Os Fantasmas de Vênus*”, quanto na noveleta “*Quando os humanos foram embora*” esta presente o mito do brasileiro como um povo pacífico. Para os autores se estivéssemos na situação de exploradores intergalácticos, não repetiríamos os mesmos erros cometidos pelos colonizadores europeus na América, África e Ásia.

Shima se preocupa sobretudo em criticar formas imperialistas de conquista que possam alterar o meio ambiente natural e levar civilizações inteiras ao desaparecimento. Gerson Lodi-Ribeiro prefere apostar no mito de que uma civilização altamente desenvolvida não cometeria crimes contra raças menos desenvolvidas, estudando-as numa perspectiva antropológica.

Após esta análise de uma pequena mas representativa parte da literatura de ficção científica brasileira no século XX, podemos concluir que o mito do alienígena permanece como um de seus temas centrais. Tendo em vista ter sido Zaluar, o primeiro escritor brasileiro a se utilizar desta figura mitológica em um romance nacional, buscamos demonstrar, através da apresentação das obras citadas, a permanência das representações antropológicas constituídas por Zaluar na ficção brasileira atual.

O alienígena na obra de Zaluar, como já salientamos, representa o “outro” que segundo nossa interpretação, baseada na teoria de Axel Honneth, vem validar os mitos culturais brasileiros. Ou seja, o alienígena é um mito cultural que validaria os demais mitos culturais, sendo assim um “mito de referência” (Lévi-Strauss, 2004).

Podemos concluir que para nós brasileiros ele representa ora um guia espiritual, um enigma indecifrável, ora uma metáfora da forma com que gostaríamos de ser tratados pelos países do primeiro mundo. Ou mesmo, quem sabe, uma metáfora da forma com que achamos que tratamos os povos nativos do Brasil.

Parece, então, que o papel representado pelo alienígena na obra de Zaluar ainda se encontra presente na moderna literatura brasileira, constituindo assim um ícone cultural a absorver os anseios de nossa cultura que vê o Brasil como um paraíso a ser identificado e valorizado pelo estrangeiro (o “outro”).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa intenção, ao reconstruir a história da repercussão do pensamento europeu no Brasil no século XIX, especialmente aquele que trata da ciência das diferenças entre os homens, isto é, do “outro”, do alienígena, tendo por norte o conceito do “outro” na obra *O Dr. Benignus* de Augusto Emílio Zaluar, foi a de permitir a identificação de possíveis usos de conceitos antropológicos por escritores e/ou intelectuais brasileiros.

Buscamos sistematicamente estabelecer as diversas formas com que Zaluar apresentava o conceito antropológico do “outro”: a experiência do personagem William River “antropólogo” que não consegue sair do mundo do “outro”, a defesa de uma teoria monogenista autoctonista que assimila o nativo americano ao mito do Brasil como país onde a humanidade teve sua origem, tornando este outro parte da cultura dominante e a representação do “outro” civilizado no personagem do alienígena.

Tentamos também reconstruir o papel exercido por Zaluar como divulgador da então nascente ciência das diferenças entre os homens, salvo engano o primeiro no Brasil, já que seu romance científico está permeado de referências a esta ciência, sendo seu norte principal o conceito do “outro”.

Através da análise do personagem William River, tentamos demonstrar que Zaluar foi capaz de fazer uma pré-figuração das dificuldades que o antropólogo encontraria para sair do mundo do outro (abandonar o seu povo). Para tanto, buscamos referências em Alba Zaluar, Nigel Barley, Clifford Geertz e James Clifford, principalmente.

Ao adentrarmos as discussões acerca da origem do homem, que no século XIX teve duas correntes importantes, monogenismo e poligenismo, pretendíamos compreender a forma inovadora com que Zaluar se colocava no debate, através do seu monogenismo autoctonista, teoria esta intimamente ligada ao conceito do outro utilizado por Zaluar: o nativo americano deixava de ser o outro para se tornar matriz, ainda que longínqua, da cultura brasileira, portanto passível de ser assimilado por esta.

Em particular, analisamos o alienígena como personagem representativo do outro, traçando sua gênese desde a Grécia Antiga ao século XIX, momento de confecção do *Dr. Benignus*. Buscamos também apresentar e interpretar o personagem do alienígena na obra de Zaluar, tendo por norte o conceito do “outro”. O alienígena em Zaluar poderia ser, assim, interpretado como um ser evoluído que representaria os anseios da sociedade brasileira em ter seus mitos reconhecidos pelo estrangeiro (tido como mais civilizado).

Uma comparação entre a obra de Zaluar e a de romancistas com temáticas semelhantes na Europa no mesmo período foi necessária, a fim de estipularmos as diferentes formas com que o alienígena foi usado como representação do “outro” por culturas distintas. Assim, o “outro” revelado na obra de Zaluar é uma entidade representativa de uma necessidade moral de reconhecimento, e aquele presente na obra de H. G. Wells é o temido invasor (que acabaria com o modo de vida inglês).

Por fim, buscamos explicar o alienígena, esta forma de representar o “outro”, como um mito cultural, para tal recorremos aos conceitos elaborados por M. Elizabeth Ginway (2005), Axel Honneth (2003), Edmund Ronald Leach (1996) e Sérgio Buarque de Holanda (2000). Acreditamos assim ter conseguido interpretar a função e a representação do mito do alienígena na sociedade brasileira (particularmente na literatura).

Após uma breve investigação de algumas obras de ficção brasileira que têm o personagem do alienígena em suas narrativas, pudemos levantar indícios de uma continuidade deste como uma representação do “outro”. Este “outro” aparece ora como um ser espiritual, entidade visitante quase divina portadora de uma iluminação místico-espiritualista ou de ensinamentos éticos e mais modernamente ecológicos, e ora como incompreensível ao observador que tenta compreendê-lo a partir da cultura brasileira.

Para este grupo de escritores em questão, o alienígena é o “outro”, o estranho, o distante que não faz parte do espaço e das relações vigentes na sociedade brasileira. O conceito antropológico do “outro” parece assim não apenas ser importante para contextualizar a obra de Zaluar em sua importância para a história da ciência das diferenças entre os homens no Brasil, como também oferece ainda hoje elementos que possibilitam compreender a representação literária do “outro” na ficção brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRANTES, Paulo. **Imagens de natureza, imagens de ciência**. Brasília: Papirus, [S.D.]
- ABRÃO, Bernadette Siqueira. **História da Filosofia**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.
- ABREU, Capistrano. **O caráter Nacional e as origens do povo brasileiro (I e II)**. In: Ensaios e estudos. 4ª série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p. 3-25.
- AGASSIZ, Luiz e Elizabeth Cary. **Viagem ao Brasil (1865-1866)**. Trad. João Etienne Filho. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia / São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: 1975.
- ALONSO, Angela. **Crítica e contestação: o movimento reformista da geração 1870**. RBCS. V. 15, nº 44, p.36-54, out. 2000.
- ALTMAN, Fabio (org.). **A Arte da Entrevista**. São Paulo: Boitempo Editora, 2004.
- AMARAL, Manuel. **Portugal – Dicionário Histórico**. Disponível em: <http://www.arqnet.pt/dicionário/zaluar.html>, acesso em 22/06/2004.
- AMORIM, Celso Luís Nunes. **Entre o desequilíbrio unipolar e a multipolaridade: o Conselho de Segurança da ONU no período pós-guerra Fria**. In: O Brasil e as Novas Dimensões da Segurança Internacional. Gilberto Dupas e Tullo Vigevani (org.). Editora Alfa-Omega: São Paulo, 1999.
- ASIMOV, ISAAC. **O Início e o Fim**. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.
- _____. **No mundo da ficção científica**. Trad. Thomas Newlands Neto. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.
- _____. **Lo mejor de la ciencia ficción del siglo XIX**. Trad. Domingo Santos e Francisco Blanco. Barcelona/Espanha: Ediciones Martinez Roca S. A., 1983
- _____. **Histórias de Robôs (Vol. 1)**. Trad. Milton Persson. Porto Alegre: L&PM, 2005.
- AZEVEDO, Fernando de. **As ciências no Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 1955.
- AZEVEDO, Joaquim Inácio Alvares de. **Poesias**. Rio de Janeiro Typ. Universal de Laemmert 1872. Apreciações críticas de: Augusto Emilio Zaluar. José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha. José Maria Velho da Silva.
- AZEVEDO, Moreira. **Ordem do dia**. RIHGB, (39). 1876. p. 450-451.
- BARCELOS, Eduardo Dorneles. **Telegramas para Marte: A busca científica de vida e inteligência extraterrestre**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. **Vida Extraterrestre**. São Paulo: Editora Abril, 2003. (Coleção Para Saber Mais).

- BARROS, Roque S. M. de. **A ilustração brasileira e a idéia de universidade**. São Paulo: Edusp, Convívio, 1986.
- BARLEY, Nigel. **El antropólogo inocente**. Trad. de M.^a José Rodellar. Espanha/Barcelona: Editora Anagrama, 2005 (20^o edição).
- BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. Trad. Marco Estevão Renato Aguiar. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BERGIER, Jacques. PAUWELS, Louis. **O Despertar dos Mágicos: Introdução ao Realismo Fantástico**. Trad. Gina de Freitas. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**. Trad. Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BRANCO, Marcello Simão. **Tendências e Desafios da Ficção Científica Brasileira**. MEGALON. Publicação da Sociedade Brasileira de Arte Fantástica. Ano XVI, n^o 70, Dez., 2003. pp. 11-14.
- BRIN, David. **Nós, os hobbits: uma reavaliação imprudente e herética de J. R. R. Tolkien**. Trad. Alexis B. Lemos. Brief News On Line. Ano 3 – N^o 16, Jul./Ago./Set. 2003. Disponível em: <http://geocities.yahoo.com.br/worgtal>.
- BRUNO, Giordano. **Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos**. Trad. Helda Barraco e Nestor Deola. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- BURNET, J. **Filosofia Grega**. In: Os Pré-Socráticos: Fragmentos, Doxografia e Comentários. Trad. Arnildo Devegili. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000. Pág. 253-258. (Coleção Os Pensadores)
- BUTOR, Michel. **Quero ser grande**. Folha de São Paulo, 23 de outubro de 2005, p. 10. Caderno MAIS! (Entrevista a Fernando Eichenberg).
- CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. **A Presença do Autor e a pós-modernidade em antropologia**. Novos Estudos / CEBRAP: n^o 21 – julho de 1998. pp. 133-157.
- CALIFE, Jorge Luiz. **Padrões de Contato**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CAPOZZOLI, Ulisses. **No Reino dos Astrônomos Cegos: Uma história da radioastronomia**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.
- CARDOSO, Fernando Henrique. FALETTTO, Enzo. **Dependência e Desenvolvimento na América Latina: Ensaio de Interpretação Sociológica**. 7^o ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1970.
- CARNEIRO, André. **Introdução ao estudo da “science fiction”**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, Imprensa Oficial do Estado, 1968.
- CARVALHO, José Murilo de. **Benigna Ciência**. In: ZALUAR, Augusto Emílio. O Doutor Benignus. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. pp. 7-11.

CASTRO, Faria L. de. **Antropologia: escritos exumados 2: dimensões do conhecimento antropológico**. Niterói: EdUFF, 1999.

CAUSO, Roberto de Sousa. **Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil: 1875 a 1950**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. **VIAGEM EXTRAORDINÁRIA – Ficção científica hard de Verne criou plataforma para a afirmação de autores como Michael Crichton e William Gibson, e gêneros como o steampunk e cyberpunk**. Revista CULT . São Paulo: Editora Bregantini, Março de 2005. Ano VII, nº 90. Pág. 59.

_____. **Patrulha para o Desconhecido**. Isaac Asimov Magazine nº 14 (1991) : 72-100.

_____. **Capacetes azuis, verdes e amarelos**. In: Tríplice Universo. Roberto Schima, Cid Fernandez e Roberto de Sousa Causo. São Paulo: Edições GRD, 1993.

_____. **Terra Verde**. São Paulo: Grupo Editorial Cone Sul, 1999.

_____. **O PAR**. In: Vinte voltas ao redor do Sol: Uma antologia comemorativa. Alfredo Franz Keppler Neto (org.). São Paulo: Clube de Leitores de Ficção Científica, 2005.

_____. **A mulher mais bela do mundo** In: Fronteiras. António de Macedo (org.). Cascais: Simetria, 1998. pp. 57-66.

CERQUEIRA, Luiz Alberto. **Filosofia Brasileira: Ontogênese da Consciência de Si**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CLEMENTE de Alexandria. **Tapeçarias. V, 109- 110 e VII, 22**. In: Os Pré-Socráticos: Fragmentos, Doxografia e Comentários. Trad. Wilson Regis. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000. Pág. 70-71. (Coleção Os Pensadores).

CLIFFORD, James. **A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Org. José Reginaldo Santos Gonçalves. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

_____. MARCUS, George E. **Retóricas de la Antropologia**. Trad. José Luis Moreno-Ruíz. Espanha / Madrid: Ediciones Júcar Universidad, 1991. (Série Antropología).

CORRÊA, Mariza. **História da Antropologia no Brasil (1930-1960)/Testemunhos: Emílio Willems/Donald Pierson**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, Vêitice, Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1987.

_____. **As ilusões da liberdade: a escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil**. 2º ed. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

CORRÊA, Mônica Cristina. **Literatura científica ou ciência literária?** Revista Scientific American: Exploradores do Futuro – Júlio Verne: A incrível Viagem. São Paulo: Segmento-Duetto, 2005 (01): p. 98-99.

COSTA, Antonio Luiz Monteiro Coelho da Costa. **O Amanhã é Nosso**. Revista Carta Capital: política, economia e cultura. Ano X, nº 273, 14 de Jan. de 2004. Disponível em: http://cartacapital.terra.com.br/site/exibe_materia.php?id_materia=1199&tipo=impressao. Acesso em 14/01/04.

COSTA, João Cruz. **Contribuição à história das idéias no Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.1967.

CRUZ, Ana Lúcia Rocha Barbalho da. **As viagens são os viajantes: dimensões identitárias dos viajantes naturalistas Brasileiros do século XVIII**. Revista História: Questões e Debates. Curitiba, nº36, p. 61-98, 2002.

CUNHA, Fausto. **Ficção científica no Brasil: um planeta quase desabitado**. In: Allen, L. David. No Mundo da ficção científica. São Paulo: Summus Editorial, [S. D.].

DANTON, Gian (pseud. de Ivan Carlo Andrade de Oliveira). **Ciência e quadrinhos**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005.

DARWIN, Charles. **A Origem das Espécies – Esboço de 1842**. Trad. Mario Fondelli. Rio de Janeiro: Newton Compton Brasil, 1996.

DASTON, Lorraine. **A Cultura da Curiosidade: Tão condenada durante a Idade Média, as curiosidade, sede do saber, estimulou a exploração do mundo a Renascença**. Scientific American: História – A Ciência no Renascimento. São Paulo: Segmento-Duetto, 2005 (02): p. 8-11.

DESMOND, Adrian. MOORE James. **DARWIN: A vida de um evolucionista atormentado**. Trad. Cynthia Azevedo. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

DOMINGUES, Heloisa Maria Bertaol (Org.). **A Recepção do Darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

_____. **Ciência: Um caso de Política – As relações entre as Ciências Naturais e a Agricultura no Brasil Império**. Tese de doutorado. São Paulo: FFLCH, 1995.

DUARTE, Rubens. LIMA, Ivan. **Astrobiologia: o estudo da origem e evolução da vida dentro e fora do planeta Terra**. Revista macroCOSMO.com , ano 2, n. 13, dez 2004, p. 11-30. Site: www.macrocosmo.com .

DULCI, Luiz. **O Brasil na ONU**. Revista Virtual NOVAe. Entrevista a Mayara Fagundes. 24/08/2003. Disponível em: http://www.novae.inf.br/entrevistas/luiz_dulci.htm.

DUTRA Luiz Henrique de Araújo. **Introdução à teoria da ciência**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: Uma história dos costumes**. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELSÄSSER, Hans. **O Cosmos que nos Rodeia**. In: Estamos sós no Cosmos? As respostas de onze cientistas. Trad. António Last. Lisboa: Edições 70, 1970.

EPICURO. **Antologia de Textos**. Trad. Agostinho da Silva. 2º ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção - Os Pensadores)

FEGUEIREDO, Cláudio. **A ciência dos opostos**. Revista Nossa História. Editora Vera Cruz. Ano 3, nº27, janeiro de 2006, p. 52-56.

FERREIRA, Lúcio M. **Um bando de ideias novas na Arqueologia (1870-1877)**. Revista Diálogos, V. 15.

FERNANDES, Francisco. LUFT, Celso Pedro. GUIMARÃES, F. Marques. **Dicionário brasileiro Globo: Português**. 41º ed. São Paulo: Editora Globo, 1995.

FLAMMARION, Camille. **A pluralidade de Mundos habitados: estudo onde se expõem as condições de habitabilidade das terras celestes discutidas do ponto de vista da astronomia, da fisiologia natural**. Trad. Noberto de Paula Lima. São Paulo: Ícone, 1995.

_____. **O homem antes da história: ancianidade da raça humana**, Revista Espírita, São Paulo, EDICEL, ano X, vol. 12, p. 359-362, dez. 1867. [Traduzido para o português por Júlio Abreu Filho]

_____. **O Espiritismo e a ciência**, Revista Espírita, São Paulo, EDICEL, ano XII, vol. 5, p. 135-139, maio. 1869. [Traduzido para o português por Júlio Abreu Filho]

_____. **Mémoires biographiques et philosophiques d'un astronome**. s.n., 1911.

_____. **Discurso pronunciado junto ao túmulo de Allan Kardec**. in: KARDEC, Allan. Obras Póstumas. Rio de Janeiro: FEB, 1978.

_____. **Urânia**. Rio de Janeiro: FEB, 1979.

_____. **Estela**. Rio de Janeiro: FEB, 1994.

_____. **Narrações do infinito**. Rio de Janeiro: FEB, 1993.

_____. **O fim do mundo**. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

FONTENELLE, Bernard de Bouvier de. **Diálogos sobre A Pluralidade dos Mundos**. Trad. Denise Bottmann. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

FOUCAUT, M. **A arqueologia do saber**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

_____. **As palavras e as coisas**. 7ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FREIRE, Gilberto. **Casa-grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 49º ed. São Paulo: Global, 2004.

GAIO, Calos Eduardo. CAVALLARO, James Louis. **Conselho de Segurança a qualquer custo?**. Folha de São Paulo - São Paulo, domingo, 29 de maio de 2005. Disponível em: <http://www.global.org.br/portuguese/arquivos/FSP-HaitiCS.html>. Acesso em: 18/06/2005.

GEERTZ, Clifford. **O Saber Local: Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa**. Trad. Vera Mello Joscelune. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **A Interpretação das Culturas**. Trad. Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____. **OBRAS E VIDAS: O antropólogo como autor**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

GINWAY, M. Elizabeth. **Ficção Científica Brasileira: Mitos Culturais e Nacionalidade no País do Futuro**. Trad. De Roberto de Sousa Causo. São Paulo: Devir, 2005.

GOLDSCHMIDT, Vítor. **Tempo Histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos**. In: A religião de Platão. Trad. Ieda e Oswaldo Porchat Pereira. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963. P. 139-147.

GOULD, Stephen J. **A falsa medida do homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

HELFERICH, Gerard. **O Cosmos de Humboldt: Alexander von Humboldt e a viagem à América Latina que mudou a forma como vemos o mundo**. Trad. Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

HERBERT, Frank. **O Imperador-Deus de Duna**. Trad. Jorge Luiz Calife. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HOBBSAWM, Eric J. **Mundos do Trabalho: Novos Estudos sobre História Operária**. Trad. Waldea Barcellos e Sandra Bedran. Editora Paz e Terra: [S.D.] p. 293

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso: Os motivos Edêmicos no Descobrimento e Colonização do Brasil**. São Paulo: Brasiliense / Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais**. Trad. Luiz Repa. São Paulo: Ed. 34, 2003.

HOWRAD, KOCB. **A Guerra dos Mundos**. In: Antologia Cósmica – Primeiros contatos com seres extraterrestres. Fausto Cunha (org.). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1981.

JOBIM, José Luís. **Indianismo Literário na Cultura do Romantismo**. Rev. Let., São Paulo, 37/38:35-48, 1994-1998.

JUNG, Carl Gustav. **Um mito moderno sobre coisas vistas no céu**. trad. de Elva Bornemann Abramowitz; revisão técnica de Jette Bonaventure. Petrópolis: Vozes, 1988.

JUNIOR, Donato Mello. **Pesquisas sobre Benjamin Mary, Diplomata-Aquarelista, e Louis Van Houte, Botânico, Belgas que estiveram no Brasil Regêncial.** Revista do IHGB. Rio de Janeiro, V. 307, p. 96-108, abr./jun. 1975.

KIPNIS, Renato. **A colonização da América do Sul.** Acesso em: 10/09/2003. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/arqueologia/arq12.shtml>.

KOLOSIMO, Peter. **Sombra sobre as Estrelas.** Trad. Anacleto Valtorta. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1971.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas.** Trad. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São paulo: Perspectiva, 1989.

_____. **Paradigmas da evolução científica.** In: A filosofia Americana: Conversações. Org: Giovanna Borradori. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora Unesp, 2003

KURY, Mário da Gama. **O Homem das 50 vidas.** In: Plutarco. Alexandre e César: Vidas Comparadas. Trad. Hélio Veja. São Paulo: Editora Escala [S.D]. (Coleção Mestres Pensadores)

KURY, Lorelai. **A Comissão Científica de Exploração (1859-1861): A ciência imperial e a musa cabocla.** In: HEIZER, Alda. VIDEIRA, Antonio Augusto Passos (Org.). Ciência, Civilização e Império nos Trópicos. Rio de Janeiro: Access, 2001a. p. 29-54.

_____. **A sereia amazônica dos Agassiz: zoologia e racismo na viagem ao Brasil.** Revista Brasileira de História. São Paulo, V. 21, n^o 41, p. 157-172, 2001b.

LANNES, Ulisses Lisboa Perazzo. **O Brasil e as Operações de Manutenção da Paz.** In: O Brasil e as Novas Dimensões da Segurança Internacional. Gilberto Dupas e Tullo Vigevani (org.). Editora Alfa-Omega: São Paulo, 1999.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LEACH, Edmund Ronald. **Sistemas Políticos da Alta Birmânia.** Trad. Antonio de Pádua, Geraldo Gerson de Souza e Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro.** 2 ed. São Paulo: Pioneira, 1969.

LEPENIES, Walf. **As três culturas.** Trad. Maria Clara Cescato. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O cru e o cozido (Mitológicas V. 1).** Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

_____. **O Pensamento Selvagem.** Trad. Maria Celeste da Costa e Souza e Almir de Oliveira Aguiar. São Paulo: Companhia Nacional, Editora da USP, 1970.

LEY, Willy. **A Conquista de Marte**. Trad. Luís Gomes Ribeiro. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1967.

LIMA, Nísia. SÁ, Dominichi de. **Um Mestre da Ciência para Todos**. Revista Nossa História. Ano 2, nº 17 de março de 2005. Rio de Janeiro: Editora Vera Cruz.

LODI-RIBEIRO, Gerson. **Quando os humanos foram embora**. São Bernardo dos Campos: Edição Hiperespaço, 1999. (Coleção Fantástica Nº1)

_____. **Terraformização**. Acesso em 10/08/2005. Disponível em: <http://www.geocities.com/SoHo/Cafe/6258/terrafor.html>.

LOPES, Maria Margaret. **A mesma fé e o mesmo empenho em suas missões científicas e civilizadoras: os museus brasileiros e argentinos do século XIX**. Revista Brasileira de História. São Paulo, V. 21, nº 11, p. 56-70, 2001.

LUND, P. W. **Carta escripta da Lagoa Santa ao senhor secretário do Instituto**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1842, vol. 4: 30-87.

_____. **Carta escripta de Lagoa Santa a 21 de abril de 1844**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1844, vol. 6: 334-342.

MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o romantismo**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

MAGALHÃES, José Vieira Couto de. **Ensaio de Antropologia**. RIHGB, (36): 359-516, 1873.

_____. **O Selvagem**. Belo Horizonte / São Paulo: Itatiaia / Edusp, 1975.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Trad. Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri. 2º ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Pensadores).

MARTINS, Wilson. **História da Inteligência Brasileira. VOL. III (1855-1877)**. São Paulo: Cultrix e Editora da USP, 1977.

MARTINS, Ricardo Jorge Teixeira. **A Nuvem**. IN: Dinossauria Tropicalia. Roberto de Sousa Causo (org.). Edições GRD: São Paulo, 1994. (Ficção Científica GRD, NOVA SÉRIE, VOL. 18). PP. 42-55.

MAYER. Padre Antonio de Castro. **Evolução do Pensamento Antigo**. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1944. (2ª edição)

MERCIER, Paul. **História da Antropologia**. Trad. Manuela Torres. Lisboa: Teorema, 1986.

MICELI, SERGIO. (org.) **História das Ciências Sociais no Brasil**. Vol.2. São Paulo: Editora Sumaré, Fapesp, 1995.

MOLES, Abraham Antoine. **A criação científica**. Trad. Gita K. Guinseburg. São Paulo: Perspectiva Editora, 1971.

MORAES, Abraão. **A astronomia no Brasil**. In: AZEVEDO, Fernando de. As ciências no Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1955. p. 81-161.

MORANU, Jeremias [pseud. de Roberto de Sousa Causo]. **Fc Br: A ficção Científica Brasileira Revista**. SOMNIUM. Publicação oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica: nº 10, dez., 1996. pp. 43-46.

MORICONI, Itálo. **Um Estadista sensitivo: A noção de formação e o papel do literário em minha formação, de Joaquim Nabuco**. RBCS. Vol.16, nº 46, p. 161-172, jun. 2001.

NETO, Alfredo Franz Keppler (org.). **Vinte voltas ao redor do Sol: Uma antologia comemorativa**. São Paulo: Clube de Leitores de Ficção Científica, 2005.

NETTO, Ladislau de Souza Mello e. **Ao leitor**. Revista da Exposição Antropológica Brasileira. Rio de Janeiro: Tipografia Pinheiro, p. iii, 1882.

_____. **Discurso Inaugural da Exposição Antropológica**. Revista da Exposição Antropológica Brasileira. Rio de Janeiro: Tipografia Pinheiro, p. 78, 1882.

_____. **Leitura pelo Dr. Ladislau Netto sobre a inscrição Fenícia**. T. 36. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: 1873.

_____. **Apontamentos sobre os Tembetás da Coleção Arqueológica do Museu Nacional**. Arquivos do Museu Nacional, (2). 105-163, 1877.

_____. **Instruções a C. Winer pelo Dr. Ladislau Netto**. Arquivos do Museu Nacional, (1). p.2, 1876.

_____. **Investigações sobre a Arqueologia Brasileira**. Arquivos do Museu Nacional, (6). p.257-553, 1885.

NEVES, Walter A. HUBBE, Marke. **Luzia e a saga dos primeiros americanos**. Revista Scientific American Brasil, ano 2, n. 15, agosto de 2003. p. 24-31.

_____. ATUI, João Paulo V. **O mito da homogeneidade biológica na população paleoíndia de Lagoa Santa: implicações antropológicas**. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2004, V. 47 n.º 1.

NO CINEMA. Scientific American – Exploradores do Futuro – H. G. Wells, São Paulo: Segmento-Duetto, 2005 (02): p. 70-77.

NOGUEIRA, Salvador. **RUMO AO INFINITO: Passado e futuro da aventura humana na conquista do espaço**. São Paulo: Editora Globo, 2005.

OLIVEIRA, Fátima Cristina Regis Martins de. **Como a Ficção científica conquistou a atualidade**. Trabalho apresentado no XXIV Congresso Brasileiro de Comunicação. Set. Campo Grande: 2001, 16 p. (Mimeogr.)

OTERO, Léo Godoy. **Introdução a uma história da ficção científica**. São Paulo: Lua Nova, 1987.

PAIM, Antonio. **História das idéias filosóficas no Brasil**. São Paulo: Grijalbo, 1967.

PATACA, Ermelinda Moutinho. **A confecção de desenhos de peixes oceânicos das “Viagens filosóficas” (1783) ao Pará e à Angola**. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Vol. 10 (3):979-91, Sept-Dec, 2003.

PEIRANO, Mariza G. S. **Uma Antropologia no Plural: Três Experiências Contemporâneas**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992.

PENA, Sérgio D. J. **Razões para banir o conceito de raça da medicina brasileira**. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, V. 12, nº 1, p. 321-46, maio-ago. 2005.

PEREIRA, Fabiana da Camara Gonçalves. **Fantástica Margem: O cânone e a ficção científica brasileira**. Dissertação de Mestrado. PUC – Rio de Janeiro, abril de 2005.

PESSANHA, José Américo Motta. **BRUNO: Vida e Obra**. In: Giordano Bruno. *Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos*. Trad. Helda Barraco e Nestor Deola. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Pág. V a XII).

PLUTARCO. **Opinião de Alguns Pensadores Antigos Sobre a Lua**. In: FLAMMARION, Camille. *A pluralidade de Mundos habitados: estudo onde se expõem as condições de habitabilidade das terras celestes discutidas do ponto de vista da astronomia, da fisiologia natural*. Trad. Noberto de Paula Lima. São Paulo: Ícone, 1995. Pág. 356-358.

PONTES, Heloisa. **Círculo de Intelectuais e Experiência Social**. RBCS.Vol.12, nº 34, p. 57-69, jun. 1997.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império – relatos de viagem e transculturação**. Bauru/São Paulo: EDUSC, 1999.

RAMINELLI, Ronald. **Desventuras na selva: Alexandre Rodrigues Ferreira enfrentou doenças, índios e animais ferozes numa expedição ao Brasil no século XVIII, mas os resultados dos seus esforços só surgiram muito tempo depois**. *Revista de História*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Agosto de 2005. Ano 1, Nº 2. Pág. 74-79.

REVISTA USP. **Dossiê Brasil dos Viajantes**. São Paulo: V. 30, Jun. / Ago. 1996. 238 p. Edição Especial.

RIBEIRO, Darcy. **Os Brasileiros: Teoria do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1978.

RIBEIRO, J. Costa. **A física no Brasil**. In: AZEVEDO, Fernando de. *As ciências no Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1955. p. 163 – 202.

ROCQUE, Lucia de La. TEIXEIRA, Luiz Antonio. **Frankenstein, de Mary Shelley, e Drácula, de Bram Stoker: gênero e ciência na literatura**. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Vol. VIII (1), 10-34, mar. –jun. 2001.

ROMARIZ, Dora de Amarante. **Humboldt e a Fitogeografia**. São Paulo: Lemos Editora, 1996.

ROMERO, Silvio. **Doutrina contra Doutrina: O Evolucionismo e o Positivismo no Brasil**. In: *Obra Filosófica*. Rio de Janeiro / São Paulo: José Olympio, Edusp, 1969.

_____. **Explicações indispensáveis: Prefácio a vários escritos**. Sergipe: Editora do Estado de Sergipe, 1926.

RORTY, Richard. **Thomas Kuhn, as Pedras e as Leis da Física**. Trad. Paulo Ghiraldelli Jr. *Cadernos de Tradução da Faculdade de Filosofia e Ciências – Unesp – Marília, SP*. Marília, n.º 1, 1998. p. 21-42.

_____. **Acerca do etnocentrismo: uma réplica a Clifford Geertz**. *Objetivismo, relativismo e verdade: Escritos Filosóficos I*. Trad. Marco Antônio Casanova. Relume Dumará: Rio de Janeiro, 1997.

_____. **Para realizar a América: o pensamento da esquerda no século XX na América**. Trad. Paulo Ghiraldelli Jr., Alberto Tosi Rodrigues e Leoni Henning. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

ROSSI, Paolo. **A Ciência e a Filosofia dos Modernos**. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

RUBIM, Chistina de Rezende. **Antropólogos Brasileiros e a Antropologia no Brasil: A era da Pós Graduação**. Campinas: Unicamp. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). IFCH / Unicamp, 1996.

SAGAN, Carl. **O romance da ciência**. 3ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viajem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Tradução de Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975, v.4. (Coleção Reconquista do Brasil).

SANDERS, William T. MARINO, Joseph. **Pré-História do Novo Mundo: Arqueologia do Índio Americano**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

SCHOEREDER, Gilberto. **Ficção Científica**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **O Espectáculo da Miscigenação**. In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertaol (Org.). *A Recepção do Darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. p. 165-180.

_____. **As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHWARTZMAN, Simon. **Um espaço para a Ciência: A formação da comunidade científica no Brasil**. Rio de Janeiro: Março, 2001. Disponível em: < <http://www.Schwartzman.org.br/simon/portuguese.html>>. Acesso em: 05 de out. 2003.

SCHWARZ, Roberto. **Um Mestre na Periferia do Capitalismo: Machado de Assis**. São Paulo: Editora 34, 2000. (Coleção Espírito Crítico)

SENA, Custodia Selma. **Em favor da tradição ou falar é fácil, fazer é que são elas**. Brasília: Universidade de Brasília / Departamento de Antropologia: 1987. (Série Antropologia nº 63).

SCAVONE, Rubens Teixeira. **O Homem que viu o Disco-Voador**. São Paulo: Clube do Livro, 1966.

SEVCENKO, Nicolau. **O Front Brasileiro na Guerra Verde: vegetais, colonialismo e cultura**. Revista USP, São Paulo (30): 108-119, Junho/Agosto de 1996.

_____. **Literatura como missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República**. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein: ou o moderno Prometeu**. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2002.

SHIMA, Roberto. **Os Fantasmas de Vênus**. In: Tríplice Universo. Roberto Schima, Cid Fernandez e Roberto de Sousa Causo. São Paulo: Edições GRD, 1993.

SILVA, C. Pereira da. **A Contribuição de Otto Alencar Silva para o desenvolvimento da ciência no Brasil** Revista da SBHC. Nº 19, p. 13-30, 1988.

SILVA, César. **Um Clássico Moderno da FCB**. Fanzine Somnium. Edição do Clube de Leitores de Ficção Científica. Ano XVIII, Nº 90. Pág. 4-5.

SIMPLÍCIO. **Sobre a Natureza**. In: Os Pré-Socráticos: Fragmentos, Doxografia e Comentários. Trad. Maria C. M. Cavalcante. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000. Pág. 221-224. (Coleção Os Pensadores)

SMANIOTTO, Edgar Indalecio. **Augusto Emílio Zaluar e a Constituição do Campo da Antropologia no Brasil**. In: UNIVERSIDADE E CONTEMPORANEIDADE: PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL - Coletânea de textos do VI Simpósio em Filosofia e Ciência. FFC / Marília / UNESP - Comissão Permanente de Publicações, 2005. (Trabalho Completo)

_____. **Augusto Emílio Zaluar e a Constituição do Campo da Antropologia no Brasil**. In: IX JORNADA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 2004, Marília. Jornada de Estudos Roberto Cardoso de Oliveira. Unesp Marília Publicações, 2004. (Resumo)

_____. **Augusto Emílio Zaluar e a Constituição do Campo da Antropologia no Brasil**. In: XXIV REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA: NAÇÃO E CIDADANIA, 2004, Olinda - Pernanbuco. Programa e Resumos. 2004. p. 381. (Resumo)

_____. **Augusto Emilio Zaluar e o surgimento da Ficção Científica Brasileira.** Revista SOMNIUM. Ano 21 – nº 39 – jan/fev. 2006. pag. 3-11.

_____. **Augusto Emilio Zaluar, um astrobiólogo no Império de Pedro II.** Revista macroCOSMO.com, macroRESENHA, v. 15, p. 38-41, 01 fev. 2005. Disponível em: www.macrocosmo.com.

SODRÉ, Nelson W. **História da literatura Brasileira.** São Paulo: Difel, 1982.

SOUZA, Alfredo Mendonça de. **História da Arqueologia Brasileira.** Instituto Anchieta de Pesquisas: Antropologia, (46): 11-157, 1991.

SIEBENMANN, G. **Sobre a problemática relação entre literatura e ciência.** Trad. Elsa M. de Jesus e Ernilda J. Stein. Revista de Letras. Assis, V. 13, p. 39-65, 1970 / 1971.

STOKER, Bram. **Drácula.** Trad. David Jardim Junior. [s.c]: Ediouro, [s.d].

TARNAS, Richard. **A Epopéia do Pensamento Ocidental: Para compreender as idéias que moldaram nossa visão de mundo.** Trad. Beatriz Sidou. Bertrand Brasil, [S.D.T.].

TAUNAY, Affonso de E. **Dois Palavras.** In: ZALUAR, Augusto Emílio. Peregrinação pela Província de São Paulo (1860-61). São Paulo: Ed. Itatiaia, USP, 1975. p. 5-9.

TAVARES, Braulio. **A espinha dorsal da memória.** Lisboa / Portugal: Editorial Caminho, 1989.

_____. **O que é Ficção Científica?.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

TAX, Sol. **Panorama da Antropologia.**[S.D.T.]. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1966.

TOCANTINS, Antonio Manoel Gonçalves. **Relíquias de uma Grande Tribo Extinta.** RIHGB, (39). p. 51-64. 1876.

_____. **Estudos sobre a tribo Munducuru.** RIHGB, (40). p. 10-161, 1877.

VALIM, Alexandre Busko. **Os marcianos estão chegando.** Revista de História da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2005 (04): p. 64-69.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. **O Brasil no Conselho de Segurança da ONU.** Site Relações Internacionais – Artigos. Acesso e Publicação: 28/09/2004. Disponível em: <http://educaterra.terra.com.br/vizentini/artigos/2004/09/28/000.htm>.

VELASCO, Honorio. RADA, Ángel Diaz de. **La lógica de la investigación etnográfica: Un modelo de trabajo para etnógrafos de la escuela.** Espanha/Madrid: Editorial Trotta, 1997.

VIDEIRA, Antonio Augusto Passos. **Luiz Cruls e a Astronomia no Imperial Observatório do Rio de Janeiro.** In: HEIZER, Alda. VIDEIRA, Antonio Augusto Passos (Org.). Ciência, Civilização e Império nos Trópicos. Rio de Janeiro: Access, 2001. p. 29-54.

VERNE, Júlio. **Viagem ao Redor da Lua**. Trad. Vieira Neto. São Paulo: Hemus, 1971.

_____. **Cinco Semanas em Balão**. Trad. Otávio de Vasconcelos. São Paulo: M. P., 1965.

VOLTAIRE. **Micromégas** In: Contos. Trad. Roberto Domenico Proença. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

WELLS, Herbert George. **A Guerra dos Mundos**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2000.

_____. **Tono-Bungay**. Trad. Mara Elizabeth. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1990.

_____. **A Máquina do Tempo**. [S.T.] Portugal / Mem Martins: Publicações Europa-América, 1992. (Coleção FC-Bolso nº 191).

_____. **A Ilha do Dr. Moreau**. [S.T.] Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1983. (Coleção Mestres do Horror e da Fantasia).

_____. **O Alimento dos Deuses**. [S.T.] São Paulo: Editora La Selva, 1964. (Coleção Espacial nº 5).

_____. **O Homem Invisível**. [S.T.] Portugal / Mem Martins: Publicações Europa-América, 1992. (Coleção FC-Bolso nº 190).

WIED, Maximilian Prinz Von. **Viagem ao Brasil**. Tradução de Edgar Sússekind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1989, v.156. (Coleção Reconquista do Brasil, 2ª série).

ZALUAR, ALBA. **América Redescoberta: O Civilizado Cientista e seus outros**. In: Augusto Emílio Zaluar. **O Doutor Benignus**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. pp. 371-376.

ZALUAR, Augusto Emílio. **O Doutor Benignus**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994

_____. **Peregrinação pela Província de São Paulo (1860-61)**. São Paulo: Ed. Itatiaia, USP, 1975. p. 5-9.

_____. **Emilia Adelaide**. Rio de Janeiro, Typ. do Diário de Rio de Janeiro, 1871. (Disponível na Biblioteca Nacional)

_____. **Lições das cousas animadas e inanimadas; modelos e assumptos de exercicios oraes e por escripto para os meninos de 5 a 8 annos, imitação, para uso das escolas primarias 3. ed**. Rio de Janeiro, Liv. classica de Alves & comp., 1893. (Disponível na Biblioteca Nacional)

_____. **Exposição Nacional Brasileira de 1875**. Rio de Janeiro : Typ. do Globo, 1875. (Disponível na Biblioteca Nacional)

_____. **Poesias**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1846. (Disponível na Biblioteca Nacional)

_____. **Revelações**. Rio de Janeiro-Paris: Livraria de B. L. Garnier, 1862. (Disponível na Biblioteca Nacional)

_____. **Dores e flores**. Rio de Janeiro: Typ. De F. de Paula Brito, 1851. (Disponível na Biblioteca Nacional)

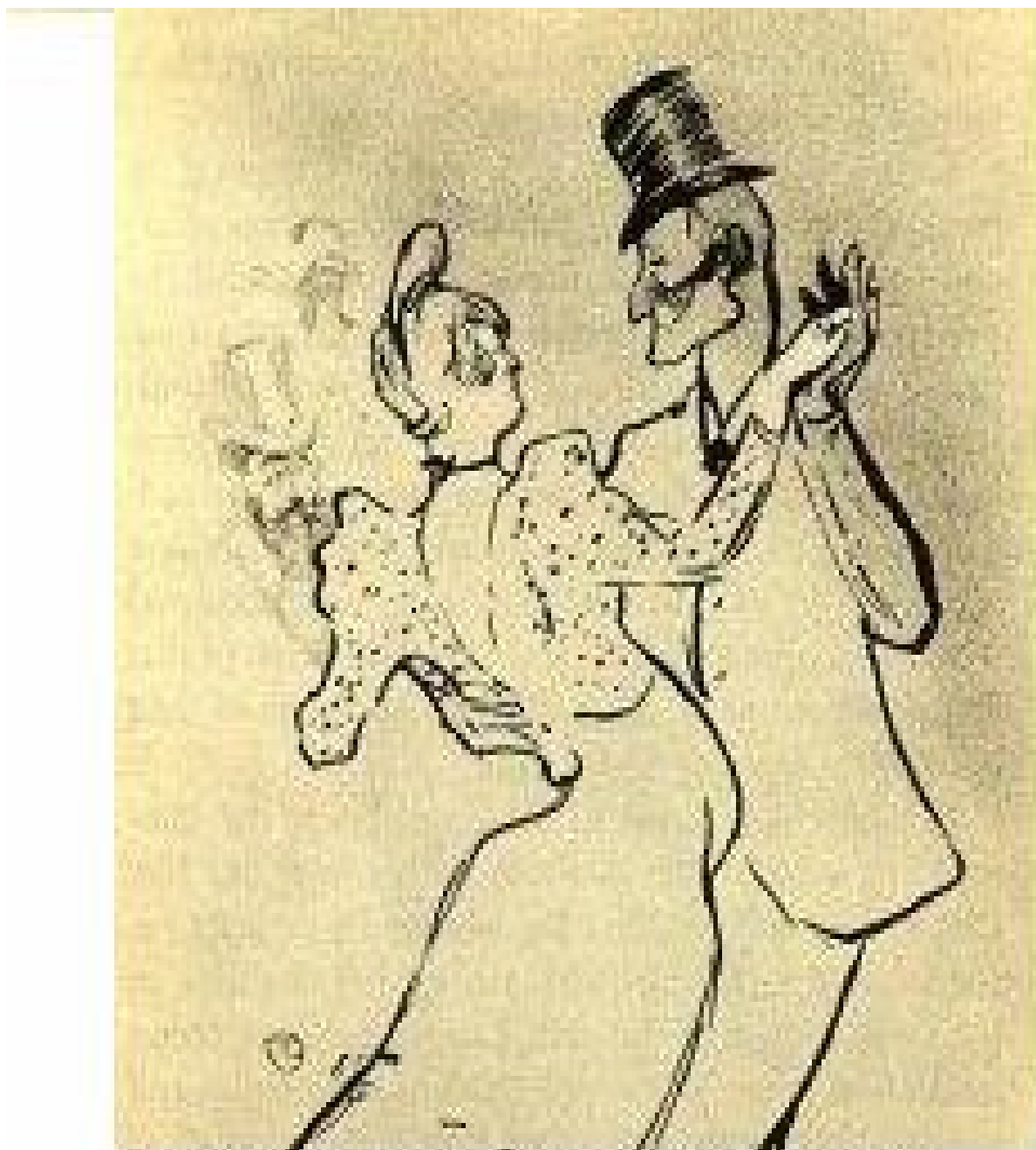
_____. **Uruguayana**. Rio de Janeiro : Typographia Universal de Laemmert, 1865. (Disponível na Biblioteca Nacional)

_____. **Os Rios. A S.M. Imperial o Senhor Dom Pedro Segundo**. [S.l: s.n, s.d.] 6p. 22cm. (Disponível na Biblioteca Nacional)

_____. **Contos da Roça**. Rio de Janeiro : Typographia do Diario do Rio de Janeiro, 1868. (Disponível na Biblioteca Nacional)

ZARIAS, Alexandre. **Novos dados lançam dúvidas sobre o homem americano**. Acesso em: 10/09/2003. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/arqueologia/arq02.shtml>.

ZENHA, Celeste. **Os Marqueteiros do Imperador: Mobilizando diplomatas e gastando muito dinheiro em propaganda, D. Pedro II fez de tudo para construir, na Europa, uma opinião favorável sobre o Brasil**. Revista Nossa História. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004. Ano 1, N. 8. p. 70.

ANEXO A – CARTAZ DE TOULOUSE LOUTREC

Henri Toulouse Lautrec - (1864-1901) -
La gouleue et Valentin le désossé